

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta, disse Mário de Andrade em poema antológico, referindo-se a si mesmo e à identidade brasileira: plural, múltipla, em constante devir. Ao longo de sua vida, o autor de *Macunaíma*, *Pauliceia desvairada*, entre outros tantos títulos hoje clássicos, empreendeu busca constante da “alma” do Brasil. Para tanto, valeu-se de várias frentes: poesia, romance, crônica, fotografia, história da arte, crítica literária, musicologia. Ao lado de outros jovens iconoclastas, organizou A Semana de Arte Moderna de 1922, que renovou as artes e as letras nacionais, permitindo reflexões inovadoras sobre o jovem país que naquele momento completava cem anos de vida.

Hoje, em 2022, ano do Bicentenário da Independência do Brasil, o Itamaraty e a FUNAG prestam tributo a Mário de Andrade, relançando um de seus mais importantes projetos escriturais: *A gramatiquinha da fala brasileira*. Embora pouco conhecida do grande público (e nunca publicada em vida pelo autor), a obra constitui estudo completo e autêntico da variante da língua portuguesa falada no Brasil, abrangendo aspectos linguísticos, psicológicos e poéticos.

Compreendida a princípio como língua brasileira e, mais tarde, língua nacional, tal variante tornou-se não só instrumento linguístico para artistas e intelectuais do país, mas também emblema que revela profundo sentido de nossa identidade. Ao analisá-la, *A gramatiquinha* ainda hoje se mantém atual, colocando na agenda temas essenciais à diplomacia brasileira: a defesa do idioma português como entidade viva, patrimônio imaterial compartilhado por todos os Estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a partir do reconhecimento de suas particularidades e de suas diferenças. Parafraseando Mário de Andrade, a língua portuguesa não é uma, não possui dono: é “trezentos, trezentos-e-cinquenta”.

Embaixadora Paula Alves de Souza,
Diretora do Instituto Guimarães Rosa



A Portaria nº 365 do Ministério das Relações Exteriores, de 11 de novembro de 2021, dispõe sobre o Grupo de Trabalho do Bicentenário da Independência, incumbido de, entre outras atividades, promover a publicação de obras alusivas ao tema.

No contexto do planejamento da efeméride, a FUNAG criou a coleção “Bicentenário: Brasil 200 anos – 1822-2022”, abrangendo publicações inéditas e versões fac-similares. O objetivo é recuperar, preservar e tornar acessível a memória diplomática sobre os duzentos anos da história do país, principalmente volumes que se encontram esgotados ou são de difícil acesso. Com essa iniciativa, busca-se também incentivar a comunidade acadêmica a aprofundar estudos e diversificar as interpretações historiográficas, promovendo o conhecimento da história diplomática junto à sociedade civil.



Mário de Andrade

A gramatiquinha da fala brasileira

Mário de Andrade

A gramatiquinha da fala brasileira

Aline Novais de Almeida (Org.)

Edição comemorativa do Instituto Guimarães Rosa



No ano em que se celebram o Bicentenário da Independência do Brasil e o Centenário da Semana de Arte Moderna, a Fundação Alexandre de Gusmão tem orgulho em se associar à primeira publicação do recém-criado Instituto Guimarães Rosa, a qual presta merecida homenagem a Mário de Andrade.

Nascido em São Paulo, em 9 de outubro de 1893, sua precoce inclinação para a poesia foi complementada por sólida formação musical, que o tornaria autoridade em teoria e história da música, com um olhar especial para as composições folclóricas do interior do Brasil. Andrade estreou em 1917 com *Há uma gota de sangue em cada poema*. Em 1922, lançou *Pauliceia Desvairada*, considerado o marco fundador da poesia modernista brasileira, e tornou-se figura de proa da Geração de 22.

Autodidata, explorou também os territórios da crítica de arte, antropologia, filosofia, linguística, jornalismo e fotografia. Teve, ademais, atuação proeminente como diretor do Departamento de Cultura de São Paulo e como diretor do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Bibliófilo e colecionador de arte erudita e popular, reuniu um vasto e rico acervo. Em 25 de fevereiro de 1945, morreu em sua residência em São Paulo, deixando valioso legado de documentação sobre a cultura popular e, ao mesmo tempo, produção artística que representa verdadeiro ponto de inflexão na poesia e na literatura de nosso país.

A auspiciosa escolha da *Gramatiquinha* para esta edição comemorativa já revela a nascente vocação do IGR como impulsionador do resgate, preservação e divulgação da cultura brasileira nos planos nacional e internacional. A Fundação Alexandre de Gusmão está pronta para caminhar lado a lado com o Instituto Guimarães Rosa nesta jornada.

Embaixadora Márcia Loureiro,
Presidente da Fundação Alexandre de Gusmão

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO



Mário de Andrade

A gramatiquinha da fala brasileira

Aline Novais de Almeida (Org.)

Edição comemorativa do Instituto Guimarães Rosa

BICENTENÁRIO



A gramatiquinha da fala brasileira

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

| | |
|-----------------------------------------|-----------------------------------------|
| Ministro de Estado | Embaixador Carlos Alberto Franco França |
| Secretário-Geral | Embaixador Fernando Simas Magalhães |
| Diretora do Instituto Guimarães Rosa | Embaixadora Paula Alves de Souza |

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

| | |
|----------------------------------------------------------------|----------------------------------|
| Presidente | Embaixadora Márcia Loureiro |
| Diretor do Centro de História e Documentação Diplomática | Embaixador Gelson Fonseca Junior |
| Diretor do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais | Ministro Almir Lima Nascimento |

A Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

A FUNAG, com sede em Brasília, conta em sua estrutura com o Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais – IPRI e com o Centro de História e Documentação Diplomática – CHDD, este último no Rio de Janeiro.



Mário de Andrade



A gramatiquinha da fala brasileira

Aline Novais de Almeida (Org.)



BRASÍLIA, 2022

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H, Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília-DF
Tel.: (61) 2030-9117/9128
Site: gov.br/funag
E-mail: funag@funag.gov.br

Organizadora:

Aline Novais de Almeida

Colaboradores:

Lígia Rivello Baranda Kimori
Ataliba T. de Castilho
Sérgio Rodrigues

Equipe Técnica:

Fernanda Antunes Siqueira
Gabriela Del Rio de Rezende
Guilherme Monteiro
Henrique da Silveira Sardinha Pinto Filho
Kamilla Sousa Coelho
Luiz Antônio Gusmão
Mônica Melo

Revisão:

Júlia Godoy

Diagramação:

Denivon Cordeiro de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A553g Andrade, Mário de

A gramatiquinha da fala brasileira / Mário de Andrade ; Aline Novais de Almeida
(Org.) – Brasília: FUNAG, 2022.

209 p. : il., color. – (Bicentenário: Brasil 200 anos - 1822-2022)
Edição comemorativa do Instituto Guimarães Rosa

ISBN: 978-85-7631-851-4

1. Literatura brasileira. 2. Língua brasileira. 3. Língua portuguesa - Gramática.
4. Linguística – Historiografia. I. Título II. Almeida, Aline Novais de III. Coleção
IV. Fundação Alexandre de Gusmão

CDU 81'36=134.3

Sumário

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| PREFÁCIO | 7 |
| Mário de Andrade: gramático? <i>Ataliba T. de Castilho</i> | |
| APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO | 17 |
| Mário de Andrade e o arquivo da fala brasileira <i>Aline Novais de Almeida</i> | |
| SOBRE ESTA EDIÇÃO | 33 |
| A GRAMATIQUINHA DA FALA BRASILEIRA | 37 |
| LÍNGUA BRASILEIRA | 39 |
| IDEIAS PARA CAPÍTULOS PARTICULARES | 63 |
| IDEIAS GERAIS SOBRE LÍNGUA | 99 |
| IDEIAS GERAIS | 107 |
| INQUÉRITO GERAL ETNOGRÁFICO | 123 |
| SELETA DE ARTIGOS DE MÁRIO DE ANDRADE: DESDOBRAMENTOS D'A GRAMATIQUINHA DA FALA BRASILEIRA | 131 |
| POSFÁCIO | 167 |
| Mário e o meio do caminho eterno <i>Sérgio Rodrigues</i> | |

| | |
|------------------------------|-----|
| REFERÊNCIAS | 177 |
| DOSSIÊ DE IMAGENS | 185 |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 207 |
| SOBRE OS COLABORADORES | 209 |

Mário de Andrade: gramático?

O que era, para Mário de Andrade, uma língua, uma gramática, ou uma “gramatiquinha”, como ele preferiu? Neste prefácio, tento localizar as respostas dadas por MA a essas perguntas.

1. O que é uma língua? Que língua falam os brasileiros?

O objeto da gramática do Português: Português de Portugal ou Português do Brasil?

Mário de Andrade não desdenhou desse tópico, a que retorna seguidamente, ora para zombar do Português de Portugal, ora mostrar por ele uma admiração discreta.

Indo por aqui teremos logo outra pergunta: por que o Português Brasileiro é como é? Por que ele se tornou diferente do Português Europeu, e como isso aconteceu? Vejamos como MA se posicionou a esse respeito.

Na Linguística atual, a agenda respectiva se desdobrou em pelo menos três direções:

- (1) Já existe uma língua brasileira, que resultaria da evolução biológica do Português Europeu.
- (2) O Português Brasileiro é como é dadas as influências que recebeu das línguas indígenas e africanas, sobretudo destas.
- (3) O Português Brasileiro é uma continuação natural do Português Europeu, refletindo hoje o que foi em Portugal o português arcaico do século xv. De acordo com esta direção interpretativa, quem mudou foi o Português Europeu, depois do século xviii, e nós ficamos na nossa.

Qual foi a posição de MA a respeito dos tópicos acima, mesmo não sendo ele um linguista? Indico a seguir o que pude apurar.

1.1. Hipótese evolucionista: já existe uma língua brasileira, que resultaria da evolução biológica do português europeu

MA aborda de modo participativo o tema do Português Brasileiro: “Eu não falei: escrevamos brasileiro. Eu escrevi. Se alguma coisa me orgulha é o poder intelectual maravilhosamente feliz com que eu cumpro os mandamentos da minha fé”.

Admitida, em sua prática de escritor, a existência do Português Brasileiro, seria de esperar que ele buscasse explicações para isso. Porém não. Ele não se envolve nas hipóteses interpretativas dessa nova língua, passando ao largo.

É bem certo que a hipótese evolucionista foi muito debatida a partir de 1820, dado o prestígio da Biologia Evolutiva, e também por influência do nacionalismo desencadeado pelo Romantismo: assim como do Latim surgiu o Português Europeu, assim deste surgirá o Brasileiro, como línguas distintas. A influência das línguas indígenas e das línguas africanas – uma das manifestações da hipótese evolucionista – seria o fato deflagrador da criação de uma nova língua no Brasil.

Autores da época, intensamente sacudida pelo nacionalismo, de que resultaria a independência do país em relação a Portugal, apoiavam-se em autores como Hovelacque e Whitney, este grandemente citado, para sustentar sua posição.

Ora, Pinto mostrou que os primeiros defensores do “brasileiro” leram mal Whitney, no qual se encontram afirmações como

a linguagem não é um fato natural, uma propriedade biológica, mas um fato social [...]; [é preciso] reconhecer a sociedade como árbitro soberano pelo qual se decide a questão de saber se uma inovação passará à língua. É preciso que alguém comece: se não o seguem, está abortada¹.

1 PINTO, Edith Pimentel. (Org.). *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*, 1: 1920-1930: fontes para a teoria e a história. São Paulo: Edusp, 1978, p. LI-LII.

Entendendo mal esses autores, afirmava-se que o surgimento do brasileiro era uma questão de evolução natural, como aquela que ocorre nas espécies. A influência das línguas indígenas e das línguas africanas, um nicho ecológico inexistente em Portugal, terá um peso decisivo para a criação de uma nova língua no Brasil.

Esta posição foi abandonada, mesmo após a volta do biologicismo na Linguística contemporânea, por obra das pesquisas sobre língua e cérebro.

1.2. Hipótese crioulista: o Português Brasileiro deriva de um crioulo?

Eis aqui uma interpretação do Português Brasileiro bastante recorrente. MA passou ao largo desse debate. O fato é que, de uma direção interpretativa sobre o Português Brasileiro fundamentada numa percepção biológica da língua, migramos para uma percepção social da língua: a língua é o que nós somos. Ora, a nação brasileira é bastante mestiça, e isso deveria explicar nossas diferenças em relação a Portugal.

Não tendo elaborado essa questão, ele a trocou por:

1.3. O Português Brasileiro deriva do Português Europeu clássico?

MA não sustenta claramente que o Português Brasileiro deriva do Português Europeu clássico. Ele apenas exalta o modo português de escrever e deprime o modo brasileiro, por ser imitativo: “O brasileiro pra escrever larga do chapelão, e da bota ou do simples paletó praciado e enverga fraque didático”. Ou seja, não é natural, não é espontâneo, escreve como que a medo. E mais além:

Porém o escritor nacional desde que se vê célebre ou lido se preocupa de escrever... à portuguesa.

Esta gramática, pois que gramática implica no seu conceito o conjunto de normas com que torna conscientes a organização duma ou mais falas, esta gramática parece estar em contradição com o meu sentimento. É certo que não tive jamais a pretensão de criar a fala brasileira. Não tem contradição. Só quis mostrar que o meu trabalho não foi leviano, foi sério.

E mais além:

Na medida do um bocado mais que o possível, estudei com paciência a fala portuguesa. E não foi só nas gramáticas de todo gênero não. Nenhum dos clássicos portugueses grandes deixei de ler com paciência. Alguns me foram até familiares como o doce Frei Luís de Sousa que eu gostava muito, Garrett, Camões, Castelo Branco e Latino. Os outros lia mais por obrigação, com verdadeira paciência, sobretudo Vieira e Castilho que jamais não pude apreciar. De Camões sabia de-cor o introito dos *Lusíadas*, a passagem de Inês, a dos doze de Inglaterra, a tempestade e o Adamastor, além de pra mais de cinquenta sonetos. Também se explica tanta decoração.

E mais além ainda: “Vaidosinhos veem que estão célebres no seu tempo e querem ficar célebres pra toda vida. A melhor maneira é serem clássicos não é?”.

O Português Europeu clássico deixa de ser visto como a fonte de uma língua brasileira, virando objeto de vaidade, ou de marketing, como diríamos hoje.

2. Gramática: ciência ou arte?

Houve um tempo em que, para demarcar um campo de estudos, os autores iniciavam seu trabalho com a seguinte pergunta: este campo é uma ciência ou uma arte?

Aparentemente, este modo de iniciar os livros preocupou Mário de Andrade, como se pode ver pelas anotações de sua *Gramatiquinha* aqui mencionadas.

Tão seguro em suas investidas artísticas e em suas atividades de institucionalização da cultura, áreas em que ao longo de sua vida se mostrou um verdadeiro mestre, MA parece inseguro ao lidar com a gramática, como se pode ver abaixo.

- (1) Ele não reconhece que está fazendo ciência: “Assim fica entendido que isto não é uma obra científica. E ainda e sempre uma obra de ficção organizada pelo amor que consagro à Humanidade e nascida da comoção fortíssima que sempre faz nascer em mim a vida das palavras”. Ou seja, a *Gramatiquinha* é Literatura. Por que será, então, que ele denominou *Gramatiquinha* seu trabalho? Mas ele relativiza

essas afirmações logo depois: “Vale mais errar porém fazer do que não errar e não fazer”.

- (2) Na gramática, ou melhor, na *Gramatiquinha*, “não apresento o meu trabalho como obra de técnica, porém obra de ficção”. Rejeitando, assim, a percepção da gramática como uma ciência, MA opta por entendê-la como uma arte – mas o fato é que, no andar da carruagem, ele foi repassando os temas que fazem da Gramática uma ciência. Assim, na leitura de sua *Gramatiquinha*, lá vamos nós, de ambiguidade em ambiguidade. Nem poderia ser diferente, como se verá a seguir.

3. Agenda da *Gramatiquinha*

Deixando de lado um enquadramento claro da *Gramatiquinha* entre as ciências ou entre as artes, costume vigente em seu tempo, MA identifica a agenda da gramática como (1) a classificação de expressões, mesmo reconhecendo a precariedade dessas classificações; (2) o reconhecimento da fluidez na separação entre as categorias gramaticais; (3) o estudo da frase, (4) o estudo do pronome, (5) o estudo da pontuação, (6) gramática e estilística, (7) gramática como um conjunto de usos.

3.1. Gramática como classificação de expressões

Assim MA se manifestou a respeito da Gramática como uma taxonomia, como uma classificação de expressões:

- (1) A palavra é uma entidade. O substantivo é uma entidade qualificativa. O adjetivo é uma entidade limitativa. O verbo é uma entidade acionadora e vitalizadora. O advérbio é uma entidade modalitativa e modificativa. O pronome é uma entidade personalitativa. A preposição não é uma entidade, é ligadura de entidades etc.
- (2) A frase é um substantivo. Mesmo se eu falo “Você é burro” eu criei um substantivo, isto é, uma entidade qualificativa.

Vê-se claramente que por “entidade” ele entende uma supracategoria, suficientemente abstrata como que para abarcar todas as manifestações das expressões.

Outras classificações: MA não se afastou do esforço classificatório próprio das gramáticas. Alguns exemplos:

- a) “Ir-se embora = locução verbal”
- b) “Assim-assim e mais-ou-menos são adjetivos qualificativos”
- c) “Entre as formas compostas de adjetivos demonstrativos (Carlos Pereira, p. 63) não esquecer ‘Esse um’ e ‘Aquele um’”.

Gramática aqui é uma classificação de expressões, em que não convém omitir algumas categorias.

3.2. Elenco das categorias gramaticais: fluidez dos limites entre as categorias gramaticais

Ele percebeu claramente que as categorias gramaticais são fluidas, flexíveis, pois o contexto sintático altera continuamente tais categorias:

- a) Só as partículas adjuntivas de palavras como preposições e conjunções têm categoria intangível, porém não são palavras propriamente, são na realidade sufixos locucionais desse substantivo grande que chamamos frase. Essas partículas só assumem o conceito puro de palavra quando substantivadas ou adjetivadas. Por exemplo: você é um indivíduo muito e. “E” assume uma entidade qualificativa.
- b) Os adjetivos, advérbios, substantivos, etc., podem, no entanto, passar pra qualquer outra categoria transitoriamente e sem perder o seu caráter psicológico. Vestem uma fantasia, se mascaram momentaneamente, por uma precisão expressiva, mas porém não perdem jamais a entidade psicológica que se esconde sob o lupe.
- c) A palavra é uma entidade. O substantivo é uma entidade qualificativa. O adjetivo é uma entidade limitativa. O verbo é uma entidade acionadora e vitalizadora. O advérbio é uma entidade modalitativa e modificativa. O pronome é uma entidade

personalitativa. A preposição não é uma entidade, é ligadura de entidades etc.

d) Assim quando chamo todas as palavras de abstratas e mostro que se tornam transitórias concretas não destruo a velha divisão gramatical em substantivos abstratos e concretos, apenas faço a psicologia da palavra como entidade universal e entidade particular.

Esta é uma observação importante, pela qual MA se antecipou à percepção das palavras como representações das categorias cognitivas. Neste sentido, sua *Gramatiquinha* se mostra singularmente moderna! Temos as manifestações prototípicas de uma categoria, porém temos também as manifestações marginais dessas mesmas categorias, a que ele se refere como *a psicologia da palavra*, o que faz das línguas naturais objetos extremamente complexos.

3.3. Gramática como estudo da frase

MA recomenda “observar, estudar psicologicamente bem isso (= a frase), sobretudo em relação ao conceito de substantivo, verbo, qualificativo”. Por outras palavras, a frase também é uma classe gramatical, talvez mais complexa que as classes de palavras.

3.4. Gramática como estudo do pronome

Neste tópico, não encontraremos reflexões sobre os pronomes, nem uma enumeração dos itens integrantes dessa classe. Ele apenas esboça alguma reação, favorável, a começar a frase com pronome oblíquo, verdadeiro cavalo de batalha das gramáticas normativas de então. Como sabemos, estudos posteriores sobre essa sintaxe revelaram que ela é perfeitamente cabível no Português Brasileiro, variedade em que os pronomes oblíquos são tônicos. É o que ocorre em “nos façás essa caridade”, verso citado por MA.

3.5. Gramática como estudo da pontuação

Nesta seção, MA se limita a estudar o papel do hífen na formação das palavras. Ele explica que o hífen “enfraquece o volume da palavra, lhe diminui a plasticidade”. E nisto ficamos.

3.6. Gramática e Estilística

O desenvolvimento moderno da Análise do Discurso providenciou um lugar mais apropriado às considerações sobre o estilo. Mas ao tempo de nosso autor, sempre se esperava que uma gramática contivesse uma seção de Estilística, limitada ao que viria a chamar-se “Estilística literária”.

Como MA visualizava a Estilística? Aparentemente, como uma nova Retórica, visto incluir ele aí o estudo das figuras de linguagem, de que ele cita a Elipse, o Pleonasma, o Anacoluto, a Imagem ou Tropo.

Entram aqui também os vícios da linguagem, endossando uma percepção da gramática rejeitada em outros pontos de seu livro, ou seja, a gramática como fiscalização de textos, como policiamento.

Os “neologismos vulgares” mencionados por ele se encaixam muito bem na perspectiva do gramático-polícia.

MA retorna pouco além a essa função, quando classifica, repassa os estilos “nobre”, “vulgar”, e assim por diante.

3.7. Gramática como um conjunto de usos: a questão dos brasileirismos

Brasileirismos são usos nossos:

Uma constatação importante é esta a que cheguei: não tem “brasilismos”. Desde que um fulano fale uma palavra e essa palavra ou esse modismo se generalize, ele faz parte da língua. Assim os chamados brasileirismos por simples bobagem de comodismo gramatical, não são brasileirismos nem nada, são palavras, sintaxes novas incorporadas à fala portuguesa e portanto fazendo parte dela legitimamente. Pertencem à língua portuguesa.

Língua como uso literário:

É incontestável que as minhas sistematizações brasileiras de qualquer espécie caracterizam por demais um estilo literário. E pouco mais além: Se alguém se mete trabalhando a fala brasileira em sua estilização literária, é lógico que vai ficar parecendo um pouco comigo porém isso só prova uma coisa: é que a fala brasileira é um fato pois que se um se parece com outro é porque ela já possui certa unidade e certo caráter individualmente original e dela só.

Conclusões

Nestas conclusões, vale a pena destacar que a agenda da gramática reflete um “desentendimento” bem antigo entre os que defendem a homogeneidade da língua e os que defendem sua heterogeneidade. MA não escapou a esse binômio. Vejamos a coisa mais de perto.

Os gramáticos gregos contrastavam a *onomasia* (literalmente, “designação”), que é a expressão dos pensamentos tomada como um todo, como um esquema geral, com o *trópos* (literalmente, “uso convencional”), que é a expressão dos pensamentos tomada como um conjunto de usos individuais.

Os estoicos enfatizavam a língua como *onomasia*, entendendo-a como um conjunto de regularidades, sustentando que a gramática deve ser mais técnica, mais formal.

Os alexandrinos, mais filológicos, postulavam a língua como um *trópos*, isto é, um conjunto de usos a partir dos quais se institui a norma; portanto, a gramática deve ser mais empírica. Uns e outros lançaram uma polémica que ainda não terminou, e que passou à história como a oposição de analogistas (os primeiros) aos anomalistas (os segundos).

Os analogistas, hoje podemos perceber, valiam-se da ciência clássica, enquanto os anomalistas apostavam, *avant la lettre*, na ciência dos domínios complexos. Basta ler hoje os gerativistas e os funcionalistas para encontrar a feição moderna dessa polémica. Em suma, sucedem-se os rótulos, mas o modo de conceber a ciência parece girar sempre à volta da antinomia *onomasia*, *anomalismo*, *formalismo*, *gerativismo*, *ciência clássica/trópos*, *analogismo*, *funcionalismo*, *ciência dos domínios complexos*.

A oscilação entre o formal e o funcional, entre o geral e o individual, entre o código e o uso, assinala toda a pesquisa linguística, em que se pode detectar certo “movimento pendular”. Ora há uma concentração no polo formal (vide o entendimento da língua como “estrutura/sistema/forma” da década de 1950 [Estruturalismo] e de 1960 [Gerativismo]), ora a concentração ocorre no polo funcional (vide o entendimento da língua como “uso/comunicação/substância” da década de 1970 [Funcionalismo] e de 1980 [Pragmática]).

Lembre-se, por fim, que MA não publicou sua *Gramatiquinha*. Aparentemente, com a intuição de publicá-la, MA foi preparando vários ensaios

de temática gramatical, a serem incluídos aquando da edição – mas esta é apenas uma hipótese. Tais ensaios foram oportunamente anexados a esta edição por Aline Novais de Almeida.

Ataliba T. de Castilho

Mário de Andrade e o arquivo da fala brasileira

Sem incorrer em exageros, é possível afirmar que *A gramatiquinha da fala brasileira* pode ser considerada um dos mais importantes projetos escriturais de Mário de Andrade (1893-1945). Embora pouco conhecida do grande público, a obra revela um impacto profundo, a ponto de lhe impor uma nova forma de pensar e escrever. Prova disso se dá em razão da lavra do autor e da moderna literatura brasileira serem devedoras, de certo modo, do legado desse trabalho que permaneceu inacabado, porém rondou as preocupações de Mário durante os anos de 1922-1945.

Em síntese, *A gramatiquinha da fala brasileira* é um estudo que tenciona compreender os aspectos linguísticos, psicológicos e poéticos da língua portuguesa falada no Brasil. Formado por 348 fólhos, o manuscrito contém diferentes documentos de processo, a saber: planos, notas de trabalho, esboços de texto e prefácios inseridos nas páginas de uma caderneta, mas também fora dela; além de cartas, bilhetes, recortes de artigos extraídos de periódicos, transcrição datiloscrita de matéria jornalística portuguesa, fichas bibliográficas e até o volante de propaganda de um *cabaret* paulistano. Esse conjunto de documentos que perfaz o manuscrito está salvaguardado no Fundo Mário de Andrade, série Manuscritos, localizado no arquivo do escritor, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), sob o código MA-MMA-51.

O manuscrito d'*A gramatiquinha* recebe, em 1982, um pioneiro estudo acadêmico: a tese de livre-docência de Edith Pimentel Pinto intitulada *Gramatiquinha – texto e contexto*, defendida na área de Filologia e Língua Portuguesa. À luz da textologia, a pesquisadora detém-se nos originais e concretiza, a partir do plano da obra, como em um quebra-cabeça, uma

montagem que visa eliminar o aspecto lacunar do projeto de Mário; ademais, inclui um longo ensaio analítico. Em 1990, a tese converte-se na publicação *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. Vale lembrar que em 1981 a revista paulistana *Polímica*, sem apresentar autor e obra, transcreve em suas páginas a “Introdução” e um trecho do “Capítulo I” d’*A gramatiquinha*.

Em 2013, com base na crítica genética e nas perspectivas codicológica e arquivística no trato com o manuscrito, os originais voltam a figurar como *corpus* de mais uma investigação acadêmica, dessa vez na área de Literatura Brasileira: o mestrado de Aline Novais de Almeida, *A edição genética d’A gramatiquinha da fala brasileira de Mário de Andrade*, sob orientação de Telê Ancona Lopez. A dissertação advém do projeto temático Fapesp/IEB e FFLCH-USP (2006-2011), *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*, coordenado também pela professora Telê.

A edição genética delineia uma proposta bem diferente da ordenação realizada pela estudiosa Pimentel Pinto. Por se tratar de uma abordagem geneticista do texto, a finalidade é tentar apreender a ordem dos originais ainda que submetidos ao inacabamento; para isso, transcreve-se todos os documentos, sem intervir na fidedignidade do manuscrito. Dessa forma, elege uma transcrição mais conservadora – a diplomática – justaposta ao fac-símile dos documentos. O elemento imagético, por exemplo, não é incorporado à montagem efetuada pela docente. Em suma, o ordenamento genético conta com: 1) classificação arquivística atualizada e rigorosa para apreensão da organicidade da obra de acordo com as prerrogativas do projeto literário do autor; 2) análise de cunho genético que decodifica e apresenta as três etapas da escritura e os tipos de rasuras; 3) inserção de notas de pesquisa que elucidam matrizes, explícitas e implícitas, notas marginais das leituras do escritor e relações com outros manuscritos ou séries do Fundo Mário de Andrade.

Ora, se a edição genética busca conjecturar um itinerário do trajeto da criação a partir da análise e da interpretação dos documentos de processo, notabiliza-se, todavia, que o resultado conquistado, de feição científica, circunscreve-se a um grupo de pesquisadores iniciados nos pressupostos da crítica genética e na metodologia empregada em edições similares. A despeito de todo trabalho intelectual despendido nesse tipo de projeto, o

efeito pode limitar o ingresso amplo de leitores, na medida em que precisam lidar com um aparato genético que dá suporte à edição, bem como uma transcrição ortográfica isenta de atualizações.

Assim, no intento de instaurar uma nova proposta editorial, o Itamaraty – por meio de sua representação diplomática junto à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) –, decide democratizar o acesso à publicação d’*A gramatiquinha da fala brasileira*. Sendo, pois, uma obra representativa de temas centrais do pensamento artístico e cultural do país, o título de Mário de Andrade não só promove a variante linguística brasileira, como também acena um gesto precursor, já que indica um ponto de vista pluricêntrico da língua portuguesa.

Diante dessa parceria com o Itamaraty, a concepção editorial é outra. As montagens anteriores não são modelos, contudo apontam caminhos que ajudam na compreensão do manuscrito. Os pressupostos teóricos e críticos não se sobrepõem ao texto do autor; antes, as inovações linguísticas e estilísticas do autor de *Macunaíma* são preservadas. Ao mesmo tempo, adota-se uma transcrição não conservadora, visto que os parágrafos, as translineações e a ortografia não precisam espelhar os documentos. Em síntese, o foco principal dessa nova edição d’*A gramatiquinha* é oferecer uma obra estabilizada, cuja leitura ocorra de maneira fluída e atraia o maior número de interessados em conhecer a variante brasileira pelo viés de um dos maiores escritores do século XX.

*

Ainda que durante a vida do escritor os originais d’*A gramatiquinha* não tenham logrado publicação pelo seu inacabamento e, por conseguinte, permanecido arquivados – no primeiro momento na casa do escritor e, posteriormente, a partir de 1968, no IEB-USP –, não são papéis que simplesmente foram engavetados e esquecidos. Trata-se de uma “obra em preparo”, um *work in progress* que o acompanhou até seus anos finais. Em decorrência das incorporações documentais, sugere-se que houve uma consulta permanente ao material reunido, uma vez que se configura uma espécie de inventário de formas linguísticas que está à disposição do pesquisador. Em uma nota de trabalho, que traz como fonte o jornal carioca

Diário de Notícias de 1942, destaca-se o permanente caráter “em obras” do estudo:

Pronome

Rui Barbosa

Um menino escreveu num livro que o pai lhe dera: “Me foi dado por meu pai em outubro de 1860” *Diário de Notícias*, 9-VIII-1942 [fólio 54].

Essa nota ilustra que nos anos 1940 o vínculo do escritor com a sua *Gramatiquinha* permanecia vivo. Se não para terminar o projeto, restava ainda o empenho em continuar a documentar a fala brasileira. Com um olhar arguto para o tema da língua que já estudava há muitos anos, desde *Pauliceia desvairada* (1922), Mário rastreia tal fenômeno linguístico em suas leituras ordinárias e nas páginas dos livros que formam sua biblioteca pessoal. Em geral, esse contato com os impressos produz registros pertinentes, como no caso da resenha “A caricatura de Rui Barbosa pelo Sr. Homero Pires”, de Luis Viana Filho. Durante a leitura desse texto, a identificação de uma expressiva colocação pronominal impulsiona o escritor-leitor a anotar; chama a sua atenção a estrutura sintática desviante “Me foi dado”, escrita justamente pelo ainda menino Rui Barbosa, consagrado representante da gramática lusitana.

Cabe pontuar que Rui Barbosa é convocado em outros documentos d’*A gramatiquinha*; sua presença reside, por exemplo, na nota de número 11 da caderneta “Língua Brasileira 12”, quando o autor de *Macunaíma* aponta um trocadilho bem espirituoso a respeito da oratória do acadêmico baiano: “Se um indivíduo que detesta o gênero oratório de Rui Barbosa, por exemplo, diz pra outro: deixe desses discursos ruibarbostas, unindo propositalmente bosa e bosta, criou uma expressão cômica muito legítima, forte [...]”. O modernista não crava somente ironias quanto ao célebre polímato, reconhece o valor de sua linguagem nas letras, como em seu texto “A língua nacional” (1940): “Ora Rui Barbosa, mesmo como linguagem, é um valor brasileiro. Se a sua sintaxe era escravizadamente lusitana, sempre é certo que justo pela sintaxe é que a expressão nacional menos se afasta das normas gerais da língua”¹.

1 O artigo “A língua nacional” encontra-se na íntegra na seleta estabelecida para esta edição.

Voltando às questões pronominais, Mário publica em 1941 “O baile dos pronomes”, no jornal *O Estado de S. Paulo*. O texto integra o volume *O empalhador de passarinho*, seleta de artigos preparada pelo autor, mas publicada no ano seguinte de sua morte. Em linhas gerais, o articulista realiza uma defesa do uso do pronome átono no início da sentença, isto é, o proclítico. Para tanto, elenca um desfile de notas de trabalho colhido, a princípio, para sua *Gramatiquinha*, o qual endossa a presença da próclise em textos populares e eruditos, registros brasileiros e até lusitanos. As provas colhidas pontuam que o valor psicológico do ritmo interfere na colocação pronominal. Convém ressaltar que esse conjunto de documentos que migra d’*A gramatiquinha* para o artigo recebe materialmente a “marca” do reaproveitamento, já que sobre o texto dessas notas o autor acrescenta, a lápis azul, o termo “usado”. A vontade de escrever “O baile dos pronomes” surge de um incentivo indireto do amigo Bandeira, conforme salienta no próprio artigo:

Mas um dos que mais me atenazaram foi Manuel Bandeira. Concordando em princípio comigo, me conhecendo suficientemente pra não me atribuir mais que a modéstia de contribuição e experiências pessoais, me deixava tonto com duvidinhas e restriçõezinhas que pingavam a cada carta semanal que então recebia dele, bons tempos... Uma dessas dúvidas foi justamente a de que hoje vou produzir neste artigo as provas que ajuntei. Ele achava que eu não tinha direito de generalizar pra toda a série dos pronomes, o caso do “Me parece”, que só frequentava a primeira pessoa do singular. Mas me saí brilhantemente e o grande poeta pernambucano teve a franqueza de reconhecer que eu estava bem escudado, embora discutisse algumas das provas apresentadas por mim².

Talvez o que faltasse para Mário divulgar publicamente suas ideias acerca da fala brasileira fosse um estofo acadêmico, apesar de seus escritos, ficcionais ou não, já plasmarem suas concepções linguísticas arrojadas e, conseqüentemente, produzirem certa resistência dos seus leitores, principalmente daqueles mais próximos. Nesse sentido, é imprescindível

2 O artigo “O baile dos pronomes” encontra-se na íntegra na seleta estabelecida para esta edição.

mencionar que as mesmas notas que lhe deram subsídio para a escrita de “O baile dos pronomes” são reapresentadas em um debate epistolar que tem como interlocutor nada mais, nada menos que Sousa da Silveira. Na longa missiva de 15 de fevereiro de 1935, o modernista responde às provocações do filólogo, ora concordando com as considerações do especialista, ora discordando, como no caso do proclítico. Afinal, Mário se encontra munido de documentação para se contrapor:

No caso de iniciar períodos pelas variações pronominais, nada lhe poderei conceder, apesar do meu desejo imenso de lhe ser simpático. O sr. objeta que as pessoas duma determinada instrução jamais dirão “Se encostara de-novo à janela”, as pessoas que não dizem também “quem haverá de dizer”. Confesso que a não ser num ou noutro raríssimo, que faz questão de purismo *escrito*, *literário*, até no falar, em todas as camadas tenho encontrado as variações pronominais iniciando a frase. Não só no Brasil, ah!... Já não falo na primeira pessoa, “me parece”, “me senti” absolutamente gerais. Na repetição de frases, em diálogo de discussão, se escuta em camadas cultas embora não puristas, coisas como [...]³.

Portanto, a anotação extraída da leitura da resenha jornalística, o artigo sobre próclise e a carta a Sousa da Silveira sublinham a relevância que *A gramatiquinha da fala brasileira* ocupa nos últimos anos do escritor, que desaparece em 25 de fevereiro de 1945. Esses escritos revelam, cada um a seu modo, que o projeto tem um aspecto dinâmico por conta de sua materialidade, não obstante pareça estático. Percebe-se que o escritor modifica a sua rota durante o trajeto da criação para redirecionar a documentação para outros fins ou simplesmente porque deseja acrescentar documentos mais atuais à coleção que ordena.

Vale pontuar que os documentos que compõem o dossiê também possuem o caráter heteroclito. No manuscrito, não se efetivam somente campanhas redacionais ou versões textuais que buscam estruturar o suposto livro. Na contramão, ressalta-se a articulação de uma rede discursiva bastante

3 SENNA, Homero (Org.). Cartas de Mário de Andrade a Sousa da Silveira. *Revista do Livro*. Ministério da Educação e Cultura, a. VII, n. 26, set. 1964, p. 122, grifo do autor (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

difusa em torno da fala brasileira, conquistada em virtude de uma gama documental, mas também de uma postura interdisciplinar que Mário traz a lume. Em vista disso, existem cogitações que tornam a obra simultaneamente filosófica, política, histórica, antropológica e artística. Em um dos esboços de prefácio, situado na caderneta “Língua Brasileira 12”, ou “livro de notas” como o autor se refere, elucida-se a vocação dele à poligrafia:

Fui obrigado a me meter num despropósito de assuntos e por isso a ficar na epiderme de todos eles. Sobre poesia, poética, estética, arquitetura, música, prosa, psicologia, pintura, e até linguagem escrevi. Numa época como a nossa em que o conhecimento seguro de cada uma dessas criações da vitalidade humana pede uma vida inteira, se deverá compreender que era impossível pra mim criar obra duradoura. Não fiz mais que vulgarizar. Não fiz mais que convidar os outros ao estudo moderno dessas criações humanas.

A partir de um sentimento de mea-culpa, Mário tenta no prefácio antecipar as possíveis críticas que receberia acerca do projeto ainda em curso, já que investido de um espírito polígrafo aventurou-se por diversas áreas do conhecimento e, conforme afirma, há chances de cair na superficialidade das matérias sobre as quais escreve. Para além da exposição da insegurança do autor, o excerto sinaliza que a existência dos polígrafos no Brasil está associada à rarefação das instituições artísticas e culturais. No início do século XX, a especialização dos saberes apresenta grau ínfimo, devido às raras políticas públicas educacionais, artísticas e culturais. Tal panorama compelia os intelectuais a se lançarem em diferentes áreas do conhecimento para suprir as lacunas existentes.

Desse modo, evidencia-se o quanto a produção do modernista implica um formato mais aberto e não voltado à especialização. Somado a isso, cabe assinalar que há documentos no dossiê d’*A gramatiquinha* que manifestam um tipo de recolha menos científica e cuidadosa, o que dificulta inclusive a localização das matrizes ou a proveniência das oitavas; por outro lado, há uma parcela documental mais sistematizada em relação aos exemplares da variante brasileira. Isso se dá pela presença de dados e fontes mais especificados nas anotações, uma vez que Mário dispõe de uma imensa biblioteca particular a sua disposição e de colaboradores que enviam sugestões bibliográficas

ou contribuições várias, como é o caso de Pio Lourenço Corrêa, Manuel Bandeira e Sousa Silveira, para citar apenas alguns nomes.

A respeito de Sousa da Silveira, consta entre os documentos d'*A gramatiquinha*, uma bibliografia por ele elaborada com nomes célebres da linguística, a saber: Vendryes, Dauzat, Bourciez, Leite de Vasconcelos, Brunot, entre outros. A lista dos livros chegou às mãos do modernista graças a Bandeira que intermediou o pedido, pois o filólogo era também professor no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Com um bilhete inserido ao final da listagem, provavelmente de setembro de 1925, o amigo pernambucano afirma:

Mario ocupadíssimo

Aqui está a lista feita pelo Sousa da Silveira. Estudando aqueles cinco batutas, que encabeçam a lista, você fica o bicho!

Ciao

M [fólio228]

Muitas notas preliminares d'*A gramatiquinha* – geralmente folhinhas de papel de qualidade inferior destacadas de bloco de bolso – trazem as mesmas referências listadas na *Bibliografia de leituras iniciada pra Pancada do ganzá*. Para cada livro ou artigo indicado nessa imensa seleção bibliográfica, o autor atribui um número em algarismo arábico. A *Bibliografia de leituras*, como o próprio título diz, é um aporte teórico para um estudo que escritor preparava relativo ao folclore brasileiro; a maioria dos títulos está disponível em sua biblioteca e muitos receberam notas marginais. Embora o estudo tenha permanecido inconcluso, a seleção e a organização da bibliografia se ampliaram de modo a auxiliar o pesquisador no preparo de outros projetos. O procedimento consistia em anotar, geralmente nas notas prévias, apenas o número inscrito na *Bibliografia de leituras*, acompanhado da(s) página(s) ou do volume, quando o livro apresenta mais de um.

À vista disso, compreende-se que para alcançar as fontes bibliográficas mobilizadas, o leitor precisa dominar o *modus operandi* empregado por Mário para se documentar, senão muitas referências podem passar despercebidas por estarem codificadas pela numeração da *Bibliografia de leituras*. Afora essa metodologia que se desvela no manuscrito, há o *Inquérito Geral Etnográfico*, especificamente o esboço de um “Formulário das pesquisas folclóricas – Língua Nacional”, ou seja, um questionário estruturado que objetiva

investigar, de maneira pormenorizada, as ocorrências da língua nacional em três eixos: o vocabulário, a fonética e a sintaxe.

Ainda que tenha natureza de esboço – um autógrafo do autor a grafite, com diversos tipos de rasuras –, o formulário denota uma tentativa de padronização da coleta documental. Tal fato sugere que Mário absorveu novos conhecimentos técnicos, provavelmente do período em que manteve intensa relação com Dina Dreyfus Lévi-Strauss e Claude Lévi-Strauss e, em conjunto, criaram a Sociedade de Etnografia e Folclore (1937-1941). Os jovens professores integravam a comitiva da “missão francesa”, cujo propósito era ministrar cursos na recém-fundada Universidade de São Paulo (1934). No mesmo contexto de chegada dos intelectuais franceses à São Paulo em 1935, o modernista assume a direção do Departamento de Cultura do Município (1935-1938), o que facilita, em termos institucionais, a colaboração do casal com o escritor. A convite do Departamento de Cultura, Dina Dreyfus é contratada como professora do Curso de Etnografia, circunstância que desempenha um papel fundamental para orientação teórica e prática de Mário nas suas pesquisas ou naquelas financiadas e preparadas pelo órgão público que dirigia⁴.

Em razão da análise documentária, verifica-se que o autor de *Macunaíma* estava, a princípio, investido de uma função etnográfica mais intuitiva e, na metade dos anos 1930, já sinalizava uma certa profissionalização. Isso não significa que as investigações por ele encabeçadas antes do contato mais científico com as práticas de pesquisa, sobretudo a respeito da língua e da linguagem, tivessem menor valor. Ao contrário disso, o trabalho de Mário é pioneiro no campo da linguística, na medida em que o conjunto documental reunido esboça uma espécie de teoria da linguagem, que certamente antecedeu a hipótese saussuriana acerca da dicotomia fala e língua. Esse fato se justifica pela ausência nos manuscritos da sua *Gramatiquinha* e na sua biblioteca de qualquer indício do *Cours de linguistique générale* de 1916. Ademais, destaca-se seu caráter inaugural na área da sociolinguística, uma

4 A pesquisadora Luísa Valentini focaliza, em sua dissertação de mestrado, a relação de Mário de Andrade com os dois intelectuais franceses e as conquistas, no campo da antropologia, que essa interlocução propiciou. Cf.: VALENTINI, Luísa. *Um laboratório de antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)* – FFLCH-USP.

vez que o interesse dos estudiosos no assunto, até então, estava limitado a uma perspectiva mais regionalista e dialetológica da língua⁵.

Em 1937, durante sua gestão no Departamento de Cultura, Mário idealiza e organiza o Congresso da Língua Nacional Cantada. O evento tem como uma de suas principais preocupações escolher a língua-padrão para as artes do dizer e do canto erudito nacionais, proposta que guarda obviamente liames com sua *Gramatiquinha*. Em ambas as situações, no congresso e no estudo em processo, busca-se consolidar a variedade linguística brasileira, ainda que para diferentes fins. Em suma, o escritor decide ultrapassar as barreiras dialetais para atingir uma possível “língua nacional”, conforme aponta na parte final do *Inquérito Geral Etnográfico*:

As observações e pesquisas sobre a língua nacional não devem ser feitas exclusivamente entre pessoas das classes proletárias, entre analfabetos e pessoas rurais. Deve estender-se a todas as classes, até mesmo aos cultos, mas sempre na sua linguagem desleixadamente espontânea e natural. As observações só não devem se estender aos indivíduos que timbram em falar certo. Ou melhor: tem muita importância em verificar e apontar as vezes e casos em que mesmo estas pessoas “culteranistas”, por desatenção momentânea pecam contra o português de Portugal e das gramáticas.

Assim como há o cuidado com as referências bibliográficas, o inquérito previa uma coleta de campo que igualmente contemplasse uma tecnicidade, já que os informantes não cruzariam ao léu o caminho do pesquisador, concretiza-se, pois, um perfil a ser interrogado. Mário já havia compreendido quais grupos sociais forneceriam mais dados para a investigação e não necessariamente são indivíduos das classes trabalhadoras (proletários e rurais) ou menos escolarizadas, conforme já havia asseverado na carta a Sousa da Silveira ao tratar da tendência do uso da próclise. De acordo com seu entendimento, os informantes que “timbram em falar certo” seriam menos produtivos para o fenômeno da língua nacional, compreendida também, nos manuscritos d’*A gramatiquinha*, como língua e fala brasileira.

5 No que concerne ao diálogo de Mário com a sociolinguística, ver: RODRIGUES, Angela Cecília de Souza. Mário de Andrade: um precursor dos estudos sociolinguísticos no Brasil. *Revista Itinerários*. Araraquara, n. 7, 1994, p. 137-153.

De todo modo, essa concepção de língua nacional torna-se não só um importante instrumento linguístico para artistas e intelectuais do país, mas igualmente um emblema que revela o sentido de ser brasileiro para Mário e seus companheiros modernistas. Na nota de número 7A de sua caderneta, o escritor esclarece o que significa “ser brasileiro” ao se afastar do entendimento puramente nacionalista:

Acho engraçado essa mania de certa gente que pra ser duma nação carece do dinamismo de qualquer ideia antagônica pra ser nacional. Bobagem. Não se trata de nacionalismo reivindicador, minha gente. Isto é ridículo. Se trata de ser brasileiro e nada mais. E pra gente ser brasileiro não carece agora de estar se revoltando contra Portugal e se afastando dele. A gente deve ser brasileiro não pra se diferenciar de Portugal, porém porque somos brasileiros. Brasileiros sem mais nada. Brasileiros. Sentir, falar, pensar, agir, se exprimir naturalmente. Como brasileiro.

Nessa direção, a partir de variadas fontes, o escritor recolhe exemplares da língua nacional nos estudos de filólogos e gramáticos, nos cronistas viajantes, nas cartas de amigos ou de desconhecidos, nas canções populares, nas obras de poetas, romancistas e cordelistas, nos trabalhos de campo, ou seja, nas oitivas. O conjunto documental revela o desejo de dar materialidade à fala brasileira, o que leva a considerar que, além do trabalho ter um viés etnográfico, o comportamento do pesquisador também se assemelha ao de um etnógrafo. Como participante de uma missão, Mário lançou-se em uma viagem etnográfica que objetiva algo maior, algo que dá sentido a sua própria existência. No gesto de se documentar, mira-se em uma utilidade prática e transitória. A busca do escritor consistia em encontrar formas lexicais, sintáticas e semânticas que deflagrassem a realidade vocal brasileira para que em posse delas estilizasse a língua literária. Em sua famosa conferência “O movimento modernista”, realizada em 1942, Mário utiliza o termo deformatar para se referir ao processo de estilização que operou em suas práticas de escrita:

Deformei, ninguém não imagina quanto, a minha obra – o que não quer dizer que se não fizesse isso ela seria melhor... Abandonei, traição consciente, a ficção, em favor de um homem-de-estudo que fundamentalmente não sou. Mas é que eu decidira impregnar tudo quanto fazia de um valor utilitário, um valor prático de

vida, que fosse alguma coisa mais terrestre que ficção, prazer estético, a beleza divina⁶.

A deformação-estilização corresponde ao modo de vida escolhido pelo modernista para se relacionar com a arte e o mundo. Para Mário é imprescindível que as suas ações tenham valor utilitário e prático, afinal de contas é como se estivesse em uma missão. Assim sendo, ele assume conscientemente o risco de sacrificar a sua escritura, bem como abandonar a ficção em favor de um projeto de “libertação” linguística que favoreça o desenvolvimento de uma verdadeira língua literária brasileira. Em um esboço de texto, alocado no envelope que recebe código alfanumérico e identificação, “I2-I – Ideias gerais”, o autor de *Macunaíma* detalha seu entendimento acerca do que é estilizar:

Minha tentativa é útil. E é humana porque eu generalizo numa só, universal, sem classes, unitária e única, e unânime a alma do meu povo. Esses regionalistas ou “caipiristas” orgulhosos que escrevendo contos-da-roça botavam uma escrita na boca dos caboclos e outra limpinha e endomingada nos períodos que propriamente lhes pertenciam são uns vaidosinhos de si. Vaidosos embora não ponham reparo na própria vaidade. Vaidosos pela separação que punham e salientavam entre os caboclos e eles. E tolos não compreendendo a comoção forte humana das expressões chamadas de incultas. E frouxos acima de tudo porque incapazes de botar mãos na trabalhadeira ingrata, dura e de inteiro sacrifício pessoal de organizar, codificar, qualificar, escolher, fecundar e cultivar essas plantinhas do mato pra que fiquem mais cheirando, mais brilhando e mais engrandecidas pela universalização. Falei de inteiro sacrifício pessoal... (grifo do autor)

Nesse excerto, Mário se opõe aos “regionalistas” e “caipiristas” que também manejam a estilização literária. Na sua visão, a realização linguística desses literatos reflete puramente vaidade, já que eles separam o que é considerado certo e errado, culto e inculto, língua de caboclo e língua limpinha e endomingada que sai da boca dos próprios. O modernista é bastante enfático e rejeita essa solução estilística detectada nos “contos-

6 ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: Martins, 1974, p. 254.

-da-roça”, na medida em que ensaia o “universal” por meio do seu “sacrifício pessoal”. Segundo suas palavras, a sua “trabalheira ingrata” consiste em: “organizar, codificar, qualificar, escolher, fecundar e cultivar essas plantinhas do mato”.

Vale mencionar que no envelope “12-I” – que armazena o esboço de texto supracitado – o autor acrescenta ao lado do nome *Gramatiquinha* outra possibilidade de titulação de seu projeto escritural: “Gramatiquinha ou Tratado do estilo”. Esse título alternativo também se repete no envelope “12-G – Ideias para capítulos particulares”. O acréscimo se mantém unicamente nesses dois envelopes⁷, não obstante a abordagem da estilização faça parte da discussão do autor no manuscrito.

Por fim, é preciso salientar a perspectiva poética em que esse estudo inacabado repousa. Como uma obra do espírito, isto é, intelectual, engenhosa e racional, *A gramatiquinha da fala brasileira* é uma proposta concebida para o próprio uso de Mário de Andrade. Embora seja projetada como uma gramática, ideia que não avança muito como demonstram os documentos que sistematizam os supostos capítulos, o caminho escolhido não é o da prescrição e das normas que a titulação parece sugerir. O título é uma armadilha, trata-se de um excesso que se opera pela diminuição, pela redução, quer dizer, um menos que é mais. O emprego do diminutivo acaba por subverter a própria ideia de gramática, pois o uso do hipocorístico demarca um sensível, um deslocamento para o poético. Nessa dimensão da poesia, é possível reconhecer uma relação íntima e afetiva com a linguagem. Em um dos esboços de “Prefácio”, localizado na caderneta “Língua Brasileira 12”, assevera-se:

Assim fica entendido que isto não é uma obra científica. E ainda e sempre uma obra de ficção organizada pelo amor que consagro à Humanidade e nascida da comoção fortíssima que sempre faz nascer em mim a vida das palavras.

7 Mário distribuiu quase todos os documentos de sua coleta em 9 envelopes, os quais estão identificados com uma disposição alfanumérica, a saber: 12-A, 12-B, 12-C, 12-D, 12-E, 12-F, 12-G, 12-H, 12-I. Contudo, o envelope 12-D está ausente no dossiê. Segue também essa lógica da classificação dos envelopes a caderneta “Língua Brasileira 12” que acolhe os planos, prefácios e notas de pesquisa.

O escritor explicita que a sua *Gramatiquinha* está no campo da ficção. Desse modo, ele especifica um contorno literário para o seu estudo da fala brasileira, afastando-se do óbvio prisma científico que acomoda as gramáticas. Além de validar o aspecto ficcional do seu projeto, enfatiza o vínculo amoroso que possui com a pesquisa linguística, fato que o impulsiona a levá-la adiante. O modernista encara como verdadeiro serviço humanitário o seu interesse nessa matéria, a ponto de as palavras o comoverem, são entidades vivas. Em outro documento do manuscrito, no esboço da “Introdução”, o autor de *Macunaíma* mais uma vez reconfigura a sua empreitada escritural. Volta a reafirmar a condição ficcional, porém com uma novidade: associa seu livro em preparo ao gênero idílio. Isso permite aproximar *A gramatiquinha* ao seu romance idílio *Amar, verbo intransitivo*, publicado em 1927, mas elaborado desde 1923:

Livro de ficção (meus idílios com a fala) — Minhas intenções tentando estilização da fala brasileira desde a pseudoculta (explicar diferença que faço entre cultura e civilização) até a inconsciente popular. — Estilização não paulista.

Amar, verbo intransitivo é um romance experimental que está assentado sob a óptica do abrasileiramento da língua literária. Em sua composição linguística, busca-se alcançar uma concepção generalizante, universal, isto é, a “estilização não paulista”. Nesse sentido, a conexão entre as duas obras não é indevida, visto que em ambas se defende a estilização literária e ainda repousa o elemento amoroso. No caso da narrativa, o idílio é moderno e crivado de ironias, já que se desenha um drama psicológico freudiano que traz à cena a protagonista Fräulein, professora de língua alemã e de amor. A imigrante de origem germânica é contratada pela família Sousa Costa para iniciar sexualmente o primogênito Carlos. Já n’*A gramatiquinha*, o idílio amoroso também é situado, porém de outra maneira. O contato de Mário com a fala brasileira é permeado por uma inquietude investigadora que, no entanto, o conduz a um estado de contemplação idílica, por se tornar um lugar prazeroso, de satisfação artística e intelectual. Puro lirismo gramatical, propício para eclosão da poesia⁸.

8 Nos documentos do manuscrito d’*A gramatiquinha*, identificam-se pelo menos quatro poemas em meio às notas de pesquisa e aos esboços: “Olha o bambu do bambu bambu”, “Fiori de lá Pá”, “A todo instante” e “Louvação”.

Outro artista que também encontra um idílio com a fala brasileira é Tom Zé. Prova disso, é que o músico compôs a canção “Língua brasileira” para seu álbum *Imprensa cantada* (2003). Faixa 10 do disco cujo título remonta, em certa medida, às tensões que se inscrevem n’*A gramatiquinha*, a canção reacende a discussão em torno do português brasileiro a partir de uma letra que costura satiricamente importantes momentos históricos. Em 2022, ano do centenário da Semana de Arte Moderna e do Bicentenário da Independência do Brasil, o coletivo Ultralíricos inspirado exatamente na canção “Língua brasileira”, estreia o musical de título homônimo no Sesc Consolação em São Paulo. O espetáculo é resultado da parceria criativa de Tom Zé – compondo novas canções – com o diretor Felipe Hirsch e o coletivo Ultralíricos, além da consultoria geral do professor e tradutor Caetano Galindo. Esses dois trabalhos artísticos recentes evidenciam o quanto a obra de Mário de Andrade permanece viva e movente.

Língua brasileira

Quando me sorris,
Visigoda e celta,
Dama culta e bela,
Língua de Aviz...

Fado de punhais
Inês e desventuras,
Lá onde costuras,
Multidão de ais.

Mel e amargura,
Fatias de medo,
Vinho muito azedo,
Tudo com fartura.

Cravos da paixão,
Com dores me serves,
Com riso me pedes
Vida e coração,
Vida e coração.

Babel das línguas em pleno cio,
Seduz a África, cede ao gentio,
Substantivos, verbos, alfaias de ouro,
Os seus olhares conquistam do mouro.

Mares-algarismos,
Onde um seu piloto
Rouba do ignoto
Almas e abismos.

Verbo das correntes
Com seu candeeiro
Todo marinheiro
Caça continentes.

E o gajeiro real,
Ao cantar matinas,
Acha três meninas
Sob um laranjal.

Última das filhas,
Ventre onde os mapas
Bordam suas cartas
Linhas Tordesilhas,
Linhas Tordesilhas.

Em nossas terras continentais
A cartomante abre o baralho,
Abismada vê, entre o sim e o não
Nosso destino ou um samba-canção?

Aline Novais de Almeida

9 LÍNGUA BRASILEIRA. [Compositor e intérprete]. Tom Zé. In: *Imprensa cantada*. Tom Zé. São Paulo: Trama, 2003, 1 CD, faixa 10.

Sobre esta edição

Para o estabelecimento do texto, esta edição tomou como texto-base o manuscrito d'*A gramatiquinha da fala brasileira*, localizado na série Manuscritos Mário de Andrade, no arquivo do escritor, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Além disso, cotejou os originais com a dissertação de mestrado *Edição genética d'A gramatiquinha fala brasileira de Mário de Andrade*, de Aline Novais de Almeida, defendida em 2013 na FFLCH-USP, sob orientação de Telê Ancona Lopez. Nessa pesquisa acadêmica, consta a transcrição diplomática integral dos 348 fôlios que compõem o manuscrito, acompanhados dos fac-símiles no intento de apresentar as etapas do trajeto da criação e a classificação das rasuras. Recorreu, para confrontação quando necessário, à publicação de Edith Pimentel Pinto, *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto* (1990), trabalho pioneiro que traz a lume um ensaio analítico, bem como organiza os originais em uma montagem a partir do plano da obra.

Do extenso conjunto documental, a proposta editorial escolheu fôlios com discussão mais assentada e um tanto desenvolvida, desconsiderando sobretudo as notas de trabalho que perfazem uma coleção de exemplos da variante brasileira. Essa materialidade constitui-se de fichas de leitura, recortes de artigos sobre o tema extraídos de periódicos, cartas como registro linguístico, indicações bibliográficas codificadas, entre outras. Anotações dessa natureza guardam um aspecto ainda mais fragmentário e preliminar que se afasta do interesse desta edição. Sob esses critérios, selecionou os textos alocados pela ordenação numérica (12) e alfa-numérica (12-G, 12-H, 12-I), organização prévia estabelecida pelo escritor, somado ao esboço de inquérito que está fora dessa disposição:

- caderneta Língua Brasileira 12;
- envelope 12-G – Ideias para capítulos particulares;

- envelope 12-H – Ideias gerais sobre língua;
- envelope 12-I – Ideias gerais;
- Inquérito Geral Etnográfico.

Por julgar importante a fluidez textual e o alcance de um público-leitor amplo, a edição optou por atualizar a ortografia, segundo as normas vigentes no país. Paralelamente, preservou o cuidado do autor em estilizar palavras e expressões da língua falada no Brasil, assim como acolheu as suas idiossincrasias linguísticas: pra, pro, de deveras, deque, inda, sube, doiramento, chacra, de-cor, boca-da-noite, grupos-escolares, ponto-de-vista, bom-dia, até-logo, entre outras.

As grafias de “si”, “sinão”, “siquier”, “quasi”, “milhor”, “milhormente” – que mimetizam a fonética do português brasileiro – não foram acatadas, pois apesar da constância nos documentos do manuscrito possuem flutuação em outros espaços de escrita, como na imprensa. No mais, essas formas interferem na clareza do texto e, conseqüentemente, prejudicam a leitura.

Preservou a pontuação do autor marcadamente afeita à expressão de seu estilo que suprime, sempre que possível, as vírgulas. Por outro lado, há momentos em que o uso dos sinais de pontuação mostrou-se pertinente e, por tal razão, foi empregado. É preciso ressaltar que desvios gramaticais evidentes foram corrigidos no texto, a saber: acordos nominais e verbais, excesso de elemento sintático, trocas fonológicas comuns, lapsos entre a forma verbal e substantiva (“expressão” por “expressam”).

No caso das maiúsculas, buscou sistematizá-las apenas em início dos parágrafos ou mantê-las nas situações em que o autor decidiu empregá-las para enfatizar ideias. Dentre as decisões editoriais, as abreviações foram desenvolvidas, como em “ex”, “S. Paulo”, “G. Dias”; igualmente as abreviações hoje incorretas foram ajustadas, é o caso da palavra página que passa a figurar como “p.”.

Sobre os elementos gráficos, manteve as sublinhas traçadas pelo autor em palavras e expressões. O itálico, por sua vez, destinou-se aos títulos de obras e aos estrangeirismos. Nas raras situações em que a leitura dos vocábulos é duvidosa ou ilegível, estabeleceu, respectivamente: a hipótese entre colchetes acompanhada de ponto de interrogação, e a solução [ilegível]. Quanto às notas rodapé, distinguiu três tipos na edição: “Nota MA” (Nota de Mário de

Andrade) que traz indicações do próprio autor no manuscrito; a “Tradução livre” de citações em francês presentes nos documentos e para elucidações consideradas relevantes, a edição foi acrescida de notas de pesquisa.

No propósito de expandir as reflexões de Mário de Andrade sobre a fala/língua brasileira, a edição compôs uma seleta de artigos do autor publicados em periódicos e, posteriormente, coligidos em livros; além do texto “A língua-padrão” e o discurso do modernista na abertura do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada (1937). Convém ressaltar que esses textos originalmente não pertencem a sua *Gramatiquinha*, nem fazem parte de qualquer plano dessa obra inacabada. Ou seja, figuram como um desdobramento do tema, um exercício crítico que traz a público parcelas de sua longa pesquisa linguística.

Assim sendo, a edição apurou os textos-base dessa seleta na versão disponibilizada em volumes organizados tanto em vida como postumamente. Para isso, utilizou duas publicações d’*O empalhador de passarinho*, uma impressa (2002) e outra digital (2012), somado à dissertação de mestrado de Marina Dasmasceno de Sá *O empalhador de passarinho, de Mário de Andrade: edição de texto fiel e anotado* (2013). Incluiu as coletâneas *Vida literária* (1993) e *Táxi e crônicas no Diário Nacional* (1976). Por fim, valeu-se dos *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada* (1938).

*

Agradecimentos

Andréa Jamilly Rodrigues Leitão

Bruno Miranda Zétola

Carlos Augusto de Andrade Camargo

Eliane Robert Moraes

Elisabete Marin Ribas

João Marcelo Costa Melo

Krishna Mendes Monteiro

Lilian Cristina do Nascimento Pinho

Luciano de Jesus Gonçalves

Marcos Antonio de Moraes

Márcia Dias de Oliveira Leme

Marina Damasceno de Sá

Miguel Paiva Lacerda

Paula Alves de Souza

Simone Rodrigues Vianna Silva

Telê Ancona Lopez

A GRAMATQUINHA DA FALA BRASILEIRA

LÍNGUA BRASILEIRA

Índice

Introdução Cap. I

Fonologia

Fonética, Prosódia e Ortografia¹ Cap. II-IV

Lexiologia

Palavra Cap. V

Substantivo Cap. VI

(substantivo propriamente dito)

(pronomes)

Verbo Cap. VII

(substantivo verbal)

Adjetivo Cap. VIII

(substantivo qualificativo)

Advérbio Cap. IX

Interjeições Cap. X

Partículas sintáticas Cap. XI

Artigo Cap. XII

¹ No “Índice”, Mário de Andrade articula capítulos distintos para “Fonética”, “Prosódia” e “Ortografia”, mas ao reler seu plano reformula a estrutura e registra: “É melhor tudo num só capítulo”. Apesar da observação do autor, a numeração subsequente dos capítulos não se altera.

| | |
|---------------------------------------------------------|-----------|
| Partículas determinativas (adjetivos determinativos) | Cap. XIII |
| Numerais | Cap. XIV |
| Preposições | Cap. XV |
| Conjunções | Cap. XVI |
| Formação das palavras | Cap. XVII |

Sintaxe

| | |
|----------------------------------------------|------------|
| Dicção e seus elementos | Cap. XVIII |
| Frase | Cap. XIX |
| Emprego do substantivo | Cap. XX |
| Psicologia do pronome | Cap. XXI |
| Psicologia da ação (verbo) | Cap. XXII |
| Psicologia do limite (adjetivo, advérbio) | Cap. XXIII |
| Psicologia das partículas sintáticas | Cap. XXIV |
| Pontuação | Cap. XXV |

Estilística

| | |
|-------------------------------|-------------|
| Frase ou verso | Cap. XXVI |
| Figuração | Cap. XXVII |
| Vícios | Cap. XXVIII |
| Prosa e poesia | Cap. XXIX |
| Psicologia da fala brasileira | Cap. XXX |

E se na Lexiologia, pois que eu vou já fazer uma distinção e mudança importante, tirando as partículas sintáticas do número das palavras reais, se em vez de capítulos especiais sobre substantivo, verbo, adjetivo, pronome, eu fizesse capítulos sobre: Do Gênero (o indivíduo se considerando em si, aqui entram considerações sobre masculino e feminino quer no substantivo, quer no adjetivo, quer no pronome (refletir bem se no brasileiro não tem casos parecidos com os citados por Dauzat, *Philosophie du langage*, grifo, p. 213)). Do Número (o indivíduo se considerando em sociedade. Aqui entram plural e singular no substantivo, no pronome, no adjetivo, no verbo, ver nota sobre Dauzat que vem linhas atrás). Do Tempo (o indivíduo se considerando em relação ao tempo)? Esboço de capitulação pra Lexiologia.

Lexiologia

| | |
|-------------|----------|
| Palavra | Cap. V |
| Do Gênero | Cap.VI |
| Do Número | Cap. VII |
| Do Tempo | Cap.VIII |
| Advérbio | |
| Interjeição | |

etc².

2 O autor não inclui numeração para os capítulos “Advérbio” e “Interjeição”, o que testemunha o inacabamento da obra.

Prefácio – Antes da Introdução um prefácio pequeno verdadeiramente humilde. Esta é a primeira vez em que me sinto verdadeiramente tímido ao publicar um livro e incerto sobre a validade deste. É certo que estudei até o possível entre os acasos da minha vida autodidática a língua portuguesa de que deriva em maior parte a nossa maneira de expressão, porém é também certo que esse conhecimento não é suficiente pra eu me meter nas altas cavalarias de escrever um livro de linguagem. Me parece francamente que careci ter topete pra agir assim e o meu livro me parece a primeira real mas não bem clarificada na consciência manifestação de cabotinismo da minha vida artística. Outros é que deviam escrever este livro e tenho consciência de que um dia a gramática da fala brasileira será escrita. Porém certas considerações se não desculpam ao menos explicam o meu topete. Outros deveriam escrever este livro, não tem dúvida, porém o certo é que ninguém se abalçou a escrevê-lo. Inda mais: temos livros valiosos, como *Língua nacional* de João Ribeiro, *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, que são verdadeiros convites pra falar brasileiromente. Porém os autores como idealistas que são e não práticos, convidam, convidam porém principiam não fazendo o que convidam. Não tiveram coragem. Eu tive a coragem e é o que explica o meu valor funcional na literatura brasileira moderna. Não me iludo absolutamente a respeito do valor das minhas obras. Sei que como arte elas valem quase nada porém são todas exemplos corajosos e imediatamente práticos do que os outros devem fazer ou... não devem fazer. Erros e verdades. Fui obrigado a me meter num despropósito de assuntos e por isso a ficar na epiderme de todos eles. Sobre poesia, poética, estética, arquitetura, música, prosa, psicologia, pintura, e até linguagem escrevi. Numa época como a nossa em que o conhecimento seguro de cada uma dessas criações da vitalidade humana pede uma vida inteira, se deverá compreender que era impossível pra mim criar obra duradoura. Não fiz mais que vulgarizar. Não fiz mais que convidar os outros ao estudo moderno dessas criações humanas. Porém convidei praticamente, com o meu exemplo e o sacrifício das minhas vaidades naturais de escritor. Isso é muito bonito, franqueza e posso dizer que quando penso em mim, o que não sucede raramente, eu me sinto feliz. E nem a consciência exata dessas fraquezas apontadas, nem a amargura dessas reflexões me diminui essa felicidade. Porque não sou sujeito que se ilude e seria no mínimo ilusória considerar minha obra como

manifestação dum arte, quando ela não passa da manifestação dum vida. Continuo sendo feliz.

(1)

Um dos erros básicos de certas manifestações didáticas deste brasileiro está em que os dicionaristas criaram dicionários de brasileiro e não dicionário português-brasileiro.

(2)

Na realidade não tem grande diferença entre o brasileiro falado no Ceará, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. É uma diferença muito mais oral porque a vocabular é pequena. A diferença vocabular é só aparentemente grande e provém das necessidades locais. No Rio Grande do Sul tem um poder de palavras relativas aos equinos e bovinos que os paulistas desconhecem assim como nós nos trabalhos do café usamos muitos termos que o paraense ignora. Nem são propriamente provincianismos porque não correspondem a diferenciações de designação da mesma coisa, mas de coisas distintas. E assim como os provincianismos são fatais dentro dum língua também é fatal que com o contínuo aumento das relações interestaduais uma língua geral compreensível por todo o país se estabelecerá. Quanto às diferenças orais de pronúncia elas são realmente muito menores que a que existe presentemente entre o português e o brasileiro.

(3)

O português comum é incontestavelmente mais estilista que o brasileiro comum. As suas cartas são mais bem escritas, isto é, têm as ideias exprimidas com maior clareza e rapidez. Será que o português é mais inteligente ou mais artista que o brasileiro? É ridículo pensar isso. O que se dá é que o português comum quando escreve, escreve o que aprendeu nas gramáticas e que ele fala todo o dia, enquanto o brasileiro se vê obrigado a abandonar o que fala todo o dia pra se lembrar das regras da gramática que mecanicamente aprendeu na escola e de que pouco se utilizou. O brasileiro pra escrever larga do chapelão, e da bota ou do simples paletó praciono e enverga fraque didático. O português escreve como está, manga arregaçada e chinelo sem

meia. Resultado: está a seu gosto, mexe-se bem. O brasileiro, coitado! Nem pode sentar porque amassa o rabo do fraque.

(7)³

Cada um deve dar regras a si mesmo sobre a colocação do enclítico. É o que fiz. Pois onde me dei essas regras? Pelo valor psicológico da frase. Vem depois do verbo quando frase é vaga – ou fortemente imperativa. João Ribeiro também observou isso na *Língua nacional*. Necessidade de não se preocupar com a eufonia. As famosas leis da eufonia não são senão assombrações. É simples questão de educação da orelha se acostumando. Questão Mallarmé. Questão Gongora (?). Questão Osvaldo⁴ de Andrade (*Memórias sentimentais*) o provam criando dicções personalíssimas que depois não pareceram repugnantes. O caso das quintas na harmonia do *organum* e depois de Rameau. É o caso dos estilos frei Salvador e Machado, a diferença total. A famosa eufonia não passa duma generalização média de fórmulas sintáticas determinadas por razões ou necessidades expressivas psicológicas. Que variam.

(7A)

O melhor meio seria o governo entregar a normalização sintática contemporânea a um grupo de homens de valor, tais como naturalmente se indicariam os nomes dos senhores Mário Barreto, João Ribeiro, Amadeu Amaral — pelo valor linguístico — e que pesquisassem no falar brasileiro certas determinações fraseológicas mais ou menos gerais que pudessem ser estabelecidas como normas de sintaxe nossa. Isso porém desde logo sem a utilização dessas normas por escritores literários nacionais se tornava muito difícil. Carecia que estes primeiro tentassem nas suas obras essa estilização. Não só porque facilitariam a aceitação popular dessas normas pros semicultos que são a praga e a maioria pavorosa como principalmente, sendo eles literários, isto é possuindo a sensibilidade que colhe e adivinha as normas mais artísticas (aqui artísticas significa: mais humanas) facilitariam grandemente o trabalho

3 Possivelmente, o autor descarta as notas 4, 5 e 6, pois não figuram na caderneta “Língua Brasileira 12” nem aparecem no conjunto do manuscrito d’A *gramatiquinha da fala brasileira*.

4 Forma como o autor por vezes se refere ao modernista Oswald de Andrade.

desses cientistas. Porém o escritor nacional desde que se vê célebre ou lido se preocupa de escrever... à portuguesa. Vaidosinhos veem que estão célebres no seu tempo e querem ficar célebres pra toda vida. A melhor maneira é serem clássicos não é? Pois então querem ficar clássicos porque depois os preconceitos humanos fazem o resto. Lá vem um gramático e diz: o grande fulano dizia “fui à cidade” pois então se diga “fui à cidade” e não “fui na cidade”. Aquele qualificativo grande é póstumo porém pra vaidade desses escritores chegados é bem presente e está ressoando na orelhinha com tanto gosto, ai! Pois que os célebres continuem a escrever à purrtuguez(a)⁵. Falo só pros rapazes. Cada um que dê a sua estilização, a sua solução e se chegará um dia a essa normalização geral tirada do pouco que acertaram e do muito que erraram. Vale mais errar porém fazer do que não errar e não fazer. Os escritores nacionais célebres têm às vezes incitado, aconselhado a libertação nossa de Portugal. João Ribeiro. Graça Aranha. Principiam por um erro: opor Brasil a Portugal. Não se trata disso. Se trata de ser brasileiro e não nacionalista. Escrever naturalmente brasileiro sem nenhuma reivindicação nem queixa. E o pior é que continuam dentro das regrinhas bem portuguesas como João Ribeiro e mesmo o senhor Graça Aranha. Este no entanto, muito mais artista, transplanta pro seu estilo um fogo, uma cor, uma luz, uma eloquência que tradicionalizam Euclides, clarificando-o. Está muito bem mas Graça porém ainda é pior que João Ribeiro nas suas pregações. Depois que entrou pro Modernismo o Graça Aranha adquiriu um espírito combativo juvenilíssimo e de deveras bonito apesar dos erros que enchem a pregação dele. Erra mas faz e isso é que é importante. É um valor. Realmente seria preferível que errasse menos porém isso me parece irremediável: numa época primitivística, de início de tendências caóticas como a da gente, ele tem a mania das fórmulas tonitruantes. Ora a fase assim onde as tentativas surgem e morrem com o movimento ondular das vozes o espírito que estuda tem de ser analítico e não sintético. É assim que logo Graça aconselhando o brasileiroismo pros brasileiros criou a fórmula-assombração “Não somos a câmara mortuária de Portugal” [eminentemente?] errada e que não é mais do que palavriado inútil. Inútil não: contraproducente. Não pensem que vou defender Portugal e me tornar simpático pros portuguesas nacionalistas não. Não tenho por Portugal nenhuma ternura maior que a que tenho

5 O autor tenta reproduzir, por meio da alteração do vocábulo original, a pronúncia dos portugueses.

pelos cochinchins ou norte-americanos. Acho que o que fez pela gente ele fez pra ele e fez muito bem. Nada de gratidões pejorativas. E refletindo historicamente acho que fez pouco... Porém só mesmo o Brasil é que perdoa a dívida dos paraguais... Voltando: o espírito combativo sintético de Graça Aranha criou o não-somos-a-câmara-mortuária-de-Portugal que não tem nada de aproveitável. Acho engraçado essa mania de certa gente que pra ser duma nação carece do dinamismo de qualquer ideia antagônica pra ser nacional. Bobagem. Não se trata de nacionalismo reivindicador, minha gente. Isto é ridículo. Se trata de ser brasileiro e nada mais. E pra gente ser brasileiro não carece agora de estar se revoltando contra Portugal e se afastando dele. A gente deve ser brasileiro não pra se diferenciar de Portugal, porém porque somos brasileiros. Brasileiros sem mais nada. Brasileiros. Sentir, falar, pensar, agir, se exprimir naturalmente. Como brasileiro. Criar esses antagonismos e lá se vai a integração no cosmos por água abaixo. Inda mais: não-somos-a-câmara-mortuária-de-Portugal cria logo a ideia de se diferenciar forçadamente de Portugal o que é um erro. Nós descendemos em muito de nós de Portugal. Temos é natural por hereditariedade muitos costumes, expressões, jeitos, ações evolucionadas de portuga. Até intactos quase, alguns... E vai a gente os afasta da expressão portuguesa. Por quê? Por causa do não-somos-a-câmara-mortuária-de-Portugal. É um erro porque esses sentimentos e costumes, expressões e ações são agora tão nossos como dos portugas. Essas fórmulas são um perigo e o próprio Graça parece que sentiu isso, quando no discurso que disse no banquete oferecido pra ele em 1925 por gregos e troianos acabou com o nacionalismo apressado e leviano do discurso sobre “Espírito moderno”, falando que devíamos ser brasileiros porque assim seríamos uma expressão nova de Humanidade (citar em grifo a frase de Graça, exata, que tenho num recorte de jornal)⁶.

Nós somos as Juventudes Auriverdes!

As franjadas flâmulas das bananeiras,

as esmeraldas das araras,

os rubis dos colibris,

[...]

6 O discurso de Graça Aranha consta em um recorte que compõe a série *Matéria Extraída de Periódicos*, no arquivo do escritor, Fundo Mário de Andrade. Além disso, na biblioteca do escritor, no IEB, encontra-se o volume *Espírito moderno* que inclui o texto da conferência.

os abacaxis, as mangas, os cajus

[...]

Todos para a fraterna música do Universal!⁷

Está certo (citar meu artigo, “Pernambuco⁸”, anterior a Graça). Ora aplicando o caso à língua o que a gente tem de fazer é isso: ter a coragem de falar brasileiro, sem se amolar com a gramática de Lisboa. Dar cada um a sua solução pessoal de falar brasileiro pra que depois um dia os gramáticos venham a estabelecer a gramática do Rio de Janeiro. Está certo. Vejam bem: falei “sem se amolar com a gramática de Lisboa” e não “se opondo à gramática de Lisboa”. Não se trata de reação contra Portugal. Trata-se duma independência natural, sem reivindicações, sem nacionalismos, sem antagonismos, simplesmente, inconscientemente. Não se trata de reagir. Trata-se de agir, que é muito mais viril e mais nobre. Se trata de “ser”. O brasileiro tem direito de ser. Os escritores chegados, os que queiram ficar que fiquem no seu cuidadinho covarde do porquê João de Barros escreveu assim. A gente, os que não chegamos, os que não nos encasquetamos de ficar porém de andar, construíamos o nosso ninhinho de barro no galho do ipê, vamos fazer de joão-de-barros de penas morenas, vivendo com gostosura a realidade sem covardias desta terra que é da gente e que nos está fazendo. Amém.

(8)⁹

Não se trata de reagir. Trata-se de agir, que é muito mais viril e mais nobre.

(9)

Na *Gramatiquinha* um capítulo sobre psicologia da fala brasileira.

7 Versos iniciais do oratório profano “As enfiaturas do Ipiranga”, fecho performático de *Paulicéia desvairada*, de 1922. No confronto do manuscrito com a edição de 2013, identifica-se a presença de variantes. Cf. ANDRADE, Mário de. *As enfiaturas do Ipiranga*. In: _____. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, v. I, p. 114.

8 Artigo não localizado.

9 No manuscrito, o autor desloca esta nota para integrar a nota 7A.

(10)

Com prefixos como re (tornar a) a (negação) aplicáveis a verbos, substantivos, adjetivos, a gente pode fazer um dilúvio de figurações expressivas que não são propriamente neologismos, são antes expressões de momento, sem valor vocabular registrável. Reamar = tornar a amar não é um novo verbo, porque o prefixo não criou uma palavra que falte propriamente à língua, como o caso de repetir; é uma expressão de momento, expressão composta na realidade de duas palavras: o prefixo re e o verbo amar. São expressões idiomáticas ocasionais e não palavras novas.

(11)

O que fala o brasileiro tem o direto em vista da expressão momentânea de criar a voz ou vozes que quiser, sem que isso tenha propriamente que ver com a língua brasileira mesmo se essa invenção vem escrita. É assim que a todo momento em vista da expressão momentânea a gente escuta palavras que não existem, não registradas e que não devem mesmo ser registradas pelos vocabularistas porque não têm existência imprescindível. Porém são perfeitamente vivas e justas essas expressões que se aparentam com os neologismos, porque tiveram aplicação justa, porque partidas duma comoção intensa que se afasta do convencionalismo dos símbolos verbais conhecidos, enfim porque vivem. Porém a língua nem os linguistas não têm nada que ver com ela nem ela com eles. Principalmente em vista da imitação de ruídos a todo instante se criam expressões orais dessas. As crianças abundam desses ruídos admiravelmente expressivos, admiravelmente vivos sem que tenham vida gramatical. Se um indivíduo que detesta o gênero oratório de Rui Barbosa, por exemplo, diz pra outro: deixe desses discursos ruibarbostas, unindo propositalmente bosa e bosta, criou uma expressão cômica muito legítima, forte, incisiva porém não criou uma palavra nova. Depois de pronunciado ou escrito o pseudoadjetivo ruibarbosta deixou de existir. Dessas criações efêmeras, existentes ou passíveis de existir até o infinito, todo homem tem direito de fazer, são legítimas, perfeitamente exatas e até aconselháveis. Porém estão fora da virtualidade perene da língua. Acontece às vezes no entanto que expressões assim venham a adquirir dessa virtualidade perene que nem fonfom, ruge-ruge e se universalizam dentro dum povo

ou do mundo. Então passam a ser palavras legítimas, isto é, símbolos de convencionalismo universal. Então devem ser registradas.

(12)

A tendência pra eliminar os pronomes dos verbos pronominais. Exemplo: a que horas você levanta, hein? Ir embora. Vá embora!

(13)

Prefácio – Não se trata dum livro técnico nem pra técnicos. Homens pra estes talvez sirva de alguma coisa porque geralmente são tão presos a leis e regras convencionais, tem um espírito crítico tão pequenininho e lerdo que a violência ingênua das minhas liberdades talvez contenha mais duma sugestão pros tais. Porém embora estude com seriedade e constância a minha língua e a língua dos meus antepassados, me parece cada vez mais que não sei nada delas tal a barafunda que fazem em mim as comoções, as esperanças, as ambições e as verdades e leis. Sou bem um leigo da matéria. Não tenho pretensão nenhuma. Porém minha vida tem sido sempre essa belíssima coisa que se chama agir com vivacidade e coragem. Ora diante de todos aqueles que aconselhavam a intromissão de certos modismos e certas fórmulas gramaticais dos brasileiros na tábua de leis linguísticas da língua lusitana, eu tive a coragem conscientemente, seguindo a tradição e o exemplo bonito de José de Alencar, tive a franqueza de agir em vez de ficar no discurso “Irmãos, fazei!”. Sempre tive horror ao “Sejamos!”. Eu sou. E é certo que desde me pus na fadiga de escrever brasileiroamente, não fiz caricatura nem pândega. Todas as manifestações de brasileirismo linguístico que empreguei, empreguei sinceramente, não pra fazer comicidade nem mostrar burradas de incultos. Estilizei com seriedade depois de muito matutar e nem tudo aceitei porque se o povo pela sua incultura é por muitas partes imbecil e estúpido, por essa mesma incultura que o livro de uma imundície de preconceitos descobre aquelas fórmulas orais de expressão que encarnam, refletem e explicam as sensibilidades caracteristicamente nacionais. Fui sincero, paciente e estudioso nas minhas estilizações. Algumas, forçadas, que usei, como Oropa e outras, pela própria maneira em que estão empregadas; pela própria significação irônica da frase que as encerra, provam que eram

depreciativas ou ironias-ataques, não coisa séria. Ainda mais uma coisa: muita gente, até meus amigos, andaram falando que eu queria bancar o Dante e criar a Língua brasileira. Graças a Deus não sou tão ignorante nem tão vaidoso. A minha intenção única foi dar a minha colaboração a um movimento prático de libertação importante e necessária. Dar a minha solução pessoal a um problema que pode comportar muitas soluções transitórias ocorrentes e que só muito mais tarde, tenho inteligência bastante pra saber isso, terá a sua solução definitiva-evolutiva que tem de ser inconsciente e unânime. Se cada um, estudando com seriedade e trabalhando com afinco, desse a sua solução pessoal e transitória a este problema, não dou vinte anos, o elemento culto brasileiro, quero dizer a manifestação humana civilizada e por isso representativa (não falo característica) do Brasil na civilização atual já falaria, já escreveria e já teria gramáticas duma fala mais concorde com a nossa nacionalidade original, a nossa sensibilidade, ideais e civilização. Isso seria prático. Isso seria ter liberdade bem compreendida. Isso seria cultura verdadeira. E sobretudo isso seria ser humano e enriquecer a Humanidade. Assim fica entendido que isto não é uma obra científica. E ainda e sempre uma obra de ficção organizada pelo amor que consagro à Humanidade e nascida da comoção fortíssima que sempre faz nascer em mim a vida das palavras.

(14)

Ir-se embora = locução verbal. De tomar esse caráter de locução verbal vem o fui-se embora que parece formar o advérbio simhora. Na verdade o conceito pessoal e flexionável do pronome é que desapareceu dentro da locução inteiriça e imutável a não ser no verbo inicial que a temporiza.

(15)

Poude = mais uma flexão irregular de poder.

(16)

Que tal o concerto? Assim-assim. Ela tem uma voz mais-ou-menos. Assim-assim e mais-ou-menos são adjetivos qualificativos.

(17)

Num capítulo chamado “Psicologia da língua brasileira”: Doçura, Lentidão, Meiguice, Sensualidade, Ironia, Asprezas, Emboladas.

Olha o bambu do bambu bambu

Olha o bambo do bambu bambubê

Olha o bambo do bambú bambubá

Quero ver¹⁰ dizer 3 vezes bambubê bambulá!¹¹

Molenga língua. Indecisão passageira. Frases rápidas: Vê[^]nus bebia não. Síntese oratória da conversa.

(18)

Esta gramática, pois que gramática implica no seu conceito o conjunto de normas com que torna conscientes a organização duma ou mais falas, esta gramática parece estar em contradição com o meu sentimento. É certo que não tive jamais a pretensão de criar a fala brasileira. Não tem contradição. Só quis mostrar que o meu trabalho não foi leviano, foi sério. Bem que matutei e trabalhei pra dar pro meu estilo novo normas que organizassem-o. Se cada um fizer também das observações e estudos pessoais a sua gramatiquinha muito que isso facilitará pra daqui a uns cinquenta anos a salientar normas gerais, não só da fala oral transitória e vaga porém da expressão literária impressa, isto é, da estilização erudita da linguagem oral. Essa estilização é que determina a cultura civilizada duma raça sob o ponto-de-vista expressivo. Linguístico.

(19)

O estarem as palavras discriminadas pelas várias categorias, substantivos, adjetivos, verbos etc. Não é senão um meio de fixação de conceito psicológico perfeitamente exato porém não intangível. Quase todas as vozes podem mudar de categoria tais como se apresentam ou por meio de partículas categorizantes, que nem ear, izar, mente. Só as partículas adjuntivas de palavras como preposições e conjunções têm categoria intangível, porém

10 Nota MA: “ver nota 31”.

11 A quadra citada assemelha-se ao poema “O samba”, de Ascenso Ferreira, publicado em *Catimbó*.

não são palavras propriamente, são na realidade sufixos locucionais desse substantivo grande que chamamos frase. Essas partículas só assumem o conceito puro de palavra quando substantivadas ou adjetivadas. Por exemplo: você é um indivíduo muito e. “E” assume uma entidade qualificativa. Outro exemplo: o sim de você me botou pressa no desejo. Assim só essas vozes locucionais é que não podem variar de categoria porque não são entidades independentes, não têm vida própria. Os adjetivos, advérbios, substantivos etc. podem no entanto passar pra qualquer outra categoria transitoriamente e sem perder o seu caráter psicológico. Vestem uma fantasia, se mascaram momentaneamente, por uma precisão expressiva, mas porém não perdem jamais a entidade psicológica que se esconde sob o lupe.

(20)

A palavra é uma entidade. O substantivo é uma entidade qualificativa. O adjetivo é uma entidade limitativa. O verbo é uma entidade acionadora e vitalizadora. O advérbio é uma entidade modalitativa e modificativa. O pronome é uma entidade personalitativa. A preposição não é uma entidade, é ligadura de entidades etc.

(21)

A frase é um substantivo. Mesmo se eu falo “Você é burro” eu criei um substantivo, isto é, uma entidade qualificativa.

(22)¹²

Assim só essas vozes locucionais é que não podem variar de categoria porque não são entidades independentes, não tem vida própria. Os adjetivos, advérbios, substantivos etc. podem no entanto passar pra qualquer outra categoria transitoriamente e sem perder o seu caráter psicológico. Vestem uma fantasia, se mascaram momentaneamente, por uma precisão expressiva, mas porém não perdem jamais a entidade psicológica que se esconde sob o lupe.

¹² No manuscrito, o autor desloca esta nota para integrar a nota 19.

(23)

Nem uma só vez dar exemplos vulgares, gênero “Pedro matou Paulo”. Todo exemplo será reflexão profunda. Será frase lírica adorável. Será julgamento crítico. Será ataque ou sarcasmo. No máximo com brasileirismos raríssimo dar exemplo palavra isolada, só quando já contiver lirismo.

(24)

Descrever minha comoção profunda com a palavra. Os cambiantes de sentido da palavra pelas relações que adquire, pelas modificações que assume dentro da frase. O poder da frase. Sua amabilidade. O valor da frase antipática. O ardor de certas frases sensuais. Quando principiei escrevendo brasileiro imediatamente minha frase se encompridou como um caipira, ficou longa, de braços molengas, fala dengosa, renque. Não gostei de sopetão mais das frases curtas – enérgicas, mas porém depois estas entraram de novo porque me lembravam, gente [sarrista?], picurrucha, serelepe, gorducha.

(25)

Caráter estético da fala que emprego. O defeito do ineditismo. Carece acabar com este (ver páginas soltas apenas a este livrinho)¹³.

(26)

Entre as formas compostas de adjetivos demonstrativos (Carlos Pereira, p. 63) não esquecer “Esse um” e “Aquele um”.

(27)

Substantivo prático ou particular. Um grupo de entidades abstratas universais reunidas formam então o verdadeiro substantivo, o prático, o que a gente emprega e que é limitado. Exemplo: este meu Brasil gostoso. Esta última frase é um verdadeiro substantivo composto – é transitório – é psicológico – é limitativo – é concreto e realista.

13 As “páginas soltas apenas a este livrinho” referem-se a um conjunto de fólhos numerados sob o título “Início” alocadas na caderneta “Língua Brasileira 12”.

(28)

Uns pares de = vários.

(29)

Caracteres psicológicos do brasileiro: carinho, pegajosismo, sensualidade, calor na sonoridade (escrito) verdadeira musicalidade no oral, que nem com as crianças. O caipira quando fala, sobretudo o mulato canta que nem criança. Comodismo, lentidão escarrapachada e acocorada. Fazer considerações sobre isso em solução da rapidez moderna.

(30)

Será total a diferenciação entre brasileiro e português (línguas). Total não pode ter sendo falas do mesmo berço comum. Quando muito talvez daqui a século como entre português e espanhol. Não é razão pra que não principiemos.

(31)

É curioso que, sem saber disso, os primeiros versos que fiz, ou pelo menos de que tenho memória foram também uma embolada legitimíssima. Isso foi no tempo dos quatorze pros quinze quando o amar passou dos simples beijos escondidos nos cabelos maravilhosos de Maria ou das marretas sintomáticas, meio sem ser de lado, que dava numa outra Maria, tenho a fatalidade das Marias na vida minha!... criadinha na tia do número 1. Tinha conhecido uma liberobadaroana, naquele tempo... Se chamava Geny. Pois eu andava sempre cantando estes versos admiravelmente expressivos e que são um exemplo perfeito e equilibradíssimo do processo da sublimação freudiana. Vou grafar a embolada pelas entidades psicológicas dos vocábulos que sentia dentro de mim. Vai:

Fiori de la Pá
 Geni transférdi güide nós pigórdi
 Geni trâns!¹⁴ Feligüinórdi
 Geny!...

14 Nota MA: “Neste ‘Geni trâns!...’ eu era possuído por um êxtase inconcebível. Erguia a voz, dava uma fermata e sofria”.

E foram os únicos que me ficaram da meninice... Únicos bem, não. Me lembro duma quadra de que só resta em mim o último verso. Também sintomático? Não sei. Vai: O moço pegou na faca e disse: “Oh! Morte”.

(32)

É incontestável que eu escrevendo na língua artificial e de ninguém em que escrevo atualmente por assim dizer escapoli da possibilidade de errar. Isso não tem dúvida não porém a gente carece notar duas coisas:

Primeiro: posso dizer com certa sinceridade que sei ou pelo menos já sube escrever o português. Dou como livro escrito nessa fala a minha *Escrava que não é Isaura*. Livro publicado com certa afobação só me desculpo nele da barafunda de acentos que por vezes saíram bem falseados. A culpa não foi minha que nesse tempo inda eu não sabia rever provas não. Afora isso me escapoliu um “poude” por “pôde”, cacoete em que cochilei uma feita no volume. Porém é certo que sabia da ortografia legítima como a gente constatará pelos livros anteriores. Agora escrevo conscientemente “poude”. O outro erro, também de ortografia nem me lembro mais qual é. Afora esses, duvido que possam me mostrar erro de deveras erro no livro. Podem chicanar com pontos de controvérsia, erro mesmo, erro garanto que ninguém não acha nenhum. Na medida do um bocado mais que o possível, estudei com paciência a fala portuga. E não foi só nas gramáticas de todo gênero não. Nenhum dos clássicos portugueses grandes deixei de ler com paciência. Alguns me foram até familiares como o doce Frei Luís de Sousa que eu gostava muito, Garrett, Camões, Castelo Branco e Latino. Os outros lia mais por obrigação com verdadeira paciência, sobretudo Vieira e Castilho que jamais não pude apreciar. De Camões sabia de-cor o introito dos *Lusíadas*, a passagem de Inês, a dos doze de Inglaterra, a tempestade e o Adamastor, além de pra mais de cinquenta sonetos. Também se explica tanta decoração. Uma feita assuntei pasmo no tempo que a gente perde fazendo a barba todo santo dia. Me lembrei de decorar coisas bonitas. Camões e o Bilac adorado naqueles tempos de dantes foram os que decorei mais. Porém até a “Benvida” de Macedo Papança papei inteirinha. Fiquei até dizedor de festinhas sonoras duma sociedade católica. Sonetos então, sabia pra mais de cem! Ah! Tempos em que sonhei possuir um estilo que docinho como o de Frei Luís de Sousa fosse elegante que nem Garrett e

relumeante que nem Latino Coelho!... Ora eu, como toda a gente, desconfio um bocado de quem não sabe uma coisa e se bota falando mal dela. Que importância fundamentada tem agora que um indivíduo inculto fale mal da cultura? Bem pouca se o indivíduo não ficar apenas no senso comum do lugar-comum. Porém eu sei o português. Ou pelo menos sube, que, palavra, quando principiei vivendo de vida nova nunca mais que não peguei em certos famanados. Minha biblioteca está povoada de *hic-jacet s*¹⁵. Pois é. Se eu deixei de escrever em português bem que posso pois falar que foi por causa de ter adquirido uma convicção nova.

Segundo: é incontestável que com a estilização de fala brasileira feita por mim, estilização em que além de generalização de modismos sintáticos brasileiros e ilações que tiro deles, entram ainda modismos esporádicos colhidos de pessoas que escuto, cartas que recebo, livros, jornais, anúncios etc. que leio e mais as variações e fantasias estilísticas que me são próprias... Vou começar outra frase porque essa está ficando manguari por demais. É incontestável que com a estilização de fala brasileira que é a minha contribuição pessoal pra codificação futura do brasileiro, ninguém não me pode pegar em erro. Basta ver as modificações açus¹⁶ de estilo, de modismos vocabulares e de ortografia dum livro meu pra outro, pra se ver que tudo saiu assim porque eu quis. Mas também por outro lado, se não me podem acusar de erro, também é certo que não me deixei adormecer nos braços molengos da facilidade. Minha fala é difícilima até. Requerem (?) e requer estudo constante, prática mensal de centenas de vocabulários apensos a quanto livro regionalista surge por aí tudo, e muita observação pessoal. E muita codificação e generalização pessoal. É muita paciência de observação psicológica. E uma universalidade brasileira que jamais ninguém nunca não poderá chamar de regional. Se muitos que tentam o que eu tento despencam pra facilidade e pro regionalismo, eu não. Posso dizer sem vaidade porém

15 O autor utiliza o termo latino *hic jacet*, particípio presente do verbo *jacere* – “estar estendido, estar deitado, estar pousado no chão”, seguido da letra “s”, para marcar o plural de “aqui jaz”. Dessa maneira, indica que sua biblioteca está povoada de defuntos. Cf.: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009, p. 1122.

16 O autor utiliza a grafia antiga “assús” para este termo de origem tupi que significa “de grande porte; avultado; volumoso”. Cf.: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles, p. 44.

com consciência que não. Ora com o conhecimento prévio da fala portuguesa, com o estudo paciente das falas brasileiras e com a estilização penosa delas, creio que tenho três perdões bons da libertação do erro em que contra a vontade me vejo. Posso escrever o que me vier na cachola, até coisa que eu mesmo reconheça ser erro em brasileiro, sem que ninguém não possa com justiça me acusar de erro. Pelo simples fato de que ninguém não sabe o que foi consciente e o que foi falsificação, num estilo tão extravagante que nem o meu. Sob esse ponto estou na situação dum primitivo. E por isso escrevo mesmo que nem primitivo, naquilo, em que o posso ser, isto é, sem a preocupação de que isto é erro e isto não. Minhas preocupações de língua escrita são outras. O que ficará das milietas¹⁷ de processos empregados por mim? Não posso maliciar isso não. Pode até não ficar nada. Pode porque tudo é possível porém duvido. Que importância tem um processo de compra, uma norma de falcoeiro, uma carta quatrocentista pra fala portuguesa de agora? Importância bibliográfica, importância pra estudioso, importância sem importância. Isso eu serei, passado um século ou dois. Que bem me importa, gente! Que bem me importa? Importância tem pra mim mas é minha vida e minha eficiência na vida contemporânea que vivo. Nessa garanto que sube representar um destino. E que esse destino era bem o meu tudo me está provando: uma consciência, uma segurança de mim que me deixa dormir bem, uma curiosidade faminta de mundos, uma alegria sem parada. E tudo isso: terra pra um jardim de cento e tantos amigos que até fazem me iludir: confundo amigos com bugalhos, dou bom-dia pra motorneiro, até-logo pra garçom, me rio pra todo o mundo e cá neste peito batido sem aguentar meus penares. Vida assim condena Deus e Deus condena? É possível que os mártires do mundo tenham pena do que evita e combate a dor... Porém o perdão existe, também pros que amaram por demais. Eu.

*

17 A palavra “milietas”, que significa muitos (as), também foi empregada em *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter, conforme indica Noslen N. Pinheiro em sua dissertação. Cf.: PINHEIRO, Noslen Nascimento. *A expressividade dos neologismos sintagmáticos de Mário de Andrade* – FFLCH-USP.

Tem traço-de-união¹⁸:

- I. As palavras duplas em que no plural primeiro termo se pluraliza;
- II. As palavras duplas em que no plural se daria mudança de sonoridade (força) na consoante inicial do segundo termo, r ou s¹⁹;
- III. As palavras triplas: traço-de-união;
- IV. As palavras em que o primeiro termo é “sem”, “circum”, “recém” conservam o m embora unida: semvergonha, recémchegado, circumnavegar.

Palavras acentuadas:

- I. Esdrúxulas de uso menos comum;
- II. Palavras suscetíveis de duas acentuações diferentes com significados diversos, acentua-se todas pra facilitar a visibilidade imediata, exemplo: “saía”, apesar de grave.

18 Embora não estejam numerados, os dois últimos tópicos – “Tem traço-de-união” e “Palavras acentuadas” – são subsequentes às notas presentes na caderneta. Trata-se provavelmente de um acréscimo do autor pelo uso da tinta preta, instrumento de escrita raro no manuscrito.

19 Nota MA: “Em todo caso verbos como entressorrir em vez de traço-de-união terão o s duplicado pra melhormente ressaltar a entidade verbal.”

IDEIAS PARA CAPÍTULOS PARTICULARES

Capítulo I – Introdução²⁰

Nota 1 – Nota 7A – Nota 13 – Nota 18 – Nota 23²¹ – Nota 24 – Nota 30²²

*

Livro de ficção (meus idílios com a fala) — Minhas intenções tentando estilização da fala brasileira desde a pseudoculta (explicar diferença que faço entre cultura e civilização) até a inconsciente popular. — Estilização não paulista (folha solta apensa ao livro de notas “Língua Brasileira”²³).

*

Dizer que eu não falo de tudo o que continua na mesma. Salvo se me leva a reflexões íntimas especiais. Este é um livro de ficção e ninguém não aprende gramática nele, é lógico.

*

A censura de que “ninguém fala como eu escrevo” é besta. Primeiro: escrita nunca não foi igual a fala. Tem suas leis especiais. Depois: se trata dum estilo literário, se fosse igual ao dos outros não é estilo literário, não é meu. Isso só é elogio, mostra que é estilização. Agora quero saber quem que nega o meu estilo ter raízes fundas nas expressões do meu povo desde a pseudoculta até a ignara popular? A única objeção que pode valer é a feiúra. Porém isto já

20 No plano inicial, sob o título de “Índice”, o autor apresenta a integralidade do livro. No entanto, muitos capítulos não foram levados a cabo – ausentes ou incompletos –, em virtude disso, não figuram nesta edição.

21 A nota 23, referenciada nos esboços de capítulo, está sempre sublinhada a lápis vermelho.

22 Geralmente a cada capítulo, o autor seleciona da caderneta “Língua Brasileira 12” notas pertinentes ao tópico discutido.

23 Trata-se das folhas avulsas alocadas na caderneta “Língua Brasileira 12” sob o título “Início”.

sei que é puro preconceito não só porque o belo é transitório como porque julgam da beleza do meu estilo não em si porém comparando, o que não é absolutamente maneira de julgar uma coisa nova.

*

Nas censuras vejo antes de mais nada a samanguice (figurado), preguiça de tentar e sobretudo a vaidade de não ir atrás, de não dar a impressão de ser discípulo. Tudo vaidade. Pois saibam que não tenho a impressão de ser primeiro. E no entanto por mais que não queiram parceiros e inimigos tenho sido o primeiro em muita coisa nestes brasis, em mais coisas que se imagina. Não por ser o primeiro a tentar, porém por ser o primeiro a “acreditar”. Eu tenho fé. Por isso, se dois ou três tinham tentado numas poesias umas ou três em verso-livre, eu não tentei, não falei “Façam!”, nem “Sejamos!”. Eu fiz um livro inteirinho. Não tentei. Acreditei no verso-livre. Eu não disse sejamos brasileiros. Eu fui. Eu não falei: escrevamos brasileiro. Eu escrevi. Se alguma coisa me orgulha é o poder intelectual maravilhosamente feliz com que eu cumpro os mandamentos da minha fé. De ser o primeiro não tenho orgulho nenhum. Não só porque ser primeiro nunca pressupôs ser genial como também porque já vejo muita gente fazendo melhor que eu fiz e faço. Porém no regime feioso e panema do sejamos, não fiquei não.

*

Mostrar que o perigo pra quem se mete numa coisa destas é principiar inventando coisas sem nenhuma ligação com a realidade existente. Embora tomando cuidado não me livrei desse defeito e é por isso que não apresento o meu trabalho como obra de técnica porém obra de ficção. Porém sempre uma observação inda tenho que fazer: é que estudando a psicologia dos termos e das frases, não destruo nenhuma das leis e normas gramaticais universais. Assim quando chamo todas as palavras de abstratas e mostro que se tornam transitoriamente concretas não destruo a velha divisão gramatical em substantivos abstratos e concretos, apenas faço a psicologia da palavra como entidade universal e entidade particular. Este livro evidentemente é pra quem já sabe não é pra grupos-escolares.

*

INÍCIO²⁴

Brasil corpo espondongado, mal costurado que não tem o direito de se apresentar como pátria porque não representando nenhuma entidade real, de qualquer caráter que seja nem racial, nem nacional, nem sequer sociológica é um aborto desumano e anti-humano. Nesse mostrengo político existe uma língua oficial emprestada e que não representa nem a psicologia, nem as tendências, nem a índole, nem as necessidades, nem os ideais do simulacro de povo que se chama o povo brasileiro. Essa língua oficial se chama língua portuguesa e vem feitinha de cinco em cinco anos dos legisladores lusitanos. O governo encomenda gramáticas de lá e os representantes da nossa maquinária política, os chamados empregados públicos que com mais acerto se chamariam de empregados governamentais, presidentes, deputados, senadores, chefes-de-seção etc. etc. etc. são martirizados pela obrigação diária de falar essa coisa estranha que de longe vem. Só por eles, os empregados governais de graduação rica, essa língua e escrita e mais ou menos, muito menos, falada. Escrevem-a também os escritores, casta hedionda de falsários pedantes que malempregam os dotes de lirismo e de inteligência que possuem. Têm também os doutores, um poder de hominhos serelepes e casuístas, sobretudo safados que muita gente imagina falando essa moda importada, a tal de língua portuguesa. É mentira – com exceção duns trinta ou quarenta os doutores não falam a língua oficial nem nenhuma língua. Língua é o instrumento mais ou menos plausível com que a gente matuta. Língua é uma expressão espontânea do homem e ordenada unicamente pelas precisões inconscientes da fisio-psicologia humana. Nem a língua oficial que com muito custo a gente pode fazer entrar nesse conceito, os doutores falam e escrevem. Porque as invenções instintivas do ser maculam na infinita maioria dos casos a escritura dos doutores. Isso quando eles param nas cidades macotas, Rio Grande, Manaus, Rio de Janeiro. Essa maculação fez da escritura dele uma coisa hedionda como realidade porque é um pensamento, isto é, uma realidade psicológica buscando se expressar sem naturalidade, sem espontaneidade de expressão. Uma merda. Quanto aos outros doutores, os que vão parar nas cidadinhas pingando por certas partes mais cabeludas do corpão brasileiro, esses num

24 De acordo com a indicação do autor, aqui se inserem as “folhas soltas”, esboço de ensaio sob o título “Início”.

momento se deixam possuir pela terra e pelo povo que os rodeiam, falam a língua que vem do povo e da terra, e escrevem mais pobrinho uma língua mais verdadeira já, em que se é certo que a influência da gramática lisboeta demonstra o funcionamento dos pronomes e dos adjetivos, sempre uma expressão mais pura transparece que é suor de caipira no [esto?] e brisa vaga cheirando mato natural. A língua gramatical portuguesa adotada violentamente pelo governo e pelo pedantismo dos literatos do Brasil é uma língua linda, rica e meio virgem quando pronunciada do jeito lusitano e escrita por escritor lusitano. Falada do jeito brasileiro e gramaticalmente à portuguesa é uma coisa falsa, desonesta e duma feiura morna. Essa é pois a língua do elemento oficial graduado do nosso país. Juntos nessa língua, que só se encontra na minoria governamental e literária, o Brasil sendo como agorinha já (“agorinha já” vem na boca de gente do povo em *Sertões do Iguaçu* de César Martinez) falei em corpo mal costurado, tem um poder de outras línguas representando com menos estupidez e mais fatalidade certas outras minorias de que se compõe esta nação falsa. Tem por exemplo o italiano, tem o alemão, tem o japonês, tem os diversos linguajares regionais que aliás não chegam bem a formar línguas de-verdade. Tem ainda o guarani. E tem o espanhol paraguaio de toda essa região maravilhosa da margem brasileira do Paraná, região [ilegível] onde o português e a fala brasileira em qualquer das manifestações dela, são inteiramente e totalmente desconhecidas, onde só se fala o paraguaio e o guarani. Com que direito hediondo de conceito de pátria se poderá dizer que essa região onde a gente que trabalha e sofre é paraguaia, a língua e os costumes são paraguaios, o comércio é paraguaio ou vem da influência argentina, com que direito hediondo essa região nós fazemos nossa? Essa região é paraguaia, pertence à nação dos paraguaios e nós não temos o direito de dizê-la nossa porque nada fazemos e nada sofremos por causa dela. A vida é ação e sofrimento não é orgulho nem ambição de grandeza. A vida é trabalho ganhando direito de vida, coisa chique e voluptuosa. Esse trabalho, esse sofrimento, essa vida pelas regiões vastas de sertão no Iguaçu, é paraguaia e eu me envergonho de dizer que possuo mais dinheiro que o carecido pra viver. Essa região fala a língua hispano-paraguaia. Aliás o japonês de Cotia, o italiano de Abaixo-o-Piques, o alemão de Santa Catarina e o paraguaio de Guaíra são felizes ao menos nisso que falam a língua natural deles, se expressam com realidade. Meu dó grande

vai só pra esses desinfelizes que martirizados pela moda se impuseram a sina triste de viverem sem pensamento psicológico a vida toda. As línguas psicológicas já são instrumentos imperfeitos que, conferem os tratadistas, representam mal e convencionalmente o pensamentear da gente. Que se falar então dessa língua oficial que não pode ser psicológica pra nós, que é moda pura sem transformação nem mesmo exterior nenhuma? (lamentar esses mártires). Que resta de todas estas verificações iniciais e que com algum exagero de discriminação unicamente representam a nossa atualidade linguística brasileira? Tem de tudo isso que se entrechoca e sua no [esto?] de se expressar um bafo gostoso, inda muito tenuinho é certo, que vai subindo pro céu. Esse bafo é a fala brasileira. Fala que nasce desinfeliz coitada, pois nunca será pura nem unida dados os erros sociológicos que formam a pseudonação brasileira, que talvez se unifique só literariamente e então com muito mais sinceridade e realidade venha a se tornar enfim a língua oficial do Brasil. De que Brasil? Do Brasil que por esse tempo de então será o Brasil e que eu não posso imaginar bem o que será. Talvez uma coisa grande e verdadeira que terá como limites do sul o horizonte São Paulo-Paraná. Talvez porém eu não posso imaginar o que será o Brasil verdadeiro de então. É possível que tudo o que é o Brasil de agora continue... Isso só mesmo se de sopetão um surto de progresso maravilhoso, de energia soberana ou de errados sentimentos patrióticos conseguirem unificar como pátria o que hoje está designado falsamente nos mapas como pátria brasileira. Voltem pra fala nossa.

*

Referir o caso do português no trem de Jaú para São Paulo, que conversando com um menino brasileiro, depois de perguntar tal pessoa em que ano estava, perguntou:

— E o menino?

— Menino... Que menino... Ele está no 3^o ano.

O menino não compreendera a pergunta e o portuga desapontou o menino também e não chegaram à compreensão.

*

Geralmente é um erro citar exemplos de chamados clássicos, gente que viveu até quinhentos anos atrás de nós. A língua evoluciona e os exemplos devem ser tirados dos escritores bons atuais. É incontestável que os nossos compositores de gramáticas fazem as suas regras observando muito mais os escritores chamados clássicos da língua que o falar dos nossos dias. A gente percebe muito bem que se eles podem aduzir em favor das regras deles alguns exemplos de Camões, de Vieira e de Padre Manuel²⁵ Bernardes, pronto, se dão por satisfeitos e estão convencidos de que a regra existe. Basta observar um pouco os gramáticos pra perceber esse defeito grave e primacial. Geralmente quando muito eles citam os estilistas tradicionais, Herculano, Castilho e quando muito Gonçalves Dias e Machado de Assis os mais patriotas. Quem que cita os estilistas naturais que buscaram escrever com naturalidade da fala comum do tempo deles? Quem cita Álvares de Azevedo, Casemiro, Eça, Fialho, António Nobre, e sobretudo quem cita os vivos a não ser o caso excepcional de Rui Barbosa aliás citado mais como tendência ou convite a tal meneio de sintaxe do que como prova deste?...

25 Nome acrescentado para facilitar a identificação do escritor citado.

LEXIOLOGIA

Capítulo V – A palavra

Nota 19 – Nota 20 – Nota 23

*

Distinguir a palavra das partículas sintáticas que são as preposições, as conjunções, os artigos, os adjetivos determinativos.

*

Palavra ou substantivo. Depois vem as divisões dos substantivos em substantivos diretos ou propriamente ditos; substantivos pronominais; substantivos qualificativos; substantivos verbais ou dinâmicos; substantivos modificadores ou adverbiais = Apesar disso (explicar bem como isso é verdadeiro pelo estudo psicológico das palavras isoladas (não esquecer que estou na Lexiologia)) aceito a divisão comum por mais clara e eficiente. A minha sendo produto de puros amores meus. Só que tiro da denominação genérica de Palavras, os artigos, as conjunções, as preposições que passam a ser Partículas Sintáticas.

*

Não esquecer de estudar *La vie des mots*; Gourmont²⁶.

26 Arsène Darmesteter é autor de *La vie de mots: étudiée dans leurs significations*. O escritor francês Rémy de Gourmont, por sua vez, configura outra sugestão de estudo.

Capítulo VI – Substantivo

Nota 27 – Nota 23

*

Os pronomes são uma subdivisão dos substantivos.

*

Abstratos e concretos²⁷. Todos os substantivos são abstratos em si, são universalizações. Os termos só se tornam concretos quando particularizados. Assim cada palavra pode ser concreta ou abstrata. Exemplos de substantivos abstratos: “Postretutas e famílias sacolejam” (Oswald de Andrade, “Bonde”, *Pau Brasil*, p. 56). Exemplo de substantivo concreto: “Quando, Maria, vês de minha frente, negra ideia voando no horizonte, as asas desdobrar” (Castro Alves, I, p. 24). Aqui a imagem concretizou a palavra abstrata ideia da mesma forma com que no exemplo anterior postretutas se inclui na categoria das abstrações por não ter adquirido essência limitativa e realística. Se falo “Quando o Brasil entrou na Guerra Grande tive um remorso curto e violento” remorso é concreto porque está delimitado e realista. Porém no “não tive remorso por não tomar parte na Isidora” já remorso é abstrato. “Meu forde” é concreto. “Fordes na rua” é abstrato. “Os fordes de Pauliceia” é concreto.

*

Fazer a psicologia do “você”. Mostrar o caráter inconstante dele. Sensual mas delicado. Íntimo mas discreto. É como se fosse um tu indireto, é como se

27 Antes desse trecho, há apenas menção ao título “Os números” e, por tal razão, suprime-se o tópico.

fosse um tu na 3ª pessoa. Aspereza do vòcê portuga com Ô aberto e o nosso vôcê²⁸ mais silencioso, mais em segredo, como se não carecesse ninguém saber.

*

O que caracteriza o substantivo é a sua essência de entidade absoluta, abstrata, isolada. Pode não ter relação, o que não se dá com as outras palavras. Assim a entidade substantiva é expressa por uma palavra só. Daí o se ligar com traço-de-união tudo o que é uma entidade abstraível, um substantivo enfim. Se escreve guarda-chuva, pé-de-moleque, fruta-do-conde. Da mesma forma se deverá escrever Rio-de-Janeiro, São-Paulo, S-Paulo (subentendendo o ponto de abreviatura), Santa-Ana-do-Livramento etc.

28 O autor enfatiza a diversidade fonética nas variantes portuguesa e brasileira do “você” a partir do uso dos acentos distintos.

Capítulo X – Interjeição

A interjeição é o único remanescente esporádico da linguagem primitiva e que permaneceu nas línguas organizadas, pra expressar os casos de sentimento intenso por demais em que a gente perde toda organização psicológica de civilização e de cultura, e o homem primitivo, o selvagem que a gente tem dentro de si aparece. Quanto mais culto e mais civilizado o homem menos interjeições tem sua linguagem. Nas línguas organizadas a interjeição não tem qualificação nem classificação relacional dentro da frase porque ela é um ato reflexo quase que puramente fisiológico ao passo que as linguagens seja inconscientemente seja subconscientemente são organizações de ordem intelectual. Nas línguas organizadas a interjeição não se organizou, permaneceu infinitamente variável, subjetiva e individualística, também universal (dado o seu caráter de ato reflexo) e é a única parte do discurso que tem significação internacional por isso mesmo que isenta de organização. Por vezes ela tenta tomar caráter nacional ou simplesmente regional como em “Puxa!”, “Putá vida!” etc. etc. Mesmo aí, ela é de significação internacional dada a flexão oral intensiva que a realiza. Porém mesmo essas interjeições linguísticas estão por assim falar fora da organização linguística. Nas linguagens organizadas a interjeição foi transformada intelectualmente em frases de caráter interjectivo, de admiração, espanto, raiva etc. Da sua universalidade notar o caráter expressivo da interjeição. Distinção entre o espanto romântico e o espanto selvagem dos primitivos. A riqueza de interjeições da fala brasileira. Temos não só “Ah!” e “Oh!” por exemplo, mas “Ah Eh Ih Oh Uh”.

Capítulo XI – Partículas sintáticas

Notar como o que eu chamo de partículas sintáticas (sintáxicas?) são verdadeiros morfemas (ver definição de morfema em *Philosophie du langage*, Dautat, p. 212) da frase e não da palavra. Ora eu considero a frase como uma entidade substantiva.

Capítulo XVII – Formação das palavras

Nota 10 – Nota 11 – Nota 23

*

Aqui depois de Etimologia falar sobre neologismos.

*

PALAVRAS TRANSITÓRIAS

Ôh, as palavras transitórias, elas possuem essa riqueza sublime de sugestão e de mistério que envolve os adventícios, os estranhos que a gente encontra na rua... Elas não possuem essa dubiedade, essa certeza incerta das pessoas familiares que a gente imagina de conhecer e vai, conhece mesmo porém conhece sempre meio errado. A palavra transitória não. Ela é decisiva. A gente toma conta dela inteirinho, conhece-a duma vez porque tudo ignorando dela nós não possuímos senão os dados exteriores, os dados físicos e as potências assombradas da nossa imaginação. Então cria uma história livre e o estrangeiro apenas entrevistado é inteirinho da gente. Porém basta refletir um pouquinho, pronto, se percebe que nada é verdade e que a palavra transitória é ignorada. Donde veio? Quem é? Que quer dizer? Parece que não quer dizer nada no entanto viveu que nem uma fulguração na inteligência da gente. Ota²⁹ vida carecida de estrangeira, vida comovida, vida revelante, vida dum momento só... E não tem nada nela de místico, nada que não seja bem da vida da Terra. Não possui talqualmente as palavras de

29 Trata-se de uma interjeição brasileira que “exprime admiração, espanto”. Cf.: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles, p. 1404.

vida aparentemente fixa, essa penetração, essa colher-torta do raciocínio e dos afeiçoamentos, pela qual uma coisa se vai modificando na gente pouco a pouco, a gente chega a querer bem o que no princípio era antipático ou indiferente. Não, é como um desses encontros de bonde, de mostrador, de cadeira vizinha no teatro, um olhar cruzado e simpatia ou antipatia imediata. Se gosta ou não se gosta. Olhar que morre nascendo ou que acaba na posse completa dum momento físico delirante. Depois ela partiu. E só ficou uma memória esquecida. Ou um desejo doendo muitas vezes. Pode morrer, não ser lembrada mais... Doutras vezes a gente vive buscando a tal na multidão apressada amontoada dos períodos e das dicções. Parece que na outra calçada... Era ela sim! Aquele boá... Não era não. Passou no automóvel 15-066. Não passou não. E como era mesmo?... Já não me lembro bem. E a palavra transitória está bem morrida pra expressão dum autor querido ou nossa mesma. Nasceu e teve a fatalidade dum momento voluptuoso, louco, de criação. E a gente matutar nisso é bom que dói!...

SINTAXE

Capítulo XIX – Frase

Nota 5 – Nota 23 – Nota 27

*

A frase é sempre uma entidade substantiva? Observar, estudar psicologicamente bem isso, sobretudo em relação ao conceito de substantivo, verbo, qualificativo. Pois senão a frase pode ser entidade verbal, exprimir ação por exemplo “matei o bicho” ou entidade adjetiva, exprimir qualificação; exemplo: “Está dormindo, siô!”.

*

Sobre as palavras compostas escreve Bréal “Il faut que malgré la présence de deux termes, le composé fasse sur l’esprit l’impression d’une idée simple”³⁰ (*Philosophie du langage*, Dauzat, p. 214). Ora a frase dá essa impressão duma ideia simples. “Vá pentear mico” não se pode tirar nada, nem pôr que não prejudique isso. Considerações em estilística sobre isso mostrando quanto a frase literária na sua maioria infinita é impura por causa de tudo o que a gente bota nela pra enfeitar. Citar exemplos desse ridículo na prosa de Ronald em *Estudos brasileiros*. Defender o defeito na poética por necessidade rítmica.

*

Da mesma forma que é o acento tônico que dá unidade pra palavra é o acento principal que dá unidade pra frase e a reúne numa grande palavra só.

30 Tradução livre: É preciso que apesar da presença de dois termos, a composição impregne o espírito de uma ideia simples.

Capítulo XXI – Psicologia do pronome³¹

Nota 7 – Nota 23

*

Pra quem diz que só iniciamos frase com o pronome “me”, o que aliás não teria importância pois generalizo concludentemente uma regra popular, lembrar porém a estrofe:

Somos pobres miseráveis
Não temos nem pra comer
Pode arranjar uma sombra
Até o dia amanhecer?!...
Nos façam esta caridade
Deus há de lhe agradecer.

(*História do menino da floresta*, do poeta Heitor Martins de Athayde, p. 12).

Desses livrinhos editados no Recife, literatura popular em que publicaram poetas populares como Leandro Gomes de Barros, Cordeiro Manso e ainda João Martins de Athayde. Também no volume *Bento, o milagroso de Beberibe*, vem uma *Peleja de Antonio Baptista e Manoel Cabeceira*, inventada

31 O autor desloca este fólio originalmente agrupado no envelope “12-G – Tratado de estilo ou ideias para capítulos particulares” para o envelope “12-C – Me parece e outras sintaxes”.

ou registrada por Leandro Gomes de Barros. Cabeceira a horas tantas canta assim, se gabando:

Fiz Romano atropelar-se

E fiz Germano correr

Abocanhei Ugulino

Porém não pude o morder³².

32 Nota MA: a lápis azul, “usado” sobre o texto e cruzeta.

Capítulo XXII – Psicologia da ação

Nota 14 – Nota 23

*

REGÊNCIA DE VERBOS PELA PREPOSIÇÃO DE

Os verbos dever, prometer, inventar “Você inventou de fazer isso agora aguento”; “Prometi de ir porém não contava com a doença”; “Você deve de fazer isso”.

Projeto da regra – Nos verbos seguidos de outro infinito e que incorrem na significação de estar obrigado a deve ter havido contaminação: Dever por Estar na obrigação de; Inventar por Lembrar-se de; Prometer por ?

Capítulo XXV – Pontuação

HÍFEN

O hífen enfraquece o volume da palavra lhe diminui a plasticidade. Torna mais lenta a visibilidade, e intelectualiza criticamente a compreensão da palavra chamando a atenção pros seus componentes. Ora a palavra depois de ter entidade própria deixa de ter sensorial e sensitivamente uma composição pra se tornar um dinamismo integral e único. Vive só e vive por si. Se é certo que tomada isoladamente ela faz nascer um dilúvio de associações de imagens e de ideias de toda casta, lirismos curiosos que nem mostrei em poemas tais como “Flamingo”, “Escrivantina”, “Jorobabel”³³ etc., dentro dum pensamento ela vive integral, sem decomposição, sem composição. Os alemães é que praticam racionalmente jamais empregando o hífen intelectualista, gramatical e prejudicial. Se de fato na fala da gente carecemos às vezes dele pra evitar pronúncias erradas e mesmo facilitar a compreensão que nem em sub-literatura pra não ficar a sílaba bli que estragava a história, as mais das vezes o hífen é desnecessário e pau. Deve desaparecer o mais possível do corpo das palavras. Nada de guarda-chuvas! Empreguemos guardassois. No entanto tem um caso corrente em que o hífen é que traz a entidade do vocábulo à mostra. Nos compostos de 3 ou mais vocábulos e partículas. Máquina-de-escrever, sala-de-espera que um meu amigo alemão chama de sala-de-esperança. Engano providencial.

33 Os três poemas autorais integram o livro *Losango cáqui ou afetos militares de mistura com os porquês de eu saber alemão* (1926).

ESTILÍSTICA

Capítulo XXVI – Frase ou verso

Nota 21 – Nota 23

*

Falta da vogal muda no brasileiro e o decassílabo passando por isso a endecassílabo legítimo, que nem em italiano.

*

Nas *Mil e uma noites* (*Douce amie*, p. 83) está dito: “La prose c’est de la broderie sur soie, et les vers sont des colliers de perles³⁴”.

*

Ver considerações que devem entrar aqui e estão na folha solta igual a esta: “Frase” Capítulo XIX, Sintaxe.

*

Folha solta “Pensamento e frase”³⁵.

34 Tradução livre: A prosa é o bordado sobre a seda, e os versos são colares de pérolas.

35 No manuscrito, não há fôlio com esse título.

Capítulo XXVII – Figuração

Nota 23

*

Elipse – Pleonasmos – Anacoluto – Imagem ou Tropo

*

Estudar a imagem em Catulo, e na poesia legitimamente popular. Estudá-la nos índios Poranduba, contos dos Caxinauás, poemas primitivos citados [junto?] os poemas de Anchieta. Estudá-la nos românticos e nos contos populares.

Capítulo XVIII – Vícios

Atacar os arcaísmos, as palavras rebuscadas e pedantes, os termos científicos e inúteis desque o livro não seja técnico.

*

Na realidade não tem vícios de linguagem. Só tem escrever bem ou mal. E notem que escrever bem significa escrever expressivo e não escrever bonito. E principalmente na literatura que a boniteza é uma consequência. Quem faz intencionalmente a boniteza, pode conseguir o pomposo, a cadência, o brilho, a sonoridade porém tudo isso são impressões que a boniteza deixa atrás de si, não são a própria boniteza. E isso é de deveras tão verdade que os escritores que em prosa procuram escrever bonito, um Álvares de Azevedo, um Euclides da Cunha, um Ronald de Carvalho, sempre se enganaram a respeito da Boniteza e em vez dela realizaram o deslumbramento mais facilmente perceptível, mais dinamicamente imediato que nos lembra a Boniteza: pompa, luxo, brilho, ardor, sonoridade, cadência, chiquismo. Nenhum foi em busca da lealdade, da familiaridade, da intimidade, da graça. Procuraram o que era mais fácil de achar. O principal vício de linguagem é a demonstração imediata que o indivíduo procura escrever bonito. “Bucentauro dogal num canal de Veneza” é vício de linguagem. Eis um trecho de Ronald de Carvalho todo ele construído de vícios de linguagem: (citar toda a página 169 dos *Estudos Brasileiros I*, e um pouco da página seguinte). Tudo é poesia aí, poesia falsa, com ideias críticas de fantasia ou quando não são fantasia pura, são ideias que em vez de aparecerem com a sua fisionomia natural puseram máscara e um vestido, puxa! Que custou 22 contecos. Não vale nada.

*

NEOLOGISMOS VULGARES

O que tem de mais bonito pro homem é a realidade de presença dele. Carece viver com inteireza o momento que passa e se adaptar a ele recebendo tudo o que ele inventa pra expressar a sua intensidade passageira. É ridículo e se enfraquece aquele que se recusa a empregar esses termos e essas expressões cheias de vida que nascem e morrem falenamente: um brilho excepcional, vivo e puf! Já se acabou. Foram um ano, dois, às vezes dez de existência e só isso. As expressões duma língua mudam rapidamente, mudam constantemente e em pouco tempo já são outras. Carece aproveitar o seu momento de vida oral e se expressar sem acreditar que sejam vulgarismos nem se importar de serem falenismos, falas como “cutuba”, “o tal de Mellinho”, “pra burro” etc. Os que se recusam a esta vivacidade tão expressiva, tão expressiva sobretudo porque é a constância do presente, sob pretexto de que são expressões vulgares, são transitórias, e não se encontram nos clássicos das épocas diversas, desconhecem todo o poder de vulgarismos que está nos clássicos e principalmente se negam a si mesmos com essa mania de escrever em expressões que mantiveram direito de eternidade através de Camões, Vieira, Herculano, Gonçalves Dias, Machado de Assis e Rui Barbosa, o mais bonito direito do homem na Terra que é o direito de envelhecer e se cobrir do respeito da velhice venerável. A gente carece envelhecer. A velhice não é somente uma das essências da genialidade como é também um dos caracteres da nobreza humana. E isso é tão certo que estão caducos de antemão, estão corocas e aluados os que bancam de clássicos sem terem vivido pela expressão oral o momento deles. Só os que vivem presentes no tempo têm direito de envelhecer. Envelhecer não é o mesmo que ser coroca e caducar. Coroca é a lua que às vezes a gente enxerga às 8 horas da manhã, caduca a lua branca das 16 horas. São ridículas e inúteis até como decoração. Porém o sol envelhecendo da boca-da-noite esse é venerável, é velho e conserva com drama comovido o seu presente antigo. Isso é envelhecer.

Capítulo XXIX – Prosa e poesia

A utilização nacionalizada do lugar-comum. “As folhas do mato acreano” por “mais inumeráveis que as areias da praia” que é universal. Em todas as poesias, histórias folclóricas as variantes são condicionamentos nacionais, geográficos etc. Assim a utilização do lugar-comum nacionalizado é um benefício. Torna inconsciente a permanência da nossa vida geográfica e racial dentro da personalidade expressiva.

*

ESTILO

Estilo nobre e estilo familiar – não há razão pra distinções como esta mais. O homem tem de ver um reflexo da sociedade e o estilo com todas as suas fatalidades subjetivas e pessoais, tem de ser social ou socializável. E no tempo de hoje tem de ser socialista ou comunista refletindo o povo. Senão o escritor se torna um extrapedantemente [pomposo?] e isolado na torre-de-marfim. Atacar aqui os extras. O estilo familiar é o único estilo. A aristocracia intelectual, única possível. Não se mostra na vestimenta, porém na elevação ou na utilidade das inteligências. O estilo familiar é o único possível e já basta a estilização fatal proveniente não só dos tiques pessoais ao modo de expressão de cada um como a sistematização necessária e lógica que a escrita possui inerente a si pra darem a esse estilo familiar, ou melhormente falando, esse estilo natural aquelas diferenças essenciais de manifestação pelas quais toda escrita se diferencia de qualquer falação ou conversa. Nessas estilizações e sistematizações está o que evita as vulgaridades e as repetições da fala quando transposta em escritura e nisso a ascendência aristocrática desta sobre a primeira se manifesta e determina. O estilo nobre conduz fatalmente à expressão preconcebida e o que é muito pior à expressão sem expressividade, bamba, romba e sem pontaria. Dentro dessa

familiaridade, dessa naturalidade geral do estilo é claro que ele se apresenta um despropositado de modalidades provindas da ideia que tem de falar, todos porém com a mesma chaneza, sem a mínima preocupação de parecer nobre, com a mesma ignorância de si mesmo que é o único dom verdadeiro da nobreza e da elegância. Com a mesma naturalidade o elegante de verdade veste pijama e dorme, brim-de-linho e aplaude o Paulistano, esmoque e janta no Esplanada, casaca e dança no baile desta senhora.

Capítulo XXX – Psicologia da fala brasileira

Nota 2 – Nota 3 – Nota 4 – Nota 17 – Nota 25 – Nota 29 – Nota 23

IDEIAS GERAIS SOBRE LÍNGUA

LÍNGUA BRASILEIRA

Inda não existe. No entanto na pronúncia temos já uma língua inteiramente apartada da fala portuguesa. Essa pronúncia e toda a fenomenologia fonética já nos teriam levado pra outra fala se não fosse reação erudita. Os benefícios e os males da erudição. A falsa erudição que não tem coragem pra ir pra diante pela observação dos fatos, porém se orgulha de mostrar que ficou pra trás por saber o passado e ter lido nos livros. O fato é que se nossa fala oral se diferencia bem já da portuguesa, então língua literária é que não temos mesmo nada de nada porque mesmo um Castro Alves, um Álvares de Azevedo, um Alencar, um Machado de Assis, um Monteiro Lobato, um Ribeiro Couto, um Prudente de Moraes, neto, pra ir até os mocinhos aparecendo, que escrevem numa fala desprevenida de gramática clássica, e bem brasileiros na prosa, sem querer, inconscientemente se deixam levar pelas tradições adquiridas na escola e no convívio dos livros. E dessas tradições a mais pior é o preconceito dos olhos. Os olhos... Mal danado que eles fazem pra gente... Já miram dum jeito a coisa escrita. Veem de outra, acham feio. E levam a gente a afirmações como essa que tanta gente me faz de que não fala pra e sim para. Quando lê, sei que lê para. Porém é incontestável que a dicção pra é geral e até geral não só entre brasileiros como até entre portuguesas. Porém não discuto fatos especiais agora. A verdade é que a gente não possui ainda uma fala brasileira distinta. A gente inda está naquela fase de desagregação da fala portuguesa em que a fenomenologia poucas normas gerais apresenta. Tudo se resume a fenômenos pessoais. Um fala assim, outro fala assado. Por exemplo a fala italo-luso-brasileira de São Paulo. É incrível o desperdício de fatos individuais que a gente pode colher. A deformação cômica obtida pela literatura de Juó Bananere, a própria fotografia instantânea com que Alcântara Machado codaquisou certas expressões individuais “Amassou o bonde”; “Escuta só o frio” (aliás a meninada italiana tem propensão pro escuitar com i) e outras mais gerais “Se o doutor me promete ficar quieto — compreende? — e o negócio etc.” (*Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 128)³⁶ representam fatos mais de grupo ou sempre puramente individuais. Os italo-brasileiros falam coisas extraordinárias. Fiquei bem uns seis meses freguês dum barbeirinho ruim das Perdizes só pra escutar a fala dele que era uma gostosura de imprevisto com os seus “soddisfeito”, “quattros dia”

36 Incluído título da obra para facilitar a identificação.

etc. etc. A fala brasileira inda está na fase de desagregação individual. É o que, sob o ponto-de-vista linguístico, justifica a fala que emprego na minha literatura, fala-experiência, fala pessoal com codificações discricionárias pessoais, e que portanto mais pessoais mais se tornam artísticas.

*

Uma constatação importante é esta a que cheguei: não tem “brasileirismos”. Desde que um fulano fale uma palavra e essa palavra ou esse modismo se generalize, ele faz parte da língua. Assim os chamados brasileirismos por simples bobagem de comodismo gramatical não são brasileirismos nem nada, são palavras, sintaxes novas incorporadas à fala portuguesa e portanto fazendo parte dela legitimamente. Pertencem à língua portuguesa. Assim não é contra a língua portuguesa que eu reajo. Eu só raciocino isto: a gente é um povo livre, um povo com entidade social, falando a sua fala. Ora que que tem que ver essa fala com o português! É nossa fala, pouco me importa agora que venha dum pai portugês com tangente pelas fêmeas negras e tapuias. É minha fala. É minha? É! Então falo o brasileiro, observando o brasileiro que se fala no Brasil e introduzindo nele minha individualidade.

*

No ponto sobre os que falam que os que aceitam e praticam também a mesma tentativa são meus discípulos ou imitadores. É uma crítica leviana e duma pretensão ridícula de impertinência. Começa por que nada que emprego é meu. Se não tivesse os poetas românticos meu “pra” seria meu. Porém nesse caso o pra não existiria. É incontestável que as minhas sistematizações brasileiras de qualquer espécie caracterizam por demais um estilo literário. Porém isso é circunstância passageira que não auctoriza absolutamente a censura. Desque a gente empregue normalmente certos motivos que eu quase que sozinho empreguei literariamente um tempo essa característica desaparece. E daí é que quero ver aonde tais críticos irão buscar nos que concordam comigo as provas de imitação.

*

OS “MEUS ALUNOS”:

Se alguém se mete trabalhando a fala brasileira em sua estilização literária, é lógico que vai ficar parecendo um pouco comigo porém isso só prova uma coisa: é que a fala brasileira é um fato pois que se um se parece com outro é porque ela já possui certa unidade e certo caráter individualmente original e dela só. A associação de imagens que faz com que a gente lendo estilização literária de fala brasileira lembre o primeiro ou os primeiros que fizeram isso a sério (falam “no pra do Mário” como se isso me pertencesse, e já não estivesse em porcentagem comovente nos românticos do Brasil) é uma associação fatal. O problema inda está queimando na lembrança dos que perceberam as primeiras tentativas, estas são raríssimas por enquanto e inda não se generalizaram, quando a gente topa com uma logo pensa na outra que já viu, é associação fatal e não tem validade crítica nenhuma como prova de imitação vulgar. É uma concordância apenas, fulano viu alguém trabalhar num problema e dar algumas soluções deste, se concorda com elas, usa-as. Porque concorda. Se eu afirmo que “um e um são dois” não é porque imite ninguém mas porque concordei com a verdade que o professor de aritmética me ensinou. Se fulano escreve “que deve-se”, “Sente nessa cadeira”, “me acho”, “vou na cidade”, “falou pra mim” etc. etc., não é porque me imite porém porque concorda com o que ele imagina verdades da fala brasileira, é que eu imitei da fala oral dos outros. Outras causas que impedem a generalização atual e rápida da fala brasileira:

A vaidade de querer ser o primeiro;

O preconceito do passado;

A preguiça de mudar uma sinceridade do costume por uma sinceridade nova inda só na inteligência;

A falta de conhecimentos;

A preguiça de aprender;

O medo da moda não pegar e as obras perigarem não durando;

A vontade de ser eterno e clássico.

*

EVOLUÇÃO DA LÍNGUA E DA SOCIEDADE NO BRASIL

(Citar Meillet na cita, *Philosophie du langage*, p. 192)

Brasil colônia nós falamos o português de Portugal. O estilo de Santa Rita Durão, Cláudio Manuel Gonzaga se confunde com o estilo da língua literária de Portugal. Fase de absorção em que o Brasil era colônia, domínio dominado por Portugal.

Brasil romântico, prurido de liberdade, primeira liberdade, a política, a mais consciente de todas as liberdades, e por isso mesmo que consciente um pouco forçada. Nesta fase pelo milagre da libertação nos falamos o brasileiro, e a língua falada pelos nossos poetas, com a ligeira exceção de Gonçalves Dias (e assim mesmo!) é a língua falada pelo povo. Fase caótica primitiva em que o Brasil é livre, cai no patriotismo indianista, se afasta inteiramente de Portugal e dá as tendências essenciais da futura fala brasileira.

Brasil civilizado. Com a segunda metade do século XIX sobretudo com o fim do século, Brasil republicano, o país vai se civilizando. É a fase consciente de imitação em que nós nos apropriamos da civilização alheia por imitação em todos os domínios. Republicanizamos-nos das adaptações com a civilização americana que era republicana. No domínio da língua a imitação inda é mais nefasta. Queremos falar, não falar bem, mas falar certo. Desprezamos os chamados erros de gramática dos românticos e quisemos falar o português da metrópole como o ensinavam não os escritores propriamente porém os gramáticos de lá. Não falamos como na fase colonial o português de Portugal, dos portugueses, porém o português gramatical. Basta examinar os escritores portugueses e brasileiros do final do século XIX e sobretudo dos primeiros 20 anos deste século XX pra notar que tem entre eles uma distinção profunda de estilo, são inconfundíveis, os portugueses, mesmo os mais estilizadores como Latino ou Antero de Figueiredo se caracterizando pela naturalidade ágil e facilidade saborosa (Eça, Fialho, Ortigão) de dicção e nós pela dificuldade, pelo peso, pelo pernosticismo complicado que chegou ao clímax com certos acadêmicos e sobretudo com certos bobos da *Revista de Língua Portuguesa*. Escrevíamos mal porém nunca ninguém soube tanto as regras gramaticais do português como esses escritores. Se não me engano foi Cândido de Figueiredo que escreveu com razão que os brasileiros estudavam mais a sua língua que os portuguesas. Essa fase de civilização em que falamos conscientemente a mais desumana língua que

é possível se imaginar, duma espécie de língua do P, vápá planpantarpap bapatapataspas, língua de criação consciente, de cultura consciente, de expressão falsa, inteiramente divorciada das nossas condições naturais quer fonéticas, quer semansiológicas, só se explica e só se perdoa, mesmo com os seus maiores representantes, Machado de Assis ou Rui Barbosa, só se perdoa pela natural evolução, sociológica que sofríamos e que impunha a gente um período de importação estrangeira, de doiramento exterior das nossas coisas públicas. Doiramento pra inglês ver, coisa da muita precisão num artigo novo e sem muita aceitação no mercado como era e em muitas condições inda é o Brasil diante do universo. Sossegados com a aparência bonita parece que agora uma fase nova principia em que a civilização vai ser substituída pela cultura em que sob o ponto-de-vista de língua, passados os exageros característicos das primeiras tentativas, exageros a que a gente é levado naturalmente pelo entusiasmo da descoberta, a gente voltará a escrever a língua que fala, chegando inconscientemente um dia a conjugar de novo sob o ponto-de-vista da expressão verbal, o povo e a elite escrevedora. (Estudos pra uma *Gramatiquinha da fala brasileira*)

IDEIAS GERAIS

A contradição de que eu não falo como escrevo é das mais rápidas, mais tolas e pueris que conheço. Ninguém nunca não falou como escreve. E se qualquer escritor, mesmo nos mais aparentemente naturais, se a gente os frequenta põe logo reparo na distinção que existe entre a maneira deles escreverem e a de falarem. Sempre em todos os tempos teve duas línguas, a língua geral e a língua literária, aquela falada e esta escrita. Sei que esta distinção inda pode ser mais especializada e que são mais numerosas ainda as línguas simultâneas dum fala só porém essa divisão primeira me basta pra argumentar. Enfim ninguém escreve como fala e eu sou como todos. Porém sucede que a maioria pra escrever veste fraque, alguns casacas e o resto o paletó de domingo, ao passo que eu me dispo até do paletó semanal. E não é falta de educação não. Porque se uma tentativa destas se generaliza toda gente creio que está em condições de compreender que daí em diante, maleducado vai ficar o que veste casaca, fraque ou paletó domingueiro, ao passo que o em mangas de camisa é que fica o que está certo, o que está com todos, o que está na moda. E a linguagem em mangas de camisa é que fica a língua literária, a língua eternizada e a língua nobre dum raça num dos seus períodos. Agora que mostrei o que tem de desarrazoado nos outros e em mim igualmente, mostro por onde me separo razoavelmente deles. A língua literária dum povo, a língua escrita, estilizada, enfeitada, não passa dum dos muitos preconceitos fatais sem os quais não existe vida social. O que eu faço pois, e sei muito bem disso, não é senão substituir um preconceito por outro. Porém o meu preconceito é mais útil, mais humano e mais nobre. Mais útil mesmo do que os que já escrevem o brasileiro das cidades cultas ver um Ribeiro Couto, um Couto de Barros etc. porque ajudo a divulgar e a unanimizar na gente culta ou europeamente, ou antes universalmente culta do meu povo, os modismos, as expressões, a psicologia da gente inculta desse mesmo povo meu. Modismos e psicologia e palavras, fortes, francas virgens e incontestavelmente enriquecedoras e ignoradas. Aliás é falso que mesmo os dois Coutos e os mais que escrevem com a naturalidade aparente deles, representem a fala oral da gente praciana e culta brasileira, porque esta gente vive enchendo a boca de “pras”, de “me parece” etc. etc. e eles jamais não escreveram isso. Por causa das gramáticas de Lisboa que adquiriram como preconceito incontestavelmente portuga desde os “bancos escolares”. Minha tentativa é útil. E é humana porque eu generalizo numa só, universal, sem classes, unitária e única, e unânime a alma do meu povo. Esses regionalistas

ou “caipiristas” orgulhosos que escrevendo contos-da-roça botavam uma escrita na boca dos caboclos e outra limpinha e endomingada nos períodos que propriamente lhes pertenciam são uns vaidosinhos de si. Vaidosos embora não ponham reparo na própria vaidade. Vaidosos pela separação que punham e salientavam entre os caboclos e eles. E tolos não compreendendo a comoção forte humana das expressões chamadas de incultas. E frouxos acima de tudo porque incapazes de botar mãos na trabalhadeira ingrata, dura e de inteiro sacrifício pessoal de organizar, codificar, qualificar, escolher, fecundar e cultivar essas plantinhas do mato pra que fiquem mais cheirando, mais brilhando e mais engrandecidas pela universalização. Falei de inteiro sacrifício pessoal... Torno a falar sim porque carece que toda a gente fique sabendo que não tenho a mínima pretensão de criar a língua literária de deveras brasileira não só porque sei bem conscientemente das minhas forças como sei que se mesmo elas fossem as dum gênio guaçu, nunca nenhum gênio criou uma língua humana porém apenas e tão somente um estilo pessoal e mais do que isso apenas a mão de zinco pregada na parede da vendinha da esquina e indicando o “É por alí” dos grandes caminhos humanos. Juro que sei que minha escritura toda morrerá porque me metendo num mato virgem são grandes, enormes os meus descaminhos e extravios de exageros, contradições, erros, inviabilidades. Que bem me importa isso tudo. Me dei o destino que me competia e é por isso que enquanto toda a gente se enfara, se amola, se bestifica, se queixa e se sente infeliz eu sou e proclamo que sou feliz. Eu fiz da minha arte um elemento de utilidade transitória e é por isso que mais que todos num momento dado ou mesmo o único nesse momento eu fui o mais tradicionalmente artista de todos os artistas brasileiros. Porque a pedra de escândalo que fui, era apenas e todos perceberam isso um instinto alegre de vitalidade, uma confissão de coragem, uma demonstração de verdade sem acomodações com nenhum passado que não fosse o presente. E porque se não fui exemplar fui uma lição, coisa muito mais vital, mais ardida e mais humana que o exemplo. O meu destino é esse e é nobre. Meus livros morrem e eu lhes dou me rindo sem nenhuma saudade o *Requiescat*³⁷. Assim foi com o verso-livre, assim foi quando dentro do uso à tonta do verso-livre repus o uso da métrica,

37 Trata-se da fração da frase latina *Requiescat in pace* (RIP), que significa “descanse em paz”. Cf.: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles, p. 1650.

assim foi com a nacionalização impessoal do assunto e da inspiração desde *Pauliceia* e especialmente as “Enfibraturas do Ipiranga”, e ainda assim foi com a fala brasileira de que a primeira pretensão minha já vem no “Prefácio” de *Pauliceia* teoricamente e praticamente nos versos dela. Tudo dentre os modernistas, se entende. Porém parece que estou reivindicando honras e glórias... Não foi essa minha intenção. Apenas pretendi mostrar que me dei o destino da mão de zinco ou pintada das vendas e das encruzilhadas. É POR AÍ. Aí e não aqui entende-se. Eu mostrei direções e não imitações. Jamais não tive a vaidade idiota de que os outros caíssem na imitação de mim. Porém que seguissem o caminho que me afigurou bom. Bom pra mim quer dizer justo e humano. Universal. Substituí pra mim um preconceito por outro. Porém sou brasileiro e substituí dentro de mim brasileiro um preconceito luso por um preconceito universal e humanamente brasileiro.

*

Todas as palavras de todas as línguas do mundo pertencem à fala brasileira. Se entenda: a fala brasileira é um meio que a gente brasileira possui pra se fazer entender abstratamente portanto é lógico que um meio de expressão humana não pode ser objeto de nenhum diletantismo. A língua tem de servir, isso carece jamais não esquecer. Assim quando a gente brasileira empregar uma palavra de outra língua essa palavra deve de ter uma justificativa expressional ou moral. Por exemplo se observe as palavras Constatar e Evoluir que falam os puristas não pertencem à língua portuguesa de que a da gente provém por linha reta. Essas palavras podem não se justificar expressionalmente porém se justificam moralmente. Pra me exprimir não careço de Evoluir porque possuo já Evolucionar, nem Constatar por causa de Verificar. Mas tem no homem certas precisões obscuras ou por outra certas transitoriedades provindas do preconceito, do hábito, de muitas coisas que são humanas e fatais. O erudito que se opõe a elas faz papel de besta. Devido a essas precisões e transitoriedades as palavras evoluem, alargam ou diminuem de significação. Um ou outro cheio de leitura francesa suponhamos que principiou estabandamente empregando o verbo Constatar pelos seus sucedâneos portugas. Outro fez a mesma coisa no Porto. Outro em Recife etc. e tal. Quem pode afirmar mesmo que isso foi só por leviandade? Eu não atiro a primeira pedra não. É possível que quando o emprego do verbo Constatar principiou, já seus sucedâneos portugueses estivessem (não se pode

explicar muitos casos psicológicos da Semântica) estivessem restringindo o sentido. Daí uma precisão inconsciente porém imediata e fatal de criar uma palavra que pudesse significar Constatar. O leitor de francês empregou a palavra Constatar. Sucedesse o caso assim ou não, o certo é que tinha indiscutivelmente precisão pra língua humana portuguesa dessa palavra. Ela se generalizou num átimo, e até quem não sabe francês a emprega hoje. Bom. Eu sei português e sei que Constatar não tem justificativa nos quinhentistas que escreveram bem (aqui sinônimo inteirinho de bonito). Sei que o povo em 1628 não careceu dessa palavra pra se exprimir. Sei pois coisas históricas e gramaticais. Sou cheio de sabença. E sei que em 1928 já a palavra Constatar é de meu povo. Se principio combatendo esse costume, fico anti-humano, menos expressivo e menos social. Sou pernicioso falando Verificar ou coisa que o valha no instante em que Constatar é o lugar-comum do meu povo, é a realidade expressiva dele. Eu que não tenho a mesma inconsciência poderei ficar completamente satisfeito com Verificar. Porém eu me expresso pros outros e não pra mim mesmo. Tem por isso pra mim a obrigação moral de me sujeitar aos caminhos que minha gente segue. É incontestável essa precisão moral de se humanizar e não se separar do rebanho na expressão. Hoje em dia quem falar Evolucionar por Evoluir não passa dum pedante, dum semostrador, dum erudito. Humanamente falando ele é imoral. Quanto às precisões expressivas de se usar palavras de outras falas, elas são muitas. Por exemplo *melting-pot*, *hall* (ou *hol*, abasileiradamente) futebol etc. pertencem pra fala brasileira tanto como mão, parafuso e jaçanã. Aqui foi a coisa existida e sem acepção brasileira que justifica a expressão. Se eu falo também: “na hora amarela no Nilo o felá sua modorrando”, bem que podia não empregar felá, botar um circunlóquio, ou Camarada, ou Colono, ou Campônio. Porém empregando felá a frase fica logo egipciana, muito mais até que pelo emprego do termo Nilo. Fui expressivo. E tem outros casos ainda como até o simples embate de sons... Me lembro dum maluco dum poetastro francês que andou por aqui pornografando e que enrabichado pela palavra luar a empregava em vez do horroroso *clair de lune* nos versos dele. O poeta era ruim, os versos detestáveis porém o indivíduo era homem e desta vez teve razão. E uma notinha explicativa, pronto, a palavra fica compreensível pra transitoriedade afetiva ou artística de caso.

*

De fato uma tentativa que nem a minha em parte grande vai de encontro a um fenômeno histórico da fala humana que já me parece possível de terminar. Os filólogos andaram se preocupando um tempo e andam ainda em entroncar as falas diferentes em poucas línguas mais e talvez seja possível reunir estas numa fala primitiva única. Se deu incontestavelmente à medida que o mundo civilizado histórico se alastrava uma ramificação e desmembramento contínuo de falas raciais, coisa que com a verificação das falas americanas já fundamentalmente distintas das línguas neolatinas e inglesa pelo espírito, a gente pode falar que culmina nos tempos de agora. Porém³⁸ como todo apogeu já traz na bagagem o micróbio da própria destruição dele, se nota agora já uma tendência absolutamente contrária à ramificação das falas. A tendência nova principiando é justamente uma concentração e a orientação pra volta a umas poucas línguas somente, anglo-americano, francês, alemão, espanhol. O francês na arrancada final pra ramificação universal das falas se tornou língua oficial do mundo. Fenômeno histórico perfeitamente explicável que é mais uma do desmembramento: careceram duma língua que humanizasse o mundo e como o francês por certas razões estava na ponta, se serviram fatalmente do francês. Porém a tendência pra concentração se manifesta e sucedeu que o francês por muitas razões ainda perdeu a primazia que tinha. Muitos falam levemente que o inglês vai tomar o lugar de língua universal... Está certo porém isso é metade da verdade, só. De certo que pras relações humanas sempre que terá uma fala mais ou menos aceita como oficial porém isso não basta pra explicar o fenômeno e a barafunda concentrante de agora.

Não é o inglês só não que derroca a primazia do francês porém o alemão cujas palavras também já comparecem com muita frequência na fala de outros povos, que toda a gente principia estudando mais. É o espanhol preocupando o universo por causa do peso sulamericano etc. É possível que duma futura concentração em, e sobretudo, mistura de poucas falas se venha universalmente a adotar uma língua única porém esses futuros hipotéticos não podem ter valor crítico pra minha tese de momento. O que vale constatar é mesmo só que manifesta-se hoje a tendência não pra universalização duma

38 Ao continuar o texto no verso do fôlio, o autor não completa a palavra, deixando escrito, no anverso, apenas "Po-". Conjectura-se o uso do "porém" pelo teor do período e por sua constância no manuscrito.

língua só (inglês) porém que umas 4 ou 5 línguas principiam preocupando cotidianamente o ato humano universal, a influenciarem ele portanto. Ora diante disso, qualquer tentativa prática de mais seccionamento que nem a formação da fala brasileira seccionada da portuguesa é mais idealismo pra cima do mundo, e um verdadeiro esforço passadista, no valor integral deste termo mal-usado. E não tem dúvida que é. Porém não é possível a gente não aceitá-lo porque fenômenos desses duram séculos e atilhos de séculos e repugna a toda realidade humana e nacional que fiquemos seccionados da nossa realidade e esperando que o fenômeno concentrante se dê pra então adotarmos uma das línguas troncos futuras. Isto inda seria mais idealismo ou, melhor: isto é que seria idealismo e panemice. A formação e estabilização duma fala brasileira até viria corroborar na tendência concentrante apenas vagamente esboçada por causa que a acentuação da mixórdia implica necessariamente a reação contra ela e mais uma fala implica maior precisão de poucas línguas gerais que seriam então obrigatórias pra todo indivíduo universal. A tentativa de formação completa duma fala brasileira vai de fato contra a possível tendência universal de agora porém ao mesmo tempo ajuda essa tendência. É um “contra” propício.

*

QUALIFICATIVOS

Em nossa fala (na fala da gente) o qualificativo vem quase sempre depois do substantivo. Isso se dá porque na nossa língua (com exceção dos cultos e semicultos) quando a gente fala as palavras inda possuem valor real e não puramente literário, sonoro, artístico, isto é de enfeite quer rítmico (artistificando o cadenciar da fala) quer sonoro (artistificando a melodia da fala) quer luminoso (artistificando o colorido da fala). Assim quando o caipira fala num “campo grande” é porque o campo é guaçu mesmo, não é como o literato que fala em “grandes campinas” coisa que a gente lê sem refletir nem por reparo no valor modificador de “grandes”. “Campo grande” assume pois a valência duma entidade substantiva, duma palavra só em que a parte mais geral da entidade vem na frente e a parte particularizadora vem depois lhe completando a significação. Eis a diferença. O qualificativo nas unhas dos literatos e dos cultos perdeu quase que todo o valor. Não pertence

mais pra fala, isto é, pra expressão duma ideia, se tornou enfeite puro. E que a anteposição do qualificativo é coisa de gente culta, se pode observar até estudando certas entidades substantivas que nem “grande homem” e “homem grande”, “boa mulher” e “mulher boa”. Em “grande homem” e “boa mulher” formas cultas se entende coisas subjetivas, qualidades que o povo dirá por eufemismos? Circunlóquios etc. Em “homem grande”, “mulher boa” (brasileirismo) temos qualidades físicas, coisas objetivas, tamanho de marmanjo e gostosura de corpo das cunhãs. Embora o povo careça mais de grandes-homens que os cultos e os literatos ele nunca não falará que Dom Pedro II, Catulo Cearense, Carlos Chagas foram ou são grandes homens porém agradecerá mais lírico ou mais objetivo, falando que “Dom Pedro II foi um santo” ou foi “um homem santo”, “um imperador santo”, nunca falará “um santo homem”, “um santo imperador”. Catulo será “um cantador de marca”, “um cantador grande” (Alexandre terrível, Castro forte), Chagas foi “um homem bom”, “um curandeiro de primeira” etc. etc. Isso quando venha a ter conhecimento de homens de valor tamanho...

Agora: não tem dúvida que também muitas vezes o próprio povo emprega o qualificativo na frente do substantivo. Isso na maioria dos casos sucede quando o qualificativo é de expressão essencialmente abstrata, quero dizer não modifica objetivamente a entidade. Jamais um homem sem preconceito não dirá “uma feia dona”, “uma boa (no sentido físico) mulher”. Sucede porém às vezes que fale “num bom imperador”. Porém mesmo isso é raro. Em geral quando antepõe o qualificativo o povo o substantiva logo falando que “Dom Pedro foi um bom de imperador” ou falando no “valente do gatuno”. Também antepõe o qualificativo por força expressiva, quando ele assume uma importância excepcional: “Maria deu um baita soco na chuva e caiu na prantina do amor”.

*

Explicar bem o que chamo de “povo”, é o desprovido de qualquer preconceito ou influência literária.

*

ESBOÇO DE CARTA A RONALD DE CARVALHO³⁹

A língua⁴⁰ foi feita para servir. E nada mais. Até o século XIX jamais se fez da escrita uma obra-de-arte. A língua era o meio para construir aquelas obras de arte que são mais especializadamente da inteligência, isto é aquelas em que a sensibilidade é desenvolvida por juízos e ideias. Assim a língua era direta. Não valia por si mesma. Era ancila e servia. Assim ela conseguiu tornar-se a máquina admirável e perfeita justamente nos países em que o pensamento se desenvolvia melhor. A língua Ronald tem de ser uma máquina para exprimir nosso pensamento. E daí aparecem os estilistas admiráveis de antes do século XIX e que não cansam nunca. Porque a literatura (no bom sentido da palavra) é como a arquitetura tem de servir. Em todas as épocas em que a arquitetura foi feita para servir deu máquinas admiráveis e sublimes: no Egito, na Grécia, em certo gótico, no românico, em certo florentino com Miguel Anjo na São Pedro (primitivo traçado), em certo árabe, no teatro de Garnier, na fábrica norte-americana, em certas casas-de-morada alemãs atuais. Quando ela foi tomada como obra-de-arte em si, quando procuraram construir a beleza arquitetônica, a arquitetura morreu. Há obras belas sem dúvida nesses períodos mas que cansam, que se tornam fades, cacetes enjoativas. Heidelberg, Louvre, São Paulo de Londres, o portal do Maschio Angioino de Napolés, todo o gótico espanhol, todo o barroco de todos os países, grandíssima parte das obras renascentes. Os verdadeiros, legítimos estilos arquitetônicos foram aqueles que nasceram da necessidade prática e não do preconceito pedante de construir belo. Em vez de belo ficou o bonito. Bonito incontestável, que agrada sensualmente, que engana, mas que cansa, que não é natural, que obriga a posições incômodas, como as cadeiras Luís XV. Porque a arquitetura é um utensil que tem de servir. É assim que o estilo grego é admiravelmente grego e o gótico espantosamente medieval. Agora você pegue um desses hediondos sobrados da avenida Rio Branco e compare. Mas o Hotel Glória com todos os seus enfeites, apesar dos seus enfeites, é belo. Por que? Porque foi feito para o que é. Da mesma

39 A carta inacabada de Mário de Andrade a Ronald de Carvalho tem local e data atestados como: São Paulo, setembro de 1922. Esse esboço tem dupla natureza, pois integra a série Manuscritos – onde se localiza *A gramatiquinha da fala brasileira* –, além de estar catalogado na série Correspondência Mário de Andrade.

40 No manuscrito, a palavra “língua” está sublinhada a lápis vermelho.

forma a língua até aparecerem os Chateaubriands *et cetera* de todas as línguas. Então foi um descalabro. A língua tornou-se arte em si. Perdeu a expressão direta que tinha. Foi então que surgiu a Literatura. A máquina virou cadeira Luís XV. Bela? Bela, não há dúvida. Leia Chateaubriand. Encanta. No fim de meia hora enjoa. E Flaubert. E o parnasianismo. E Eça de Queirós. E Euclides da Cunha. E todos os escritores de literatura. A literatura assim é uma arte menor. E se presta muito mais para certa compreensão de poesia, cansativa sempre. Mallarmé, parnasianismo. Agora pega nos escritores diretos, que fizeram da língua um instrumento para servir ao pensamento. Você encontra então os legítimos estilos, que não são postiços, que não são cansativos. Você encontra Machado de Assis. Você encontra o Graça da *Correspondência*, que não sei por que malazartes escreveu com a luz do meio-dia. No teu livro há uma tendência muito grande para fazer literatura. Cuidado. Escreve direto. Incomoda-te menos com o balanço da frase. E menos ainda com a entrada dos violinos e o solo de corno inglês. Já tens uma claridade excelente. Só tu entre os modernizantes, mais: só tu no Brasil eu vejo atualmente que possa atingir a maravilhosa perfeição que o Graça atingiu na *Correspondência*. Só na *Correspondência*, obra-prima dele. A claridade do Graça, a sua calma torrencial, digo conscientemente a calma torrencial, só tu as tens. Mas o Graça na *Correspondência* escreve direto. Não tem senão raríssimas frases. Não tem literatura. O estilo dele é então a língua-máquina que serviu as qualidades excelsas que ele possui: o entusiasmo, a confiança, a vivacidade psicológica, o domínio sobre os exasperos sensuais e sobretudo a claridade. Tu és o herdeiro dessas qualidades excelsas. Não temo que te percas. Sei quem és. Mas um aviso de amigo dado nunca fez mal a ninguém. E só pensar que talvez eu venha contribuir para que atinjas mais cedo a tua perfeição dá-me a felicidade. Sabe com quem eu me lembro de te comparar na tua literatura (mau sentido da palavra)? Com o Menotti. Não falo de pensamento, já se vê. Falo fazer literatura. Pois o Menotti é muito melhor que tu. Porque tem mais sonoridade, mais sensualidade, maior plasticidade oral. Então surgem aqueles contrastes de ouro e negro, de roxo e verde, aqueles solados de violinos e maravilhosos *tutti*. No fim de meia hora cansa. Tu não cansas porque dentro de ti há pensamento. Mas num livro como este, de vulgarização (não dou a esta palavra sentido pejorativo algum, todos nos somos vulgarizadores, não pensadores pessoais) um livro como este, aos que já sabem do que falas se cansam. Eu admiro com toda

a força os dois primeiros estudos. São de admirável plano e como estavas em terreno muito palmilhado por ti foste ao fim pelo caminho mais curto. A sucessão dos planos não é apenas harmoniosa, é a mais reta e econômica. O quarto estudo é excelente. O terceiro apenas regular. E regular porque trata bem do século XIX, senão seria sofrível. Mas como estou mais ou menos inteirado do que falas, quando a literatura começa tenho uma irritação, um sentimento de quem assiste a encher uma linguíça. Sei perfeitamente para que circunstância certas páginas foram escritas. Quiseste para conferências a público ignaro dos teus assuntos (México) e para celebrações de centenário ser amável e agradável. Mas eu creio que fizeste mal em não dar uma nota sobre isso. Não precisava prefácio. No fim do livro. Ronald, eu jamais agrado por agradar, se eu agrado é porque a minha verdade calha agradar, sou bruto como provinciano e nesse ponto faço questão de não me civilizar, deixa que eu te diga uma vez por todas isto: tu és a inteligência mais harmoniosa que conheço, como harmonia das faculdades intelectivas és superior mesmo ao Graça, por isso estás no dever de dar toda as tuas forças pessoais para dignificar o formidável destino que Deus te deu. Tu vais ficar. Outros, principalmente eu, somos desses que vivem aos saltos através das idades, como o Egito, como os negros, como os medievais. Transitórios. Acontece que em certas épocas essas manifestações humanas voltam à moda, porque as tendências do momento mais ou menos correspondem ao que elas realizaram. Mas não têm aquela expansão firme, serena, perene que tem a Grécia, o século XIII sua filosofia, o século XVII literário francês, o XVIII musical alemão (isto só alguns, para explicar) e homens como Aristóteles, Dante, Pascal e muitos outros. Ponho de parte a questão da genialidade porque acho a palavra gênio uma estupidez sem sentido. Os gênios são homens como nós. Harmonia de inteligência como eles muitos cotidianos têm. Nos coristas de teatro mesmo de terceira ordem encontram-se vozes estupendas. O que falta é o trabalho. Meu Deus! O gênio é verdadeiramente uma longa paciência. Quanto a esses Goyas, Rimbauds, Nietzsches são uns geniosos isso é que são: sem harmonia, algumas das faculdades criadoras extraordinariamente desenvolvidas e todo o resto falho, pobre, mesquinho, miserável. Ronald, eu sei que estás na condição de ser assim o homem que⁴¹

*

41 Escritura interrompida.

“On n’a pas établi de lois en sémantique⁴²” (Dauzat, *La philosophie du langage*, p. 293).

A indecisão de significado de certas palavras brasileiras por enquanto e a impossibilidade de determiná-las já. A gente só pode consagrar essas palavras nas variantes de sentido que possuem até que se fixem... ou desapareçam. O fenômeno de dissimilação parcialmente ou essencialmente repousa num estado psíquico: verificação de Mauricio Grammont (Dauzat, *La philosophie du langage*, p. 294).

*

José Joaquim Nunes no *Compêndio de gramática histórica portuguesa* (p. 2) enumera as diversas feições duma só língua. Entre as faladas, de deveras a gente pode afirmar que essas feições variam de classe pra classe, de ofício pra ofício, a fala dos jóqueis, a fala dos médicos, a fala dos fadistas, a dos gatunos, a das mocinhas etc. etc. O engraçado é a gente gramática dar a essas feições o nome de “línguas” à língua falada, à literária etc., diferenciando uma de outra como se fossem outras tantas falas. O que prova que entre dialeto, línguas e sublínguas tem uma confusão e entrelaçamento de conceitos. Também a fala brasileira não é diferente da portuguesa, é apenas distinta desta.

*

No último capítulo antes de “Conclusion” de Dauzat tem muitas razões provando o absurdo das regras em uso, o absurdo das regras em geral etc. Devo me aproveitar muito dele.

*

Principiar prefácio e durante o livro todo afirmar em refrão a minha ignorância da língua portuguesa – causas: clássicos ilegíveis de paus e burríssimos em geral. Dizer as exceções – elogio de Frei Luís como língua – todos eles com exceção Camões são estilos à procura de assunto e nunca acharam assunto – outras causas: deficiência de estudos escolares e em seguida a pressão da vida – defender a horas tantas os gramáticos no que, eles, têm de bom – assim ninguém espere uma gramática. O título é pra atrapalhar.

*

42 Tradução livre: Não se estabeleceram leis em semântica.

Na realidade não têm palavras que sejam integralmente catalogáveis dentro dessas categorias de substantivos, verbos e adjetivos e mesmo advérbios que os gramáticos inventaram. Amar, amor, amoroso, amorosamente são de deveras uma só palavra flexionada segundo a função que tem de exercer pra explicar oralmente um juízo. Só as partículas é que poderão se catalogar porque escapam à subjetividade, não são personalidades do discurso, são elos dessas personalidades. Aqui vem pois uma interrogação aflitiva. E os pronomes? Será que fazem parte das partículas?

*

Uma passagem irônica sobre galicismos, dizendo que somos amigos dos franceses desde Ferdinand Jean Denis andou pelos Brasis no início da nossa vida histórica. Os indígenas gostavam muito dos franceses... (*Dicionário histórico geográfico*, p. 768) não tem dúvida que os franceses se chamavam mairs⁴³ (organizadores) pros toupinambours. Quanto aos portugas não passavam de perós⁴⁴, esfomeados e patetas tubarões.

*

Não falar nem uma vez em regras. Nem tão pouco em normas se possível. Falar só em “Constâncias”.

*

Aquelas palavras terríveis de Joaquim Nabuco em *Minha formação*: “A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil” (Joaquim Nabuco, *Minha formação*, p. 216). Escravidão do preconceito auditivo, escravidão do preconceito tradicional, e sobretudo escravidões da preguiça e da ignorância. E escravidão da rivalidade também. Porque com os tempos de agora quem não tem a ilusão de que foi o primeiro a fazer uma coisa aqui, faz questão de não seguir os outros. E banca o contraditor mesmo que a verdade esteja queimando a gente, bobos!...

*

43 Termo empregado à época da colonização, uma “alculha dada aos franceses pelos indígenas brasileiros”. Cf.: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles, p. 1218.

44 Termo empregado como “nome que os índios davam aos portugueses, nos primeiros tempos da colonização”. Cf.: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles, p. 1478.

Lívio Andrônico, Pacúvio, Névio e principalmente Ênio são os que transformaram o *sermo vulgaris* em fala literária, o latim que conhecemos. Esse papel é que os corajosos de hoje estão destinados a representar (José Joaquim Nunes, *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, p. 3).

INQUÉRITO GERAL ETNOGRÁFICO

Formulário das pesquisas folclóricas – Língua Nacional⁴⁵

I – A Língua

1. Vocabulário — Formar um vocabulário, o mais completo possível, dos brasileirismos vocabulares da região, com as suas respectivas significações.

a) nomes dados ao Diabo;

b) nomes dados à aguardente;

c) nomes dados aos animais peculiares à região, nomes de doenças, nomes dados aos humanos (cabra, cabrocha), às raças (caboclos, índios, bife), aos estrangeiros (carcamano), aos ofícios (carapina, engraxate, regatão), às partes do corpo (munheca, cangote, osso do pai-João por ânus), nomes de identificação por defeito físico, cacoete, posição social etc. dados ao indivíduo (Maria Cavadeira, nova-seita aos protestantes, João Gago etc.) indicando os que são depreciativos;

45 O esboço do “Formulário das pesquisas folclóricas – Língua Nacional” surge motivado pela convocatória do Departamento de Cultura, dirigido por Mário de Andrade, que prevê a publicação de pesquisas para “maior conhecimento do povo brasileiro”, sugerindo determinados assuntos, entre eles: “a) Língua nacional: Vocabulário (incluindo gestos; vocabulários profissionais; nomenclaturas de partes de objetos; interjeições e palavreados de comunicação com animais; linguagem familiar; linguagens secretas; gírias etc.). Sintaxe – Fonética.”. Para incentivar possíveis colaboradores, o Departamento propõe um prêmio em dinheiro para as duas melhores comunicações. Todos podem colaborar com trabalhos, inclusive o corpo de jurados, embora impedidos de ganhar a premiação; a comissão julgadora compunha-se dos professores e etnógrafos Mário de Andrade, Dina Levi-Strauss, Samuel Lowrie, Plínio Ayrosa e Artur Ramos. Cf.: ARQUIVO ETNOGRÁFICO. *Revista do Arquivo Municipal*. Prefeitura de São Paulo, Departamento de Cultura, a. 3, v. 30, dez. 1936, p. 25-30.

- d) nomes dados aos pelos dos animais domésticos (cavalo cardão-rosado etc.); às andaduras (cavalo trotão); às partes dos animais comidos; às peculiaridades individuais do animal e do homem (rabicó, quatrolhos etc.);
- e) nomes de reconhecimento individual dos animais domésticos (o cachorro Leão, a vaca Estrela etc.);
- f) gritos usados com os animais (isca!, ecô! etc.);
- g) nomes dados aos acidentes geográficos (Noruega, fundão, varjota etc.);
- h) nomes dados aos ventos da região (sulão, noroeste etc.);
- i) nomes dados às estações climáticas ou as suas peculiaridades (tempo das águas, enchente de Páscoa, chuva parajá, céu escampado etc.);
- j) nomes dados aos objetos e às partes dos objetos;
- k) nomes dados aos trabalhos, às maneiras de trabalhar, aos instrumentos de trabalho e às partes deles;
- l) as interjeições e seus significados.

1.1. Semântica — sentidos particulares tornados na região por palavras gerais da língua.

- > palavras-falenas – palavras surgidas de repente na região, por uma razão qualquer, vulgarizadas rápido e rápido desaparecidas;
- > familiarismos – palavras de uso exclusivo duma família ou poucas mais, principalmente relativos às partes pudendas e suas funções;
- > vozes de carinho;
- > de namoro;
- > de pêsames, felicitações etc.;
- > variação nas palavras por etimologia popular;
- > quantitativos indefinidos (imundície, poder etc. pra significar muitos);
- > variações de gênero (a puíta e o puíta), aplicação das flexões de gênero especialmente nos comuns-de-dois e nos epícenos (criança, estudante);
- > abundância regional do emprego do diminutivo (adeusinho, atéloguinho, dorrmindinho etc.);
- > os superlativos “demais” e “por demais” (Esse menino chora por demais, Já fui demais lá);

- > os aumentativos (troncudo, baludo etc.);
- > variações de pluralização (os cachorro, as paixão, as mões por as mãos, os bólsos por os bólsos ou a vice-versa, os miôlos por os miólos etc. etc.);
- > italianismos vocabulares;
- > anglicismos penetrados principalmente com o cinema (òquêi = O.K., gudibai e gudibí = *good bye*, trinque = *drink*);
- > espanholismos produzidos principalmente pela penetração do tango ou pela proximidade de fronteiras (= *adiós, me voy, bueno*);
- > adjetivos substantivados (o velho por meu pai etc.);
- > emprego de “mais grande”, “mais maior”, “mais menor”, “pecurrucho”, “pequitito”, “pequininho”, “poucadinho”, “mais mió”, “mais pior” etc.;
- > “mais” significando “com” (eu fui mais ele por fui com ele);
- > nomes dados ao dinheiro (contecos, por contos de réis, bagarotes por milréis etc.);
- > maneiras de tratamento (vassuncê, vossuncê, vôsmicê, vôcemecê, nhá, nhã etc.);
- > existência regional do “tu” ou sua substituição pelo “você”;
- > emprego de isso, essa por isto, esta (“Essa noite tive um sonho” verso popular querendo dizer Esta noite etc.);
- > emprego de “o que” por “que” e “quem que” por “quem” nas interrogações;
- > emprego de “pego” por “pegado” particípio passado;
- > emprego de “pasma” por “pasmado” particípio passado (fiquei pasma);
- > emprego de “de modos que”, “de formas que”, “de maneiras que”;
- > emprego de “desque” por “desde que”;
- > locuções e partículas comparativas (ficou que nem um homem, ou ficou vê homem ou ficou feito um homem, ficou direito um homem, ficou talqual um homem, ficou talqualmente um homem, ficou tal-e-qual um homem);
- > significações de “tudo” (nóis tudo, por aí tudo).

2. – Fonética — Dar uma descrição e exemplificação geral, o mais completo possível, da pronúncia da região.

a) diversas cores de cada vogal;

b) peculiaridades consonantais;

c) conjugação dos verbos (hé-de por há-de);

d) existência ou inexistência de sílabas átonas/ mudas nas palavras graves e esdrúxulas;

e) encurtamento das palavras proparoxítonas (chacra por chácara, abobra e abobrinha, princ'pe por príncipe);

f) fusão ou encurtamento de partículas do discurso ou sílabas de palavras (Eu vou no-turno por eu vou no no-turno, sodade por saudade, erisipa por erisipela, cine por cinema etc.);

g) timbre, nasalação etc;

h) ritmo, rapidez etc;

i) altura, variabilidade, riqueza, pobreza, monotonia da elevação dos sons (agudos, graves, médios) e da sua intensidade (fortes, médios, pianos, murmurantes, sussurrantes) na pronúncia geral e comum, nas ocasiões de falar em público, na família, nas paixões (cólera, amor, ironia, carinho, caçoada), nos estados de relação (de pais pra filhos e vice-versa, de moços pra moços, de velhos pra crianças, de pobres pra ricos, de patrões pra empregados etc. etc.);

j) ciciosidade;

k) troca de consoantes, de vogais (ispanhol por espanhol, ingrêis por inglêis);

l) pronúncia do r, substituição do r pela vogal i (pôico por porco, poblema por problema);

m) a pronúncia do lh (recolher e recoiê);

n) transformação do ô em u e vice-versa (mucambo por mocambo, fonção por função, muinho por moinho, pueta por poeta, fugão por fogão);

o) pronúncia do s (môchca por mosca, uj pretuj por os pretos), inexistência dele para a pluralização;

p) tio e tíu, fríu e fri-o – transformação de dissílabos em ditongos;

q) compromisso entre i e u (oiro e ouro etc.);

- r) valor longo ou breve da primeira vogal nos ditongos crescentes “ia”, “ie”, “io”, “iu”, “ua”, “ué”, “uê” e “ui”, ocasionando o desdobramento em duas sílabas do ditongo, ou sua possibilidade (qui-abo, inqui-eto, mi-olo, pi-olhos, mi-udo, casu-al, pu-eta, pu-era, su-ino);
- s) valor longo ou breve da primeira vogal nos tritongos, ocasionando o desdobramento ou não do tritongo em duas sílabas;
- t) manifestações de epêntese (adevogado por advogado, abissolutamente por absolutamente, fulô por flor);
- u) manifestações de assimilação regressiva (inlustre por ilustre);
- v) manifestações de síncope (meidia por meio-dia etc.);
- x) variações de “para” (pra, prá, prô etc.) são gerais ou não na região?;
- w) pronúncias de rúim ou ruím? “múi” ou “múin” por muito?

3. – Sintaxe – Dar uma enumeração geral e exemplificação dos brasileirismos sintáticos da região.

- a) colocação de pronomes;
- b) variação dos pronomes (pra mim sentar por para eu sentar etc.);
- c) exclusão dos pronomes nos verbos pronominais (sente por sente-se, cansei muito na viagem por cansei-me etc.);
- d) italianismos (somos em cinco);
- e) a expressão “maior do mundo” é sistematizada na região como superlativo, pra significar “grandíssimo”, “muitíssimo” etc., e não mais como comparativo? “dei um soco maior do mundo que isso ele despenhô todinho que nem jaca”;
- f) nas regiões onde persiste o “tu” segunda pessoa do singular, determinar a flexão verbal que o acompanha (tu vais ou tu vai), idêntica observação mesmo entre as pessoas cultas, em linguagem desleixadamente espontânea;
- g) obliteração dos possessivos em casos como “na casa do sr.” (na sua casa), “na saída Joaquim viu o pai dele” (viu seu pai), “a fazenda de você já está colonizada” (sua fazenda) etc.;
- h) emprego de “será” interrogativo (Será que vai chover?);
- i) emprego de “enquanto que” no povo analfabeto;
- j) emprego de “quando senão quando” pra significar de repente;

- k) concordância de coletivos em geral, do coletivo de 1ª pessoa “a gente” (A gente vai com ele) e de 3ª pessoa (Aquela gente andam com coisa);
- l) lugares-comuns comparativos (ficou uma fera, chorou como bezerro desmamado) especialmente os que de qualquer forma apresentem referências locais ou regionais (espírito bandeirante, cara de mico);
- m) emprego do presente do indicativo pelo futuro (Se você for lá, fecha o tempo por fechará o tempo, amanhã eu vou na sua casa por irei a..., só me caso com ela quando..., se me oferecerem um chope, recuso). Outras observações sobre a ausência da noção exata do tempo futuro e sua confusão com o presente na linguagem popular analfabeta;
- n) emprego do imperfeito do indicativo pelo condicional (Se você fosse lá, fechava o tempo, só me casava com ela se..., se me oferecessem um chope, recusava);
- o) análise geral do emprego do imperativo; emprego do indicativo nos imperativos negativos (não demora não!);
- p)⁴⁶

*

A LÍNGUA NACIONAL

As observações e pesquisas sobre a língua nacional não devem ser feitas exclusivamente entre pessoas das classes proletárias, entre analfabetos e pessoas rurais. Deve estender-se a todas as classes, até mesmo aos cultos, mas sempre na sua linguagem desleixadamente espontânea e natural. As observações só não devem se estender aos indivíduos que timbram em falar certo. Ou melhor: tem muita importância em verificar e apontar as vezes e casos em que mesmo estas pessoas “culteranistas”, por desatenção momentânea pecam contra o português de Portugal e das gramáticas.

46 Escritura interrompida.

**SELETA DE ARTIGOS DE MÁRIO DE ANDRADE:
DESDOBRAMENTOS D'A GRAMATIQUINHA DA
*FALA BRASILEIRA***

Brasileiro e português¹

A última reforma ortográfica da Academia deu ocasião de novo a que se abrissem as velhas portas da secular quizília entre portugueses e brasileiros. Queixas daqui e queixas do “outro lado de lá”. Ofensinhas daqui e d'além-mar. Isso pelo menos prova que inda existe no mundo um povo que se preocupa com brasileiro, além da ganância capitalista. Esse povo é o português.

Aliás é muito engraçado a gente reparar como as relações de nação pra nação que existem entre brasileiros e portugues, permaneceram extremamente gênero “família”. Sentimentos, ideias, conceitos que exprimem essas relações estão sempre intimamente afeiçoados à espécie de relações de pais e filhos, padrinhos e afilhados, tios e sobrinhos.

Desconfio que isso vem de duas coisas: do estado saudosista e reivindicador que move a consciência portuguesa duns tempos para cá e da nossa quase nenhuma faculdade de nos sentirmos uma nação e agirmos como tal. É verdade que faz uns dois anos, um movimento desastrado dum jornal literário espanhol, provocou entre argentinos e espanhóis um movimento de briga literária muito parecido com as rusgas familiares nossas, porém isso é exemplo raro: as maneiras de agir entre Argentina e Espanha, entre os Estados Unidos e a Inglaterra, são duma virilidade e duma liberdade muito mais internacionais que as entre Portugal e Brasil. Diplomática, econômica, intelectualmente, nós e os portugueses inda vivemos quase que só no regime do abraço, do puxão de orelha e do presentinho de aniversário, é cômico. Mesmo nações pequenininhas hispano-americanas, agem pra com a Espanha muito mais nacionalmente que nós brasileiros pra com Portugal.

1 Esta crônica foi publicada no *Diário Nacional*, São Paulo, em 5 de fevereiro de 1930; compõe ainda a coletânea *Táxi e crônicas no Diário Nacional* (1976).

Mas não se pense que estou indicando isso como um mal pra nós. Mal é não termos uma consciência nacional verdadeira, isso acho indiscutível. Quanto às nossas relações pra com os portugueses, que continuem como estão, é gostoso. Queixas, briguinhas... Portugal grita de lá: “Eu sou o maior!”. O Brasil secunda de cá: “Eu sou mais grande”. E os dois ficam feridíssimos, com uma vontade enorme de dar um bofete no outro, dizendo por dentro uma porção de palavrões, que a etiqueta jornalística não aceita.

Eu sei que Portugal não nos lê e que a gente lê Portugal. Sei por outro lado que nós estropiamos o português que um campônio de Mesquitela não estrophia. São sempre as fatalidades que existem dentro das casas de família. O filho sempre teve vontade de saber mais do pai, que o pai do filho. Simplesmente porque dentro de casa o filho é claramente o que é, não esconde nem tendências nem defeitos, ao passo que o pai dentro de casa sempre foi um artista fingidor, se dando personalidade inexata, só pra filho ver. Assim, sempre que fora de casa nos contam alguma coisa dos nossos pais, a gente devora o reconto com sofreguidão. E quanto a estropiarmos a língua portuguesa, jamais não houve pai neste mundo que não censurasse o palavreado que os filhos trazem da enorme e didática rua.

Eu considero a superioridade intelectual portuguesa real, embora muito discutível. É certo que a nossa literatura já é mais rica, mais variada, porém a portuguesa apresenta um fundo de criação, um peso racial que nós não apresentamos. Percorrendo a literatura brasileira, a gente não se livra da impressão de que a infinita maioria dos livros são meros produtos de diletantismo. Podiam não existir que não fazia mal. Nós nos orgulhamos da nossa poesia, incontestavelmente muito mais bonita que a portuguesa... Até isso prova nossa inferioridade: não temos em que pensar, fazemos poesia. Com exceção da Inglaterra, país mais lírico do mundo como já dizia o autor de *Os gatos*, em qualquer terra de deveras intelectual, a poesia viveu sempre na subalternidade da prosa. Enquanto formos poetas e 30 milhões de poetas, seremos apenas filhotes de Portugal. É gostoso. E os portugueses são tão gozados!...

Exposição de motivos¹

(Lida na sessão de instalação do Congresso, pelo professor Mário de Andrade, relator do *Anteprojeto* apresentado pela Divisão de Expansão Cultural, do Departamento de Cultura.)

Não sei,

Meus Senhores,

se estais bem conscientes da insensatez maravilhosa da nossa decisão de nos reunirmos neste Congresso da Língua Nacional Cantada. Enquanto a política rosna lá fora, fundando imperialismos absurdos, nacionalismos estufados e mil e uma facetas, por onde se odiarem os homens; através dos espaços arejados os congressos se correspondem na insensatez aparente da paz, do saber e da arte. É o Congresso Internacional de Folclore de Paris, é o Congresso das Cidades e Poderes organizado por Bruxelas, é o Congresso da Expansão Portuguesa no Mundo, em Lisboa. É o Congresso

¹ Conjectura-se que além da leitura do discurso, é de Mário de Andrade – idealizador e organizador do evento –, a autoria do texto. Cf.: EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS. *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*. Prefeitura do Município de São Paulo, Departamento de Cultura, 1938, p. 707-708. O Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, realizado nos dias 7 a 14 de julho de 1937 no Theatro Municipal de São Paulo, promovido pelo Departamento de Cultura, sob a gestão do modernista, tinha como objetivo estabelecer as normas de pronúncia da língua nacional cantada, precisamente para a declamação, o canto e o teatro eruditos. Os congressistas escolheram a pronúncia carioca como língua-padrão; entre as sessões ordinárias nas áreas de linguística, musicologia, fonética, fonologia, Mário expõe o trabalho “Os compositores e a língua nacional” e o inclui integralmente nesses anais.

da Língua Nacional Cantada, o primeiro congresso musical do Brasil, que neste momento abre a sua semana de pesquisas e de arte, nesta, de todos vós, cidade de São Paulo.

Seja, portanto, senhores, a primeira palavra do Departamento de Cultura neste lugar, uma palavra de paz. Seja principalmente esta primeira palavra uma de altiva indignação pelo contraste absurdo entre as forças e ambições humanas que procuram fazer a vida numa construção de tropeços beligeros e ódios combativos, e nós que a estamos fazendo naquilo em que a vida mais exatamente se humaniza, arte e saber. Cerrai um pouco os vossos espíritos, senhores, na contemplação desses ensanguentados livros que são as histórias universais e nacionais. É certo que, há medo, e como que envergonhados do gasto de tempo em futilidades, de alguns decênios para cá, esses livros monstruosos já começam a dedicar algumas páginas, em tipo menor de impressão, às conquistas da ciência e da arte; mas, apesar disso, o que são essas histórias? São descrições de batalhas e de guerras ferozes, são análises complacentes de destruições em que, a cada palavra de paz deverá entender-se uma raça vencida, uma nação espoliada, uma facção humilhada. A paz, aquilo em que cada um de nós se perde escutando músicas ou escandindo hiatos, a paz desses livros é sinônimo de vitória e de conquista sangrenta. E tanto arte e ciência perturbavam a animalidade desses livros que se podem ser de homens, poderiam ser também de abutres, de leões ou de formigas, tanto arte e ciência escandalizavam a moral dessas histórias da irracionalidade humana, que foi necessário escreverem-se histórias especiais (a verdadeira história espedaçada), que se intitularam, para uso dos especialistas, e não para uso dos homens: “História da Medicina”, “Semântica”, “Sintaxe Histórica” ou “História da Música”.

Quando Bartolomeu de Gusmão voou pela primeira vez, quando Oswaldo Cruz saneou o Rio de Janeiro, quando Euclides da Cunha descreveu *Os sertões* ou Carlos Gomes a *Fosca*, nenhum sangue correu nem os homens se odiaram mais. E se acaso, nos perfeitos momentos de humanidade vamos em busca do Brasil e sua verdadeira significação histórica no mundo, jamais o encontraremos na Guerra do Paraguai ou 1889, mas em Gusmão, no Butantan, em Castro Alves ou na São Francisco da São João del-Rei.

Haverá, portanto, pelo menos duas maneiras de se fazer a História, a maneira sensata de *los Conquistadores*, e a maneira insensata dos

institutos culturais... E é de crer-se também que os processos sejam muito idênticos, pois que se vemos hoje, com frequência as pátrias militarizarem suas criancinhas, não estaremos nos também militarizando as vogais? A diferença é simplesmente cronológica. A militarização das crianças é uma ambição de agora já, a militarização das vogais constrói futuro. Quer isto dizer: a militarização das vogais estará futuramente no número daquelas citações, estará entre os Bartolomeu de Gusmão, os Manguinhos, os Alberto Nepomuceno que dão a verdadeira significação histórica do Brasil na legítima, na profunda, na incomparável humanidade dos homens. Vamos, portanto, fazer um bocado mais de História do Brasil. Para isso, sem perda de mais minuto, passo a relatar a proposta de escolha de uma língua-padrão para as artes nacionais da palavra, feita pelo Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo.

A língua-padrão¹

Faz parte da cultura duma nacionalidade a organização consciente de seus processos essenciais de se manifestar. Entre estes processos de manifestação culta estão a linguagem e a arte. Pode-se dizer que não existe país algum civilizado que não procure conhecer, estabelecer e tradicionalizar as suas manifestações filológicas e artísticas.

A largueza dramática do Brasil, os interesses e diferenciações regionais de vária espécie, a pouquidade das nossas artes incipientes, ainda não permitiram que entre nós, tanto a língua do país como a sua linguagem artística se organizasse dentro dum critério culto que fosse ao mesmo tempo nacional e estético. A própria escritura da língua, a não ser em casos individualistas do passado, só de uns dois decênios para cá, principiou se libertando normalmente e sem revoltas exageradas de regras gramaticais que não correspondiam à realidade nacional. Mais desastrosa ainda se mostra a incúria brasileira a respeito da nossa linguagem artística. A fala nacional, perturbada por fortes diferenciações fonéticas regionais, ainda não se definiu em suas manifestações artísticas, nem no teatro nem na declamação nem no canto.

Não pensa o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada contrapor-se de forma alguma às diferenciações fonéticas de uma e outra região do país. Além das considerações estéticas que podem ver uma riqueza nessa diversidade, ela antes de mais nada é fatal – uma força que nenhuma pessoa nem entidade coletiva conseguirá destruir. O que não se pode porém deixar à tonta e sem nenhum critério civilizador são as manifestações eruditas da arte de falar, que em todos os países civilizados são fixadas pelo consenso duma tradição feliz ou pela determinação de quaisquer organismos competentes. É sabido que na Itália existe uma maneira artística de pronunciar o italiano, no teatro ou na declamação. Na França uma longa tradição do bem falar se estabeleceu nos teatros, com o exemplo normativo da *Comédie Française* e do Conservatório de Paris. Na Alemanha a linguagem do Hannover foi

1 As normas que pautam a língua-padrão cantada foram redigidas, segundo as discussões plenárias no congresso, pelos professores-congressistas Antenor Nascentes, Luis Heitor Correia de Azevedo e Mário de Andrade. Cf.: LÍNGUA-PADRÃO. In: *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*. Prefeitura do Município de São Paulo, Departamento de Cultura, 1938, p. 55-60.

escolhida para o teatro erudito, como a que mais correspondia foneticamente à pureza da língua alemã.

No caso do Brasil impõe-se a escolha dessa língua-padrão a ser usada nas artes de dizer. Quem quer frequente o teatro nacional ficará desagradavelmente ferido ante a diversidade de pronúncias que se entrechocam no ar. Essa diversidade deriva em parte de atores estaduanos que, trazendo consigo suas pronúncias regionais e não fazendo nenhum esforço para unificar essas pronúncias em benefício do equilíbrio e da unidade fonética tornam a obra-de-arte um mistifório malsoante, irregular de estilo e de sonoridade, muitas vezes, por isso, de penosa compreensão para o ouvinte. E que dizer-se então da quantidade de artistas, Portugueses, Espanhóis e Italianos, ou ainda mesmo Brasileiros filhos de estrangeiros, que surgem numerosamente no palco nacional, num desprezo cego do bem dizer, e que carregam para a nossa linguagem sons espúrios, sotaques estrambóticos, desnordeando a naturalidade e a pureza da língua! Se o choque de pronúncias regionais constitui já um grave defeito de ordem estética, essas pronúncias estrangeiradas são um gravíssimo perigo. O teatro nacional se constitui por isso em violento impurificador da linguagem brasileira, num péssimo exemplo, numa lição desastrosa, e tanto mais desastrosa que amável. E o teatro, essa arma poderosíssima de lições e de exemplos, largado ao léu do acaso pelos governos, manejado à pressa por artistas acossados pela precisão de viver, tornou-se um eterno exemplo de desleixo e impureza linguística, que erigiu a linguagem mal falada em norma de erudição nacional. Não há dúvida que os artistas do palco brasileiro se preocupam em pronunciar claro as suas palavras. Mas a arte de dizer, a dicção, não consiste apenas na emissão clara dos fonemas. Carece não esquecer que não existe fonema sem timbre nem palavra sem sonoridade racial. Carece não esquecer principalmente que uma palavra com seus fonemas claramente batidos, muitas vezes se torna mais incompreensível que outra de prolação mais descuidada, porém dotada de timbre racial que a afeiçoou.

No caso do Brasil a todas essas considerações de ordem estética, ainda outra, grave, se ajunta de ordem social. País cuja unidade se conserva por efeitos quase de milagre pois que as razões de religião e de língua são insuficientes para explicá-la; país cuja perigosa vastidão geográfica, cujo crescimento irregular, cujos interesses econômicos, cujo homem excessivamente individualista, cujos ventos climáticos, tudo tende a dispersar numa poeira de nações americanas, idênticas às que tiveram a língua e a religião de Espanha: o Brasil encontrará porventura nessa língua-padrão

escolhida, que de norte a sul se normalizará no seu teatro e no seu verso declamado, um orgulho de consentimento nacional, um treino de disciplina, uma organização consciente, um fator verdadeiro de unidade. Não haverá por certo um Italiano que não se ajunte a outro Italiano por mais distante em sua pronúncia dialetal ao pensar na bela língua da Itália. É possível também imaginar que todos os Brasileiros um dia, já acostumados civilizadamente à pronúncia duma só linguagem, mais disciplinados por esse esforço consciente de unificação, sintam o mesmo orgulho do Italiano, ante a nossa língua admirável, convertida em obra-de-arte pelo consenso unânime de todos nós.

Resta ainda um problema a apresentar. A união da palavra e do som musical constitui perenemente uma das grandes dificuldades tanto da arte de compor como da arte de cantar. A pronúncia das palavras, a prolação das consoantes e das vogais têm suas exigências próprias, tanto de âmbito oral como de ruídos consonânticos. Ora estas exigências entram imediatamente em conflito com as exigências de clareza e pureza do som musical emitido pela voz humana e com as exigências da evolução melódica. É costume, por isso, nos países civilizados, em que existe realmente uma arte nacional de cantar, estatuir-se uma acomodação entre a prolação fonética e a emissão musical da voz, de forma a conservar a clareza das palavras sem prejudicar muito a pureza do som cantado. Como, de maneira geral, é o canto que se prejudica se acrescido dos ruídos extemporâneos das consoantes e a variabilidade das vogais, compensa-se este sacrifício geral da música, modificando sistematicamente os fonemas que mais prejudicam a pureza da emissão musical da voz. Evita-se com a modificação discreta da pronúncia, a voz sacudida e a irregularidade dos registros.

No caso do Brasil o estabelecimento normalizado da pronúncia cantada se impõe, da mesma forma e pelos mesmos motivos que a escolha da língua-padrão. E tanto mais, que as diferenciações regionais e a desatenção a este problema da parte dos nossos cantores e professores de canto, de colaboração com a precariedade ortográfica da língua, estão levando o nosso canto erudito à maior barafunda vocal que se pode imaginar. Na realidade as vogais escritas correspondem muito pouco às vozes variadíssimas da pronúncia. Principalmente o “e” e o “o” escritos, por assim dizer não têm em muitos casos significação nenhuma para a pronúncia, aquele trocado pelo “i” e o “o” pelo “u”. Quando essas vogais terminam palavras graves, essa troca já se sistematizou. Em outras ocorrências porém, a incerteza torna-se prodigiosamente infiel no próprio canto erudito, e é comum ouvir cantores

nacionais cantarem “ortograficamente”, cantarem como se escreve e não como se pronuncia, sem nenhum respeito nem pela linguagem nem pela música.

Levado por todas estas preocupações e animado pelo desejo de bem servir a causa da nacionalidade brasileira nas artes da linguagem e do canto, [apresentamos as?] Normas:

- a) considerando que a irregularidade de pronúncia numa língua afeta perigosamente as artes do dizer e do canto;
- b) considerando que o estabelecimento e fixação numa língua-padrão virá por um termo à anormalidade de pronúncia que atualmente se verifica no teatro, na declamação e no canto da língua nacional;
- c) considerando que a fixação dessa língua-padrão é um elemento civilizador e um processo de cultura;
- d) considerando que a fixação dessa língua-padrão será mais um fator patriótico de unidade nacional;
- e) considerando que dentro das pronúncias regionais do Brasil faz-se mister escolher uma que apresente ao mesmo tempo as melhores credenciais nacionais, filológicas e artísticas;
- f) considerando que a pronúncia “carioca” do Distrito Federal apresenta-se como a mais evolucionada dentre as pronúncias regionais do Brasil;
- g) considerando ser ela a mais rápida e conseqüentemente a mais incisiva de todas;
- h) considerando ser ela a que mais apresenta “tonalidades próprias de bastante relevo”, no dizer do professor Renato Mendonça;
- i) considerando ser ela a de maior musicalidade na pronúncia oral, ao mesmo tempo que dá menos a impressão do “falar cantado”, na observação do professor Mário Marroquim;
- j) considerando ser a pronúncia carioca a mais elegante, a mais essencialmente urbana dentre as nossas pronúncias regionais;
- l) considerando ser ela provavelmente, por ter se fixado na capital do país, um produto inconsciente, uma síntese oriunda das colaborações de todos os Brasileiros, e por isso mesmo a mais adaptável a todos eles;
- m) considerando ser ela, por ser a da capital a que os Brasileiros afluem, a mais fácil de ser ouvida e propagada e a que mais probabilidades tem para se generalizar.

O Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada resolve considerar a pronúncia carioca a mais perfeita do país e propô-la como língua-padrão a ser usada no teatro, na declamação e no canto eruditos do Brasil. O Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada obtempera porém que as pronúncias regionais quando sirvam para efeitos de caracterização, podem e mesmo devem ser usadas no teatro, na declamação e no canto regionais, e mesmo, no caso de aparecerem personagens regionais no teatro erudito.

A língua radiofônica¹

Recentemente a Diretoria Geral dos Correios e Telégrafos, a quem incumbe na Argentina a radiodifusão, nomeou uma Comissão de Estudo e Reorganização Geral do Serviço. Esta comissão dividiu inteligentemente o seu trabalho em vários capítulos, que não interessa aqui saber se foram bem ou mal tratados. Mas entre os problemas a resolver, incluiu o da linguagem usada nos rádios argentinos, principalmente pelos *speakers*, pelas peças de teatro radiofônico e pelos tangos e demais canções em gíria de favelas. Não podendo, por si, resolver com clareza o assunto, provavelmente por impossibilidade de acordo entre seus membros, a comissão resolveu abrir um inquérito entre as mais notáveis instituições culturais argentinas. O divertido é que de novo as respostas variaram de tal forma que, ao invés de decidir, a comissão resolveu publicar todas elas! E o problema da língua radiofônica castelhano-argentina ficou sem direção e provavelmente o ficará por toda a vida. Mas não se dirige uma língua viva!...

Examinemos o inquérito. Constava das quatro perguntas seguintes, formuladas pela comissão:

- a. Devem ser aceitos na transmissão os vícios de pronúncia correntes, ou será necessário impor a pronúncia culta?
- b. Convém difundir comédias dialogadas em linguagem familiar?
- c. Convém difundir teatro rural em linguagem regional?
- d. Convém difundir canções escritas na geringonça arrabaldeira?

¹ Este artigo foi publicado n'O *Estado de S. Paulo*, em 3 de março de 1940 e na *Revista da Academia Paulista de Letras*, em 12 de março de 1943; compõe ainda a coletânea de artigos *O empalhador de passarinho* (1946).

Entre as instituições consultadas estavam a Faculdade de Filosofia e Letras, a Academia Argentina de Letras, a Inspeção Geral de Ensino, o Conselho Nacional de Educação, a Sociedade Argentina de Escritores, o Museu Social, o Círculo de Imprensa, a Sociedade Geral de Autores, o Conselho Nacional Feminino, a Ação Católica, a Sociedade de Estudos Linguísticos etc.

Em última análise as respostas foram todas prudentiais, e, pelo seu tom hesitante, bastante acacias. Percebe-se que muitos dos respondedores, pelos seus preconceitos tradicionalistas e culteranistas, ou por um maior bom-senso compreensivo das fatalidades vitais, tinham vontade de recusar tudo ou aceitar tudo. Mas não tiveram a coragem de o fazer, com medo do ridículo ou de uma realidade futura que os desmentisse. Derivou disso um grande número de respostas acomodatórias, que impediu a comissão de tomar qualquer medida que se aparentasse a uma decisão. Achei mais simpáticos em seu pragmatismo destemido os grupos católicos e femininos, que não se importaram de mandar bom-senso e conhecimento às urtigas, pra resolverem de acordo com os seus interesses. Tanto mulheres como católicos se demonstraram francamente conservadores e tradicionalistas. As mulheres acharam que “é necessário impor as formas cultas” da linguagem e, por julgamento unânime, afirmaram “a necessidade urgente de suprimir as comédias em linguagem familiar assim como as canções escritas em gíria”. O mais admirável é terem feito exceção para as comédias em linguagem rural, garantindo que esta linguagem “é uma forma típica do caráter localista dessas comédias e vêm sempre cheia de arcaísmos nobres (sic) e expressões felizes”. Os da Ação Católica, ainda foram mais radicais, pois que quanto às comédias regionalistas só as permitiram em “caso excepcional”, derivado de “um real valor artístico”. Os tângos, “isso deveria ser absolutamente proibido”.

Afora esse negativismo pragmático de mulheres e católicos, os demais foram hesitantemente liberdosos. A resposta mais clarividente foi a de Ricardo Rojas, nem era de esperar outra coisa do grande escritor. A bem dizer... não disse nada, não respondeu. Limitou-se a dar opiniões pessoais sobre certos gêneros de canções e pronúncias argentinas, terminando com estas considerações justíssimas:

Desgostam-me censuras prévias e regulamentações em matéria de arte. Sei que a nossa decomposição nacional é profunda, e

que transcende ao rádio, ao folclore e à linguagem. Tanto mais que se se puder transmitir apenas o academicamente correto, não seria permitida a radiodifusão do Martin Fierro. Como se vê, o problema é por demais complexo e depende de cada caso particular, mais que de normas gerais. Só me ocorre lembrar, pra concluir, que nos livros se aconselham certos remédios que podem fazer mal aos doentes.

Amado Alonso, do Instituto de Filologia, tem estas considerações finais:

O pitoresco (de linguagem) está bem como pitoresco e no seu lugar limitado; mas fora disso todo o pessoal dos rádios deve praticar as formas cultas do idioma e deve colaborar pra que se afirme no público o respeito e o agrado pelo bem dizer.

Esta resposta, sutilmente defeituosa a meu ver, sintetiza com admirável clareza o sentir geral dos respondedores. No fundo, como pessoas cultíssimas que são e acostumadas às manifestações cultas da linguagem, lhes desagradam o linguajar radiofônico e desejariam proibi-lo pra todo o sempre, salvando-se dessa forma a linguagem de Cervantes. De Cervantes e não a linguagem castelhano-argentina viva...

Vejamos o que há de sutilmente defeituoso na conclusão de Amado Alonso. Diz ele que o “pitoresco de linguagem”, isto é, certos defeitos (não os considero absolutamente “defeitos”, são manifestações diferentes, fatais) tanto de pronúncia como de vocabulário e sintaxe, estão bem no seu campo limitado. E acrescenta que fora disso “todo o pessoal de rádio deve praticar as formas cultas do idioma”. Ora, eu me pergunto: a radiofonia, a coisa radiofônica, não será também um “campo limitado”, com um pitoresco que lhe é próprio? Aliás não se trata de “pitoresco”, trata-se de uma verdade natural de expressão, que aos que a não têm é que parecerá pitoresca.

A língua, no seu sentido, digamos, abstrato, é uma propriedade de todo o grupo social que a emprega. Mas isto é uma mera abstração, essa língua não existe. O tempo, os acidentes regionais, as profissões se encarregam de transformar essa língua abstrata numa quantidade de linguagens concretas diversas. Cada grupinho, regional e profissional, se utiliza de uma delas. Deus me livre negar a existência de uma língua “cultura”. Mas esta é exclusiva apenas de um dos grupinhos do grande grupo social. Essa é a língua escrita, por excelência, tradicionalista por vício, conservadora por cacoete específico

de cultismo. Ou de classe. Mas já está mais que observado que os mesmos indivíduos que escrevem nessa língua culta, muitas vezes se esquecem dela quando falam. Essa língua escrita não é a mesma que a linguagem da classe burguesa, que é falada e não tem pretensões aristocráticas de bem falar. E existem as linguagens dos sentimentos, que fazem um burguesinho ter com a mulher um linguajar amoroso muito especial, ou ter tal linguagem nos momentos de cólera que jamais, como vocabulário e sintaxe, ele empregaria na festa de aniversário da filhinha. E finalmente existem as linguagens profissionais, a linguagem do carreiro, do sapateiro, do advogado.

Ora, existe a linguagem do rádio também. O simples problema de alcançar o maior número de pessoas, de lhes ser acessível e as convencer a todas, obriga o rádio a uma linguagem mista, complexa, de um sabor todo especial, a começar pelo “Amigo ouvinte”, que da linguagem dos púlpitos passou para a do rádio. Uma observação: hoje todo o rádio brasileiro (pelo menos o carioca) emprega o “você” em relação ao ouvinte. Não parece absurdo? Qualquer acadêmico se arrepiará com essa familiaridade quase ofensiva, com que o *speaker* se dirige a pessoas que não conhece. Mas foram as exigências mesmas da radiofonia que levaram à generalização do você, como fórmula de tratamento radiofônico. Foram as exigências de alcançar o maior número de pessoas de todas as classes, foram as exigências de simpatizar, as de familiaridade etc. Mas o você não é um tratamento absolutamente geral no Brasil. Em certas regiões, e no próprio Rio de Janeiro, a forma mais frequente de intimidade é o “tu”. Mas o você tinha utilidades psicológicas e gramaticais que levaram, inconscientemente, os locutores cariocas a empregá-lo. Era familiar, era simpatizante, mas sem exagero de intimidade. E além disso tinha plural, que o tu a bem dizer não tem. O “vós” era de todo em todo inaceitável para a radiodifusão cotidiana, pois só usado na linguagem oratória ou perseverado desatentamente em fórmulas de reza.

E nem me refiro à gíria radiofônica, usada na comunicação interna dos estúdios. Já lembrei, neste jornal, o exotismo desagradável da nossa linguagem musical. Pois cantores e instrumentistas de rádio, muitos deles jamais tendo lido uma artinha, estão criando toda uma terminologia musical brasileiríssima, muito mais lógica que a culta. E como os fenômenos musicais, cultos ou populares, são os mesmos, sucede aparecerem, nessa terminologia radiofônica, vozes que podiam perfeitamente substituir, com

vantagem de nacionalidade, as empregadas na terminologia culta. É o caso, por exemplo, do “Fundo de canto”, expressão que ouvi faz pouco de um rapaz radiofônico, pra designar uma segunda linha de polifonia, de função subalterna. É admiravelmente expressiva, e não temos nada que a substitua na terminologia culta.

Assim, está nascendo dentro da língua castelhana, como dentro da língua portuguesa, e provavelmente dentro de todas as demais línguas, uma nova linguagem, a linguagem radiofônica. Como a dos engenheiros, como a dos gatunos, como a dos amantes, como a usada pela mãe com o filho que ainda não fala, essa linguagem radiofônica tem suas características próprias determinadas por exigências ecológicas e técnicas. Não podendo me estender mais, termino apontando apenas a característica que mais nos importa nesse artigo. A linguagem radiofônica tinha que se manifestar necessariamente anticulta, como de fato se manifesta. O rádio, como a oratória e o teatro, mas sem possuir destes o poderoso elemento plástico, é um instrumento de convencer. Dizem-no instrumento de educar. Prefiro dizer que ele se utiliza, como atitude educacional, só do elemento de convicção. Em sentido muito geral e nada pejorativo, determinado pelas próprias circunstâncias da sua vida, o rádio é um instrumento de anúncio. Tanto anuncia uma canção como um ato governamental e, comercialmente agora, o remédio mais eficaz contra o reumatismo. A cultura do rádio, baseada no voo infixável da palavra falada, moldada por elementos próprios, como o da minutagem, que tem de ser curta não por interesses, econômicos apenas, mas psicológicos, de fadiga, de audição desprovida dos elementos plásticos da oratória etc., a cultura do rádio jamais será uma cultura... culta. Ora, isto leva o rádio à disputa e ainda à delimitação do que se poderia chamar, em linguagem atualíssima, o seu “espaço vital”. Tendo de convencer, tendo de anunciar, e para o maior número, o rádio abandonou com muita habilidade política o seu público mais restrito: abandonou as pessoas cultas. Não apenas porque eram em menor número, mas especialmente porque as mais intelectualmente difíceis e mais financeiramente custosas de convencer. Um exemplo basta. Convencer a uma pessoa culta, em música, exige grandes orquestras, apuro de ensaios, musicistas consumados. E jamais essa pessoa ficará plenamente convencida e satisfeita porque a transmissão jamais iguala a realidade. E então em filosofia, em literatura, em matemáticas etc., a dificuldade era maior. O rádio é por essência instrumento de mediana, a que podem com interesse,

utilidade e vaidade subir as pessoas incultas, mas a que as pessoas cultas se fatigam em descer. Foi, pois, o rádio obrigado a abandonar totalmente a parte culta do público e a não considerá-la como participante do seu “espaço vital”. A geografia do rádio não alcança as montanhas elevadas da cultura. Fica-se pelos vales, pelos platôs largos e pelos litorais. Daí a sua linguagem particular, complexa, multifária, mixordiosa, com palavras, ditos, sintaxes de todas as classes, grupos e comunidades. Menos da culta, pois que desta ele apenas normalmente se utiliza daquelas 100 palavras e poucas normas em que ela coincide com todas as outras linguagens, dentro dessa abstração que é a Língua.

A língua viva¹

A verdade mais verdadeira deste mundo é que o meu último artigo sobre a linguagem radiofônica, jamais eu tive intenção de escrever. Sucedeu porém que no ato de lançar sobre o papel, o artigo que vai aqui, saiu outro. Logo depois de uns poucos metros de escritura, meu pensamento descobriu um atalho, quis saber onde que ia parar e deu naquele abismo ousado da linguagem radiofônica, provocada pelas condições sociais do rádio. Paciência. A honestidade, agora, me obriga a divulgar o que tinha a dizer e não foi dito.

No inquérito sobre o “problema do idioma na radiodifusão”, organizado entre as mais credenciadas instituições culturais argentinas pela Diretoria Geral dos Correios e Telégrafos, eu tive a impressão, tanto pelas perguntas como pelas respostas, que a principal realidade do assunto não entrou nas cogitações de ninguém. Não houve uma clara e realista consciência de que a linguagem usada por milhares de pessoas, já por si diferentes uma das outras e ainda por cima diferenciadas por profissões, situação social etc., é necessariamente um instrumento vivo, em eterno fazer-se, a que qualquer coisa modifica, transforma ou acrescenta. Ainda mais: não se levou exatamente em conta que, dentro dessa língua total, a linguagem culta funciona mais ou menos como uma língua morta, de tendências necessariamente conservadoras que a fixam pelo estudo e a estratificam pelo cultivo da tradição. A linguagem culta funciona bem exatamente como durante muito tempo funcionou o latim, depois de nascerem e se estabilizarem as línguas românicas: era o instrumento oficial e transcendente, grafado no papel, único usado entre as pessoas cultas nos seus trabalhos

1 Este artigo foi publicado n’O *Estado de S. Paulo*, em 10 de março de 1940 e na *Revista da Academia Paulista de Letras*, em 12 de março de 1943; compõe ainda a coletânea de artigos *O empalhador de passarinho* (1946).

de erudição. O indivíduo que dentro de casa e na rua falava o castelhano ou o português vivos, escrevia em latim morto o seu livro sobre botânica.

Este é muito exatamente o papel da linguagem culta dentro de uma língua. E o indivíduo brasileiro que na rua diz “me parece” ou em casa pede a uma visita: “Se sente, faz favor”, escreverá logo depois “parece-me” e “sente-se”, isto é, uma língua morta estratificada, que ele não se pensa no direito de mudar. Por quê? Porque essa linguagem culta é a língua cujas leis ele decorou no colégio, é a língua estabelecida e fixada pelos clássicos, é a tradição. E ainda existe uma razão mais ponderável: é que a transformação dessa linguagem, as modificações introduzidas individualmente dentro dela, podem se tornar incompreensíveis ou de impossível aceitação por centenas de outras pessoas de outras regiões, pra quem o trabalho também foi escrito. Se eu escrevo umas ideias novas sobre Kant, é certo que não me dirijo ao meu barbeiro e compadre, nem mesmo a minha mãe ou mulher, nem talvez ao meu amigo mais íntimo, dono de todos os meus segredos desde a infância e atualmente corretor de café em Santos. Mas, sem sequer lhes caber o nome, estou me dirigindo a vários professores de Coimbra, a todos os filósofos de língua espanhola que também conhecem o português. Esta é a razão mais ponderável da estratificação e imutabilidade da linguagem culta. É uma língua morta que tira da sua rigidez cadavérica as melhores razões de sua vitalidade.

Esta muito bem. Mas parecerá imediatamente às pessoas que me conhecem que afirmando estas fáceis verdades, me coloco em enorme contradição comigo mesmo, pois sempre tenho sido em minha vida literária um deslocador, um destroncador, um destruidor dessa linguagem culta, com os meus insuportáveis “erros” de português.

Mas não há contradição alguma. O fato da linguagem culta se assemelhar a uma língua morta e manifestar tendências, algumas falsas e algumas utilitárias, para a estratificação, é apenas uma verdade fácil e preliminar. Outras verificações se juntam a essa verdade preliminar, que, à revelia dos indivíduos, obrigam a linguagem culta a ir se modificando com os tempos. O espírito de épocas diferentes, as influências exteriores, as invenções novas, por exemplo, são outros tantos elementos poderosos que modificam cronologicamente a linguagem culta imutável. Uma pessoa de hoje que pretendesse usar a linguagem culta de Frei Luís de Sousa, não o poderia

fazer – a menos que fosse um pobre de espírito, tão excessivamente pobretão que não tivesse nada a dizer. Porque o pensamento e a sensibilidade de hoje não podem se conter dentro do vocabulário e muito menos dentro do estilo de Frei Luís de Sousa. Mas não quero dizer com isto que a linguagem culta se enriquece com os tempos. Ela só pode se enriquecer dentro de uma só época e em relação a esta época. Com efeito, o vocabulário contemporâneo e o estilo atual seriam absolutamente inúteis pra Camões. Se ele os tivesse à mão, antes de mais nada, não seria Camões! Mas imaginando a hipótese que o fosse, isto é, fosse o mesmo gênio que foi, com o sentimento e a cultura do tempo dele, ele deixaria de parte tudo o que possuímos e nos é imprescindível, pra usar apenas o vocabulário e sempre o estilo que criou. O que hoje possuímos não o enriqueceria.

Além destas circunstâncias sociais que levam a linguagem culta a se modificar com o correr dos tempos, há que não esquecer ainda os imperativos individuais do escritor. Isto é muito importante porque é o que marca melhor a cisão da linguagem culta em duas manifestações profundamente diversas: a linguagem científica e a linguagem artística. Está claro que não é a mesma coisa escrever uma comunicação sobre a moléstia de Chagas e uma poesia de amor. As exigências universalistas da verdade científica obrigam a linguagem culta a se estratificar o mais possível, de forma a ser imediatamente e insensivelmente compreensível a todos quantos a praticam. Ao passo que as exigências individualistas da arte permitem à linguagem artística uma mobilidade extrema. Dentro dela, a simplicidade, por exemplo, não é preceito de Albalat, a que obedecem cegamente apenas os academizantes. A simplicidade não é preceito: é qualidade que uns têm, outros não. Como preceito irrevogável, ela alcança muitas vezes o simplismo e o simplório. Eu afirmo que pregar a simplicidade como ideal de perfeição literária e norma objetiva de julgamento de obras-de-arte... objetivas, é uma penúria. Quando a simplicidade é um atingimento de estilo, como no Machado de Assis do *Memorial de Aires*, muito que bem: é uma admirável qualidade. Porém se imagine o que seria a simplicidade, mesmo apenas de dicção, para um Dante, um Shakespeare, como pra um Mallarmé e um Stephan George, pra um Euclides da Cunha como um Murilo Mendes. E pra um Kant, de um lado, e pra um Joyce, do outro! Impor a simplicidade como garantia até de profundeza, como faz Sergio Milliet (*O Estado de S. Paulo*, 18-XI-44), é simplesmente um academismo. É dormir conformistamente

sobre um quarto de dúzia de lezinhas de mestre-escola, sem reverificá-las a cada passo da evolução das individualidades e a cada objetividade de cada obra. O quartanista ginasiano bem-comportado também escreve simples. Não por atingimento porém: por incapacidade.

E é nisto que residiu a falha principal do inquérito argentino: ele esqueceu totalmente a mobilidade da linguagem culta usada pela arte. Como o inquérito só perguntava sobre a pronúncia culta e as linguagens regionais, familiares ou arrabaldeiras, os respondedores, repudiando ou aceitando estas linguagens, em oposição à linguagem culta, se esqueceram de verificar que é em todas essas linguagens que o artista colhe o melhor da sua expressão literária. Além da sua própria sensibilidade, é na fonte riquíssima de todas as linguagens parciais de uma língua, que o artista vai encontrar o termo novo, o modismo, a expressão justa, a sutileza sintáctica, que lhe permitem fazer da sua linguagem culta, um exato instrumento da sua expressão, da sua arte. E isto é que se faz necessário esclarecer e compreender, porque é a fonte da eterna incompreensão e ridícula briga entre os críticos e censores de um lado e o artista verdadeiro do outro. E é também o que faz evolucionar a linguagem culta. Em vez (ai!), o criticóide pega da poesia ou do conto e o confere pela bitola de Herculano e Garrett. Dá urros. E o próprio artista, levado pelas próprias circunstâncias psicológicas da criação, os seus interesses de ser aplaudido e ser amado pela maioria, foge da expressão nova colhida dos italianos da sua terra, dispensa o termo que lhe deu a criada e que a sua sensibilidade exigia (pois que o lembrou instintivamente), e recoloca o pronome ou em vez de “camarão” diz “bonde”, hesita meio desesperado, mas como está com intenções de lutar por uma cadeira na Academia, acaba corrigindo pra “veículo a tração elétrica”.

Esta é a verdade única honesta. A linguagem culta, especialmente quando artística, é também uma língua viva. É mesmo a única língua viva que congira em sua entidade todas as linguagens parciais de uma língua. E das outras... Ela tem o direito de empregar qualquer voz, qualquer modismo, qualquer sintaxe. As linguagens parciais não têm este direito. Se em São Paulo, falando com minha mana paulista, eu lhe peço que vá na “camarinha” buscar meus chinelos, eu estarei tão anarquista e pedante como se lhe falasse no estilo de Camões. Mas como artista, eu quero o meu direito de empregar “camarinha” no meu conto ou na minha poesia, seja pra

efeitos de regionalismo, seja pra efeitos de pitoresco ou de comicidade, ou seja mesmo para efeitos de sonoridade ou de ritmo. E ainda o emprego da palavra pode ser um simples e utilíssimo fato de psicologia pessoal. Viajei pelo Nordeste, lá dormi em muitas camarinhas, lá empreguei a palavra pra me fazer mais imediatamente compreendido, lá sonhei, lá me iludi, lá sofri. A palavra pode pois surgir em mim sem necessidade estilística nenhuma, flor do meu próprio jardim. E eu, como artista, tenho o direito de me expressar com ela. Ela é uma verdade que me liberta e me esclarece. Tudo mais e falsificação e falsidade. Que um português não me compreenda, que um paulista mesmo não me compreenda?... Eu os forçarei a me compreender se por acaso for um verdadeiro artista.

Post-scriptum – Esta claro que nenhuma destas minhas ousadias justifica a ignorância. O escritor é o indivíduo que se expressa pela linguagem alfabética, isto é, a linguagem culta. É preciso, pois, que ele conheça preliminarmente essa linguagem que lhe vai servir de instrumento de expressão. É quase lapalissada afirmar que só tem direito de errar quem conhece o certo. Só então o erro deixa de o ser, pra se tornar um ir além das convenções, tornadas inúteis pelas exigências novas de uma nova expressão. O resto é academismo, e é interesse pessoal, não da obra-de-arte.

A língua nacional¹

A filologia brasileira tem progredido prodigiosamente nestes últimos tempos. Quem, há vinte anos atrás, pegava num livro de filologia escrito por brasileiro, noventa e nove vezes sobre cem, tinha a mesma sensação de quem folheia um álbum de retratos antigos de parentes. O parente, no caso, o avô respeitável e muito barbado, de sobrecasaca e alguma parecnça, era a bonita língua portuguesa. Estudos, em geral pouco originais, mas frequentemente doutíssimos, sobre a língua que Portugal falou e fala. Quem se lembraria nunca de citar uma sintaxe de Castro Alves, vote! Com exceção bastante rareada dos colecionadores de brasileirismos vocabulares, tudo o mais era a cultura dos clássicos portugueses, em que a língua se represara inutilizada e fixa, incapaz de fecundar mais mundos. E isto se passava justamente no Novo Mundo...

Tenho aqui sobre a mesa uma dezena de volumes de filologia, saídos o ano passado ou já este ano, e é o novo mundo. Todos eles, sem discrepância de um só, versam assuntos brasileiros. Mesmo quando se trata do professor Arcy Tenório d'Albuquerque, tão preso ao clássico e à tradição, e de linguagem tão arrevezada, o assunto que ele buscou desta vez foi *A linguagem de Rui Barbosa* (Schmidt Editor, Rio). E o professor Arcy Tenório d'Albuquerque vem zangado, com razão reivindicando para o baiano o direito de um lugar entre os maiores clássicos da língua. "Sobejam-lhe qualidades para ser ocupante de posição de realce, entre os clássicos de maior renome. A sua linguagem é pura, quase imaculada, assaz difícil e restolhar-lhe uma falsia entre a ofuscante pedraria valiosa com que se entretecem os seus períodos".

¹ Este artigo foi publicado n'O *Diário de Notícias*, em 14 de abril de 1940; compõe ainda a coletânea de artigos *Vida literária* (1993).

E, ao acaso: “Ele enricou a nossa literatura com milentas páginas que são jóias ofirinas”...

Ora Rui Barbosa, mesmo como linguagem, é um valor brasileiro. Se a sua sintaxe era escravizadamente lusitana, sempre é certo que justo pela sintaxe é que a expressão nacional menos se afasta das normas gerais da língua. Talvez mesmo seja esta a razão que mais nos impede, por enquanto, de chamar à linguagem falada deste lado do Atlântico, de “língua brasileira”, como bem observa o professor Antenor Nascentes nos seus *Estudos filológicos* (Civilização Brasileira, Rio, 1939). Neste seu livro, o professor Nascentes (este já um valor de primeira ordem) relata o ganancioso caso de alguns deputados do Distrito Federal e da também extinta Câmara Nacional, provavelmente jejunos de assuntos mais salvadores da pátria, terem mandado chamar à linguagem que falamos de “língua brasileira”. Não é possível. O bom senso não nos permite tomar semelhante liberdade com a ciência.

O próprio Rui Barbosa que foi um neologista assanhado, criou uma prodigiosa coleção de vozes novas que na infinita maioria poderiam ser inventadas por qualquer minhoto, igualmente imaginoso e verborrágico. É impossível tomar por brasileirismo, verbos como “mitridatizar”, “rebarbarizar”, “sobrepovoar”, em que nem um só elemento deixa de ser preliminarmente luso. O senhor Tenório d’Albuquerque pacientemente nos mostra o jogo mirífico de prefixos, com que o baiano criava os seus verbos novos. Aliás, eu ainda me pergunto se será justo averbar, como “neologismos”, essas palavras inventadas de passagem por um indivíduo, que, mesmo ele, nunca mais as repetirá na sua vida e livros. A língua é fato social, e o neologismo só o é quando adotado por uma comunidade. Rui Barbosa, no furor bacântico das suas objurgatórias, se servia frequentemente da palavra inventada na hora, “cachimbear”, “verminar”, “prestimanear”, verdadeira virtuosidade oratória de ótimo efeito. Mas quem mais usou desses verbos? Que comunidade os adotou? São antes palavras-falenas, palavras que nascem e morrem no instante, com que todos nós... ruibarboseamos no calor das convicções.

O professor Nascentes, embora num ou noutro capítulo destes *Estudos filológicos* aborde os fenômenos da linguagem, preferiu mais se conservar no campo da história da filologia. O seu esboço histórico sobre a filologia portuguesa no Brasil é o trabalho mais completo que temos no assunto.

Embora defensável, não pude comigo sem lastimar o critério adotado de só recensear a filologia das gerações passadas. É certo que, de outra maneira, o ilustre professor do Pedro II se veria obrigado a citar o próprio nome várias vezes, pelas excelentes obras que já nos deu, mas para meu instinto de justiça, um esboço histórico da filologia brasileira que cala o nome de Antenor Nascentes e desse mestre admirável de profundidade e agudez crítica, de honestidade e cultura que é Sousa da Silveira, fica poderosamente incompleto.

Aliás, como achega não menos valiosa e pormenorizada ao trabalho do professor Nascentes, surgiram agora em livros os trabalhos histórico-bibliográficos do professor Artur Neiva, sobre os vocabulários de brasileirismos. É também o trabalho mais completo de seu assunto que conheço.

Artur Neiva é tupinólogo apaixonado. O restante do seu ótimo livro *Estudos da língua nacional* (Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1940) é todo ele dedicado à influência do tupi-guarani em nossa língua, destrinchando o significado e a etimologia de numerosas palavras, analisando autores e fatos. O ilustre cientista descansa dos seus trabalhos no estudo da língua, e o faz com uma cultura, uma visão prática e uma paciência notáveis.

Ainda no terreno da tupinologia tivemos o ano passado um manual bastante prático do senhor Cristóvão de Mauriceia, para uso do senhor Toda-a-gente, sobre os *Nomes geográficos aborígenes*. Não é trabalho original, embora útil para uso rápido. Nele o dicionarista, de acordo com a tradição mais corrente e renitente, considera a palavra Araraquara, tão encontradilha em nossa toponímia, como significando “refúgio de araras”. Ora é contra isso que se revoltou um nativo da cidade paulista de Araraquara, Mota Coqueiro, pseudônimo que já não pode mais ocultar nos meios linguísticos o senhor Pio Lourenço Corrêa. A sua *Monografia da palavra Araraquara* (Tipografia Camargo, São Paulo, 1940), já agora em terceira edição, fortemente revista e melhorada, nos vem provar que o disseminado topônimo significa “lugar onde nasce o sol”, “morada do sol”. O acuradíssimo trabalho do senhor Pio Lourenço Corrêa é dos ensaios mais finos e hábeis de psicologia linguística que conheço em português. O monografista parece que esgotou os argumentos em favor da sua tese, mas creio que pelo menos, um ainda lhe escapou. No lendário ameríndio, creio que justamente na Amazônia, onde a palavra

Araraquara também ocorre como nome de serrania (por desgraça irrespirável não posso ter aqui comigo, no Rio, os meus fichários e meus livros, para esclarecer mais esta afirmativa) existe a credence de que é um “daimônio” ou um feiticeiro que tira a noite ou o dia (ara) do buraco, da toca (quara). Nada mais natural, pois, que o índio designasse, determinadamente, as furnas, tocas e noruegas de certas serras, como o buraco onde o sol vive, “Araraquara”, nome que, pelo menos em São Paulo, foi mais primitivo, substituído depois por Araraquara. Mas isto é apenas um grãozinho no areião de argumentos ajuntados pelo senhor Pio Lourenço Corrêa, num livro muito bem escrito, o qual veio demonstrar que, de raro em raro, aparece algum filólogo que, além de escrever correto, escreve bem...

E por falar em psicologia linguística, não posso esquecer o professor Cândido Jucá, Filho, que em 1933 nos deu um bom escudo sobre psicologia como determinante de evolução sintática. Seu último trabalho, de louvabilíssima paciência *A pronúncia brasileira* (Coeditora Brasília, Rio, 1939), ensina a pronúncia nacional da língua a franceses, ingleses e alemães. Ainda este mesmo professor assina um dos trabalhos da interessantíssima *Miscelânea de estudos* (Rio, 1939), coordenada em 1938 pelos amigos e discípulos desse grande filólogo que é o professor Manuel Said Ali, em sua homenagem. São trabalhos de vários valores e vários assuntos, mas quase todos eles versando problemas da língua nacional do Brasil. E este é, para mim, o progresso admirável da filologia brasileira contemporânea, a sua utilidade nacional. Já não são mais estudos de português, mas incontestavelmente de língua nacional. Talvez a maioria dos filólogos de 1920 morresse de estupor vendo um professor do Pedro II, como o senhor Nascentes, afirmar calmamente que a exigência de colocação dos pronomes à portuguesa, é coisa para nós relegada ao domínio das bizantinices anacrônicas. Vencemos já uma formidável etapa. Agora só nos falta o passo definitivo, que será ver tais e tão doutos filólogos “errarem” também a colocação dos seus pronomes. “Me parece” que nada mais poderíamos desejar então...

O baile dos pronomes¹

Vai acesa em São Paulo a preocupação da “língua brasileira”; e de um clássico como o senhor Mota Coqueiro, como de um novíssimo como o senhor Mário Neme, têm sido muitos este ano, nos jornais e revistas do Estado, os depoimentos e as contribuições a respeito deste nosso gostoso falar e difícilimo escrever. Esta inquietação nova, creio que em grande parte se deve ao discurso em que o senhor Cassiano Ricardo lançou a “língua brasileira” na Academia Idem, no qual, aliás, com a generosidade costumeira, ele me tratou com tanta elegância intelectual. Achei prudente, portanto, retribuir a atenção que o distinto acadêmico me dispensou, com estes comentários sobre o pronome átono iniciando frase.

Há pouco menos de 20 anos atrás, quando também as minhas impaciências de moço me levavam a falar em “língua brasileira”, e não, mais comodamente para minha consciência, em “língua nacional” como hoje falo, foi esse um dos problemas que mais me preocuparam. Tempo vivo aquele, em que os meus próprios amigos mais sábios caíam em cima de mim por causa dos meus abramileiramentos de linguagem... Eram discussões verdadeiramente angustiosas, sobretudo por causa da incompreensão e da leviandade de julgamento que levavam os meus próprios amigos, às vezes, a imaginar que eu estava querendo “criar” a língua nacional e cousas assim. Foi uma incompreensão inicial destas que me levou a quase romper relações com um dos meus amigos mais queridos, Renato Almeida, o autor da *História da música brasileira*. Com outro, o douto calmante filosófico do nosso grupo, Couto de Barros, resolvemos ambos discutir na máquina

¹ Este artigo foi publicado n’*O Estado de S. Paulo*, em 7 de outubro de 1941 e na *Revista da Academia Paulista de Letras*, em 12 março de 1942; compõe ainda a coletânea de artigos *O empalhador de passarinho* (1946).

de escrever, evitando de vez o numeroso “Não falei isso!” das discussões bocórias. Couto de Barros me apareceu à noite, sentou à minha *Remington* e gravou o primeiro argumento. Lhe respondi do mesmo jeito. E assim se travou uma das discussões mais acaloradas que já tive, sem que uma só palavrinha machucasse o ar dormido do bairro.

Mas um dos que mais me atenzaram foi Manuel Bandeira. Concordando em princípio comigo, me conhecendo suficientemente pra não me atribuir mais que a modéstia de contribuição e experiências pessoais, me deixava tonto com duvidinhas e restriçõezinhas que pingavam a cada carta semanal que então recebia dele, bons tempos... Uma dessas dúvidas foi justamente a de que hoje vou produzir neste artigo as provas que ajuntei. Ele achava que eu não tinha direito de generalizar pra toda a série dos pronomes, o caso do “Me parece”, que só frequentava a primeira pessoa do singular. Mas me saí brilhantemente e o grande poeta pernambucano teve a franqueza de reconhecer que eu estava bem escudado, embora discutisse algumas das provas apresentadas por mim.

Porque, a meu ver, muito embora o caso compareça também na língua escrita de Portugal, o problema do pronome oblíquo iniciando frase, não é apenas uma questão de maiúscula. Muitas vezes no próprio decorrer da frase a tendência se revela. Pois não se trata apenas de iniciar realmente a frase, com a sua maiúscula erguendo orgulhosamente o pronome átomo: o fenômeno é muito principalmente de ritmo, não só de ritmo no tempo, como também de ritmo psicológico. Assim, num dos mais bonitos sambas nacionais, o “Vejo lágrimas”, publicado em disco Columbia n. 22-65-B, o cantor argumenta:

Se choras por alguém
Que te enganou:
“Te” conforma, pois Jesus
Também se conformou².

2 Este exemplo colhido como prova constitui uma das notas de trabalho que integra o manuscrito *d'A gramatiquinha da fala brasileira*. Sobre o texto da nota, o autor acrescenta a lápis azul o termo “usado”, sinalizando a incorporação do documento ao artigo. Mário de Andrade procede igualmente com todas as referências bibliográficas fornecidas neste artigo.

Num caso destes, se não estivesse presente ao poeta e ao cantor a constância rítmico-verbal brasileira, tudo o levaria a dizer “conforma-te”, não só o movimento musical que para em som mais longo no fim de “enganou”, como a própria pontuação intelectual da frase. Com efeito, terminada uma proposição dubitativa, o sentido do texto não conclui sobre ela, mas inicia outra proposição que é um conselho, e que o sentido inteiro do texto anterior, mesmo sem a proposição dubitativa, era suficiente para justificar. Mas na publicação impressa do texto, o poeta, a quem decerto puxaram as orelhas, substituiu o “Te conforma” por um paciente “Tem paciência”...

Já desde os tempos de Gregório de Matos, essa tendência se manifestava. Num dos sonetos ao governador Antônio Luís, ele escreve:

Com olhos sempre postos na ordinária,
“Vos” dou os parabéns...

Sintaxe que, embora gramaticalmente aceitável, juro que muito gramaticóide evitaria, tal a ênfase com que o pronome enclítico, iniciando o verso, e refugiando a posposição, nos fere portuguêsmente o ouvido e o olhar. Da mesma forma, em propostas de caráter enumerativo, cada uma delas é bem uma frase isolada e não é a vírgula que pode nos dar satisfação sintáctica. Como neste passo de Darci Azambuja em *No galpão*: “mas o gambá pediu muito, ‘se’ ajoelhou, fez muita lábia”... E eis mais um bom e insistente caso popular, com o Se e o Lhe, publicado no folheto paraíbaano “Conselhos de Padre Cícero a Lampião”:

Disse-lhe (sic) o padre: — Meu filho,
Não persista no pecado,
Deixa a carreira dos crimes,
“Se” torne regenerado,
Se me promete deixar,
“Lhe” prometo trabalhar
Pra (sic) você ser perdoado.

Primor de estilo pavorosamente padresco, como se vê... Enfim ainda a tendência pode ser entrevista no caso do pronome intercalado entre o verbo auxiliar e o no infinito. Se observe este exemplo deliciosamente

ofensivo, que colho no folheto da literatura de cordel nordestina, *Bento, o milagroso de Beberibe*:

Fiz Romano atropelar-se (sic)
E fiz Germano correr,
Abocanhei Ugolino
Porém não pude “o” morder.

Mas vamos aos casos insofismáveis. A obliquação do pronome da primeira pessoa do singular, quase nem merece exemplos, por todos reconhecida como normal em nossa língua. Não citarei dela nenhum exemplo popular. Mário Marroquim já os recenseou com riqueza em *A língua do Nordeste*. Lembro apenas três exemplos eruditos. Nas *Minas de prata*, José de Alencar, patrono santo da língua brasileira, faz Estácio dizer ao amigo velho: — ‘Me’ guiareis com a vossa experiência” (Garnier, volume I, p. 67). Aluízio de Azevedo também aceita que um dos seus personagens do *Cortiço* diga ao vendeiro: — ‘Me’ avie, seu Domingos!” (Garnier, p. 57). E vemos Fagundes Varela encampar a sintaxe no *Evangelho nas selvas*:

— Naída! — Padre, “vos” espero, vamos.
— O que fazias, filha? — “Me” lembrava...

E ainda no Canto VI, bem psicologicamente, são usados os dois ritmos numa só frase: “‘Me’ interrogaste em nome do Senhor... ‘cala-te’ e escuta”.

A segunda pessoa também dará exemplos numerosíssimos. “Te vejo, te procuro” inicia Gonçalves Dias uma das estrofes dos “Arpejos”, insofismavelmente. E ainda nas pródigas *Minas de prata* (volume III, p. 168), Raquel ameaça o pai judeu: “Te denunciarei sim!” Nos *Matizes* (1887) F. A. Nogueira da Gama inicia a fala da cidade do Rio se dirigindo a São Paulo: “Te saúdo, caipirinha”... E outro paulista da gema, Brasília Machado, nas suas *Madressilvas* de 1876, nos oferece uma poesia intitulada “Te esqueceste”, que é da maior força... Aliás, creio que foi João Ribeiro quem analisou primeiramente a diferenciação psicológica entre o mansinho “Se sente” nosso e o mais imperativo “Sente-se” desses portugueses, durante vários séculos acostutados a mandar nas suas colônias. Eu reconheço o valor da psicologia organizando as sintaxes nacionais, mas tenho um pouco de medo disso. Levaria a generalizações monótonas e sem sabor estilístico. Creio que o fenômeno das diferenciações sintáticas é muito mais um problema

fonético de ritmo verbal. Silva Ramos (*Revista de Cultura*, ano 1, volume I, p. 22) fornece argumentação justamente contrária ao valor imperativo do enclítico: “A mim, por exemplo, diz ele, ser-me-ia impossível, falando ou escrevendo, iniciar uma proposição por pronome átono, e, entretanto, tendo uma vez, posto em dúvida a um colega que um projeto de lei que nos interessava tivesse parecer favorável, ele me atirou com um ‘te garanto que ele será aprovado’, com tal intimativa ferindo com ênfase o pronome, que confesso me senti mais garantido”... E pra acabar com o Te, colho na *Revista da Academia* (fevereiro, 1933), um exemplo folclórico de Goiás:

“Te” compreendo, morena
 Já sei que queres dizer,
 Como canguçu ou tigre,
 Felizes temos de ser.

Com a terceira pessoa do singular, cito primeiro um exemplo erudito, o doutor Severino de Sá Brito nos seus *Trabalhos e costumes dos gaúchos*, que na página 30 assim abre um parágrafo: “Se cultivava muito milho, também feijões, abóboras, melancias”... Semieruditamente, um anúncio de cabaré paulistano avisa os concorrentes dum campeonato de tango: “Se recebem (sic) as inscrições na gerência”. E Mário Marroquim nos fornece um exemplo popular:

“Se” vendo o compadre pobre
 Naquela vida apertada...³

No plural, a primeira pessoa é reconhecida por Lúcio Cardoso na boca de um homem do alto São Francisco, em *Maleita*: “Nos salve agora”. Conheço outro exemplo impresso, num folheto recifense *História do menino da floresta* do célebre cantador Martins de Ataíde, em frase brasileira até debaixo d’água:

“Nos” façás esta caridade,
 Deus há de lhe (sic) agradecer.

3 Única referência que não figura entre as notas de trabalho coletadas para *A gramatiquinha da fala brasileira*. No entanto, busca o exemplo na leitura d’*A língua do Nordeste* (1934), de Mário Marroquim, obra em sua estante com notas marginais.

Da segunda pessoa, além das *Minas de prata* (volume III, p. 400) em que vem a pergunta: “Vos serve este meio?”, conheço uma quadra paulista da dança de São Gonçalo (*Revista do Arquivo*, número XXXIII, p. 108) que canta:

“Vos” peço, meu São Gonçalo,
Com muito gosto e alegria,
Aceitai esta promessa
E também nossa romaria.

Com Lhe e Lhes, não me ocorre exemplo, é mais provável ter eu perdido alguma nota. Mas assim como nos Açores, nas festas do Espírito Santo, o povo, se referindo à coroa, diz ao Imperador:

“A” coloque no altar
E junto o seu cetro lindo, etc.

(verso, aliás, de origem erudita). Mota (*Sertão alegre*, p. 89) colheu na boca dum cantador o romance em que vem:

O padre disse: — “O” protejo!

protegendo com a mesma energia a sintaxe nacional. Com tudo isso, como esquecer o epigrama de Alberto Ramos...

— Me dá! — Dá-me! — Me dá! digo eu — Erra, imbecil!
Bruto! Erro em Portugal, acerto no Brasil!

Mário e o meio do caminho eterno

Ainda sofremos, em diversos aspectos da nossa vida cultural, com a assombração do que chamo de fantasma colonial. E é no plano da língua que esse fantasma faz seus maiores estragos (Marcos Bagno¹)

“Porém eu sei o português. Ou pelo menos sube.” Na sua mistura de reverência e irreverência, seriedade e deboche, esse trechinho pleno de maravilhas pode ser lido como uma espécie de súmula da *Gramatiquinha da fala brasileira*, o livro inconcluso em que um dia Mário de Andrade sonhou sistematizar a “fala brasileira” – para depois negar que houvesse sonhado, pois afinal lhe faltava conhecimento para se meter “nas altas cavalarias de escrever um livro de linguagem” – e que ficou para sempre no meio do caminho, parecendo construção e já ruína.

O meio do caminho é um lugar adequado para o autor. Não porque ele favorecesse a ponderação morna, a mediania – muito pelo contrário. É que, antecipando tendências com seu característico espírito visionário e sem medo da ousadia, do passo maior que a perna que leva ao tropeço (“Vale mais errar porém fazer do que não errar e não fazer”), Mário de Andrade conjurou nessas anotações um futuro ainda não inteiramente atingido: o de uma nação enfim unificada por uma língua oficial que seja a língua do Brasil. “De que Brasil?”, ele se pergunta. “Do Brasil que por esse tempo de então será o Brasil e que eu não posso imaginar bem o que será.”

1 BAGNO, Marcos. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

É significativo que cem anos se interponham entre a presente edição da *Gramatiquinha* e a Semana de Arte Moderna de 1922. Se rodarmos a história para trás a partir desta, o mesmo número redondo nos depositará na Independência, marco fundador da soberania política do país. Isso situa a figura imensa e ocupadíssima de Mário, com seus muitos braços metidos nas mais diversas frentes do trabalho de modernização da cultura nacional, bem no meio, isto é, numa posição cronologicamente equidistante entre o começo da viagem e o agora. Por viagem entenda-se, no caso, um processo tumultuado, cheio de marchas e contramarchas e ainda inconcluso: o da luta do português brasileiro por seu direito pleno a ser o idioma que de fato é.

É claro que o autor da *Gramatiquinha* não se encontrava sozinho na empreitada. A nacionalização da língua era uma pauta dos escritores modernistas, como havia sido, com mais moderação, de importantes escritores românticos. Mais do que isso, estava no ar do tempo e até na cultura de massa. “Tudo aquilo que o malandro pronuncia/ Com voz macia é brasileiro/ Já passou de português”, cantava Noel Rosa num samba de 1933 (“Não tem tradução”). “O período que vai de 1920 a 1945 é, sem contestação, o mais denso e tenso de toda a história da língua portuguesa no Brasil”, afirma Edith Pimentel Pinto no livro² em que compila artigos daquele período sobre um objeto designado por nomes tão diversos como *brasileiro*, *fala brasileira*, *língua brasileira*, *língua nacional*, *idioma nacional*, *língua pátria*, *língua vernácula*, *português brasileiro*, *brasilina* (como propôs Monteiro Lobato) ou *brasiliano* (na preferência de Roquette Pinto). Com a nomenclatura, variavam também as ideias sobre o grau de autonomia que teria a variante brasileira em relação ao português europeu.

Não poderia ser diferente, dada a complexidade linguística da matéria. Se o elenco da peça era vasto e os pontos de vista, múltiplos, é provável que nenhum outro personagem do drama tenha ardido na chama da causa com a mesma febre do autor de *Macunaíma* – livro de 1928 que, buscando integrar falares das mais diversas regiões brasileiras numa síntese anárquica, serviu de vitrine para grande parte da pesquisa vocabular que Mário de Andrade empreendia em livros, imprensa, correspondências, viagens, conversas. A questão lhe parecia ao mesmo tempo existencial e cívica. Enquanto não

2 PINTO, Edith Pimentel (Org.). *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*, 2: 1920-1945: fontes para a teoria e a história. São Paulo: Edusp, 1981.

se unificasse pela língua nacional o Brasil seria, para ele, nada além de uma “pseudonação”.

É por isso que, correndo o risco de esticar um pouco além da conta a metáfora do meio do caminho, podemos afirmar que a figura alta e desajeitada daquele jovem poeta paulistano está até hoje plantada ali, à beira da estrada. Como a “mão de zinco pregada na parede da vendinha da esquina”, na curiosa imagem cunhada por ele mesmo, indica a direção para os falantes que vêm depois. Não faz isso porque seus argumentos sejam cientificamente sólidos ou o colecionismo de usos e costumes linguísticos que empreendeu, exaustivo ou metódico. É sobretudo a temperatura emocional de seu texto que, vista de hoje, parece mais atual do que nunca.

Com mais método, paciência e conhecimento de causa trabalhavam naquele momento sobre o vocabulário da língua brasileira nomes como Amadeu Amaral, Antenor Nascentes e Mário Marroquim. Mário de Andrade estava pronto a reconhecer a primazia dos especialistas: “Fui obrigado a me meter num despropósito de assuntos e por isso ficar na epiderme de todos eles”, desculpa-se. Contudo, num movimento típico, dá um jeito de virar do avesso a humildade extrema para, num passe de mágica, transformá-la em orgulho pimpão. É o que faz logo na abertura do prefácio da *Gramatiquinha*:

Outros é que deviam escrever este livro e tenho consciência de que um dia a gramática da fala brasileira será escrita. Porém certas considerações se não desculpam ao menos explicam o meu topete. Outros deveriam escrever este livro, não tem dúvida, porém o certo é que ninguém se abalçou a escrevê-lo. Inda mais: temos livros valiosos, como *Língua nacional* de João Ribeiro, *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, que são verdadeiros convites para falar brasileiromente. Porém os autores como idealistas que são e não práticos, convidam, convidam porém principiam não fazendo o que convidam. Eu tive a coragem e é o que explica o meu valor funcional na literatura moderna.

Estudiosos já apontaram que a *Gramatiquinha* tem valor desigual quando tomada nos termos de uma ciência linguística que dava seus primeiros passos no país – e que seu autor, autodidata esparramado, não dominava. É provável que a obra projetada por Mário nem mesmo pretendesse ser compreendida desse modo: na instigante leitura proposta pela professora Aline Novais

de Almeida, organizadora desta edição, trata-se antes de mais nada de um empreendimento poético. Eu acrescentaria a isso uma dimensão política, panfletária, condizente com o papel assumido por Mário como agitador cultural. No “Prefácio interessantíssimo”, manifesto que escreveu para acompanhar os poemas de *Pauliceia desvairada* (1922), ele já tratava da língua em termos semelhantes: “Pronomes? Escrevo brasileiro. Se uso ortografia portuguesa é porque, não alterando o resultado, dá-me uma ortografia”.

Sinuoso em relação ao projeto da *Gramatiquinha*, que afirmava para logo negar e vice-versa, Mário chegou mesmo a dizer que se tratava de obra de ficção: “Este é um livro de ficção e ninguém não aprende gramática nele, é lógico”. Em outros momentos, dava a entender que nunca tivesse pretendido escrevê-lo – manobra diversionista em que seu amigo Paulo Duarte não acreditava nem por um minuto: “Já se afirmou que Mário de Andrade jamais cogitou fazer este livro. Isto é desmentido desde que anunciado como livro em preparação em várias de suas obras e todos aqueles que conviveram com Mário de Andrade sabem que a *Gramatiquinha* era um dos projetos mais vivos dele”³.

Se traz lacunas, hesitações e deslizes no varejo das teses linguísticas sobre o que constituiria o português brasileiro, parece evidente que no atacado – nas intuições, na verve, na revolta e na paixão, sobretudo nesta – a obra inacabada de Mário de Andrade sobre a “fala brasileira” continua capaz de inspirar quem trabalha para descolonizar consciências e encurtar uma distância que, tanto tempo depois, insiste em se perpetuar entre direito e fato. Tanto no sistema de ensino quanto no senso comum, vai perdurando o abismo entre uma norma-padrão idealizada, lusófila e em grande parte arbitrária, e a língua de sabor brasileiro – tenha o nome que tiver, português brasileiro ou brasileiro só – que há séculos falamos e escrevemos na vida real, aí incluídos falantes com elevado grau de instrução. Mário chamava essa luta de “movimento de libertação necessária”:

Nesse monstrengo político [o Brasil] existe uma língua oficial emprestada e que não representa nem a psicologia, nem as tendências, nem a índole, nem as necessidades, nem os ideais do simulacro de povo que se chama o povo brasileiro. Essa língua oficial se chama língua portuguesa e vem feitinha de

3 DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Todavia, 2022.

cinco em cinco anos dos legisladores lusitanos. O governo encomenda gramáticas de lá e os representantes da nossa maquinária política, os chamados empregados públicos que com mais acerto se chamariam de empregados governamentais, presidentes, deputados, senadores, chefes-de-seção etc. etc. etc. são martirizados pela obrigação diária de falar essa coisa estranha que de longe vem. [...] Escrevem-a também os escritores, casta hedionda de falsários pedantes que malempregam os dotes de inteligência e de lirismo que possuem.

Por trechos como esse, compreende-se quem corra o risco do anacronismo e tente vestir Mário com o jaleco de um sociolinguista *avant la lettre*, precursor de um campo de estudos que só se constituiria a partir de meados do século passado, quando o autor da *Gramatiquinha* já estava morto. Certas antecipações são mesmo impressionantes. Quando defende o verbo “constatar”, um galicismo, das acusações dos puristas, Mário demonstra uma lucidez que em seu tempo era incomum até entre escritores de mente aberta: “Sei que o povo em 1628 não careceu dessa palavra para se exprimir. [...] E sei que em 1928 já a palavra Constatar é de meu povo. Se principio combatendo esse costume, fico anti-humano, menos expressivo e menos social”.

Indo além da condenação racional do purismo, acrescentava que ser contra o uso de palavras como aquela era fazer “papel de besta”. Não hesitava sequer em invocar um argumento moral: “Humanamente falando ele [o erudito purista] é imoral”. O tempo lhe deu razão. Há muitas décadas não ocorre a ninguém negar ao verbo “constatar” – como a tantos outros estrangeirismos perfeitamente aclimatados – documentos de cidadania na língua portuguesa. Mesmo assim, argumentos como aqueles de Mário precisariam ser novamente invocados por linguistas brasileiros tempos depois, em reação ao estapafúrdio – e felizmente malgrado – projeto de lei 1676/1999, do deputado Aldo Rebelo⁴.

Impressionado com essas e outras tiradas da *Gramatiquinha*, decidi perguntar a um dos mais destacados sociolinguistas brasileiros o que ele pensa da ideia de que Mário de Andrade intuiu antes da hora alguns dos

4 FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial. 2001.

fundamentos de sua especialidade. Descubro sem surpresa que o autor do *best-seller* *Preconceito linguístico* concorda entusiasticamente com esse juízo: “Mário de Andrade era um cara muito inteligente, muito perspicaz, e muito do que a sociolinguística ia dizer depois ele disse: que não existe língua uniforme, que a língua varia de acordo com a classe social, o lugar de origem, o estilo de fala...”, me disse Marcos Bagno em entrevista por telefone. “Valeria a pena fazer um trabalho sobre o Mário na perspectiva da sociolinguística variacionista, mas vou deixar isso para a juventude”, acrescentou, rindo.

Mais do que linguística ou mesmo política, a questão da fala brasileira ganha com frequência, para o autor da *Gramatiquinha*, contornos morais e existenciais:

Não se trata de reação contra Portugal. Trata-se duma independência natural, sem reivindicações, sem nacionalismos, sem antagonismos, simplesmente, inconscientemente. Não se trata de reagir. Trata-se de agir, que é muito mais viril e mais nobre. Se trata de “ser”. O brasileiro tem o direito de ser.

Ora, o “direito de ser” tem uma força filosófica que se impõe sobre todas as outras. Dando um breve mergulho etimológico na palavra “paixão” (ligada ao grego *páthos*, sofrimento, como na Paixão de Cristo), voltamos à tona com a tese de que o tom apaixonado de Mário nessas notas traduz uma dor profunda. Sua formação católica e devota não parece alheia ao modo como ele equaciona expressão verbal e alma, nem ao ar de mártir que assume quando se declara pronto a oferecer a própria obra em sacrifício para nos salvar da falsidade suprema – a de sermos forçados a nos expressar numa língua que não nos traduz:

Juro que sei que minha escritura toda morrerá porque me metendo num mato virgem são grandes, enormes os meus descaminhos e extravios de exageros, contradições, erros, inviabilidades. Que bem me importa isso tudo. [...] Eu fiz da minha arte um elemento de utilidade transitória e é por isso que mais que todos num momento dado ou mesmo o único nesse momento eu fui o mais tradicionalmente artista de todos os artistas brasileiros. Porque a pedra de escândalo que fui, era apenas e todos perceberam isso um instinto alegre de vitalidade, uma confissão de coragem,

uma demonstração de verdade sem acomodações com nenhum passado que não fosse o presente. [...] O meu destino é esse e é nobre. Meus livros morrem e eu lhes dou me rindo sem nenhuma saudade o *Requiescat*.

Mário de Andrade adoeceu de Brasil. Ao seu modo intenso, messiânico, paternal e abrangente, buscou se fazer nada menos que um instrumento que facilitasse o nascimento de uma nação. Sonhou parir ou ao menos auxiliar no parto de uma alta cultura de matriz popular verdadeiramente brasileira, coisa gigantesca e de bordas indefinidas da qual a língua teria de ser, naturalmente, uma dimensão crucial. Me parece inegável que, como observa Edith Pimentel Pinto, a *Gramatiquinha* “acusa as marcas dos ideais e a feição dos propósitos de Mário de Andrade”⁵, mas talvez se deva acrescentar que acusa também os sintomas de um profundo padecimento.

Mesmo quando se oferece como mártir, o gesto de Mário é antes de tudo artístico. Suas reflexões linguísticas estavam enraizadas na estética. Ele acreditava que o papel da literatura modernista seria o de – cada escritor estilizando a seu modo o jeito brasileiro de falar – ir aos poucos pavimentando o caminho para que os gramáticos do futuro pudessem por fim sistematizá-lo.

Bem que matutei e trabalhei pra dar pro meu estilo novo formas que organizassem-o. Se cada um fizer também das observações e estudos pessoais a sua gramatiquinha muito que isso facilitará pra daqui a uns cinquenta anos a salientar normais gerais, não só da fala oral transitória e vaga porém da expressão literária impressa, isto é, da estilização erudita da linguagem oral.

Afinal, concluía, essa estilização “é que determina a cultura civilizada duma raça sob o ponto de vista expressivo. Linguístico”. A aposta na arte literária como manancial de abonações representava um cálculo sensato e condizente com a história universal das gramáticas desde a Antiguidade. E deve ser registrado que a literatura brasileira caminhou decisivamente nessa direção, embora a radicalidade com que, àquela altura da vida, Mário de Andrade “deformava” seu estilo para abrasileirá-lo lhe tenha rendido reprimendas e narizes torcidos de colegas que viam naquilo um exagero.

5 PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

Manuel Bandeira foi um de seus amigos mais críticos, e o debate que travaram sobre o brasileiroíssimo uso do pronome oblíquo em início de frase, que já estava presente em José de Alencar, inspira a deliciosa crônica “Baile dos pronomes”, incluída neste volume.

Numa carta pessoal, Guimarães Rosa iria mais longe, apontando no estilo de Mário “o desejo de ‘abrasileirar’ a todo custo a língua, de acordo com postulados que sempre achei mutiladores, plebeizantes e empobrecedores da língua, além de querer enfeia-la, denotando irremediável mau gosto”⁶. Reconheça-se que o próprio autor da *Gramatiquinha* se tornaria mais conservador com o passar do tempo, tanto nas formulações teóricas quanto na prática da escrita. Seja como for, a literatura brasileira dos últimos cem anos pode ser acusada de muita coisa, menos de negligenciar a estilização de uma certa coloquialidade. E no entanto o futuro seria um pouco diferente do que Mário imaginava: também aqui o gesto se deteve, inconcluso.

No meio do caminho tinha, por exemplo, a famosa pedra de seu amigo Carlos Drummond de Andrade: “No meio do caminho tinha uma pedra/ Tinha uma pedra no meio do caminho” (“No meio do caminho”, poema do livro *Alguma poesia*, de 1930). Aquele “ter” impessoal abonava um uso familiar disseminado entre falantes brasileiros de todos os estratos socioeducacionais – e que, apesar da chancela do maior poeta da nacionalidade, permaneceria empacado no meio do caminho da aceitação pela gramática culta.

Sim, o século XXI vai envelhecendo e a pedra gramatical de Carlos ainda está lá, feito o monolito do filme *2001, uma odisseia no espaço*, a nos desafiar. Experimente qualquer jovem brasileiro escrever em sua redação de vestibular que “tinha uma pedra no meio do caminho” para ver o que lhe acontece. A subversão casuística do velho critério de validação gramatical pelos clássicos revolta o linguista Carlos Alberto Faraco, que lembra os cascudos gramaticais aplicados por Napoleão Mendes de Almeida em Drummond e pergunta: “Como promover positivamente a língua se até nossos monumentos literários são assim achincalhados?”⁷. O autor tem sido eloquente em seu alerta contra o que chama, num trocadilho feliz, de

6 Carta de 03/11/1964 a Mary Lou Daniel. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo João Guimarães Rosa: JGR-CC-01,64.

7 FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

norma *curta*, “essa coleção de preceitos categóricos que se autojustificam, que recusam a norma real, que desmerecem o trabalho dos escritores, dos bons dicionaristas e gramáticos e que excluem qualquer diversificação de suas fontes”⁸.

Aparentemente, não há força, entre nós, que quebre a norma *curta* como referência ideológica. Não foram suficientes a crítica e a prática dos escritores modernistas na década de 1920 e dos que vieram depois. Não tem sido suficiente a pesquisa sistemática, pela linguística brasileira contemporânea, de nossa norma *culta/comum/standard* falada e escrita. Não tem sido suficiente o trato mais arejado e flexível que nossos melhores gramáticos têm dado aos fatos da língua *culta*, reinterpretando preceitos da nossa tradição gramatical.

O resultado é aquilo que Faraco diagnostica como “esquizofrenia linguística”, mal de um país que fala e escreve numa língua mas reverencia outra, abstrata e irreal. E que, claro, “erra” o tempo todo segundo os critérios arbitrários de uma norma-padrão fixada no século XIX, quando o conservadorismo derrotou de forma acachapante os primeiros arroubos autonomistas dos escritores românticos, assustando as elites brancas do jovem país com a ameaça de que o português virasse *pretoguês*. É essa a ideologia linguística ainda em voga, que permeia salas de aula, consultórios gramaticais, equipes editoriais de revisão e provas recheadas de pegadinhas, levando nove em dez brasileiros a acreditar na falácia cômica de que “o português é a língua mais difícil do mundo”.

Transtorno dismórfico corporal é um distúrbio que faz pessoas sem nenhum problema estético, frequentemente até mesmo muito bonitas, se verem como um catálogo de imperfeições físicas, com riscos sérios à saúde. O Brasil sofre de um mal análogo, o transtorno dismórfico linguístico. A gente se olha no espelho da língua e não gosta da imagem refletida ali. Fazer harmonização facial com injeções diárias de anglicismo é uma das respostas ao problema. Suspirar por um passado alternativo – “Ah, por que não fomos colonizados pelos holandeses...” – é outra.

8 Idem. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Talvez seja o caso de lembrar que estamos em 2022. É justamente essa lerdeza, essa demora, esse meio do caminho eterno que dá atualidade à fúria santa do Mário da *Gramatiquinha*, levando-a a soar mais pertinente a ouvidos de hoje do que a moderação adquirida pelo autor em seus artigos linguísticos da maturidade. Corta para Marcos Bagno:

Até hoje, quando as pessoas dominadas por esse fantasma [o fantasma colonial] fazem alguma comparação entre o português brasileiro e o português europeu, as diferenças – inevitáveis – que aparecem são sempre vistas como distorções, deturpações, maus-tratos que nós, brasileiros rudes e mestiços (o racismo também é um dos alimentos preferidos do fantasma colonial), cometemos contra a língua portuguesa.⁹

Me ocorre que a frase poderia estar na *Gramatiquinha*. Fantasiando um pouco, chego a ter certeza de que uma versão bem próxima dela estava mesmo, escrita a lápis de ponta rombuda naqueles garranchos de Mário, em algum papelzinho que se perdeu.

Sérgio Rodrigues

9 BAGNO, op. cit.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. Tenório de. *A linguagem de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1939.

ALENCAR, José de. *As minas de prata*. Nova edição revista por Mário de Alencar. Rio de Janeiro; Paris: Livraria Garnier, 1926, volume II.

ALMEIDA, Aline Novais de. *Edição genética d'A gramatiquinha fala brasileira de Mário de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – FFLCH-USP/ Fapesp. Orientadora: Telê Ancona Lopez, 2013.

ALMEIDA, Renato. *História da música brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1926.

ALVES, Castro. *Obras completas*. Edição crítica com introdução bibliográfica e anotações de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1921, 2º volume.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa editora 'O livro', 1920.

ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO DA LÍNGUA NACIONAL CANTADA. Prefeitura do Município de São Paulo, Departamento de Cultura, 1938.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, volume 1-2.

_____. *O empalhador de passarinho*[E-book]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. *O empalhador de passarinho*. 4 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.

_____. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946, XX Volume das Obras Completas.

_____. *Vida literária*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas por Sônia Sachs. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993.

_____. Gramatiquinha brasileira. *Polêmica*: revista semestral de crítica e criação. São Paulo, Editora Moraes, n. 3, 1981, p. 45-49.

_____. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.

_____. O movimento modernista. In:_____. *Aspectos da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: Martins, 1974, p. 231-255.

_____. *Losango cáqui ou afetos militares de mistura com os porquês de eu saber alemão*. São Paulo: Casa Editora A. Tisi, 1926.

_____. *Escrava que não é Isaura* (Discurso sobre algumas tendências da poesia modernista). São Paulo: Livraria Lealdade, 1925.

_____. *Pauliceia desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922.

ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. Paris: Sans Pareil, 1925.

_____. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Livraria Editora Independência, 1924.

ARANHA, Graça. *Espírito moderno*. São Paulo: Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

_____. O espírito moderno. *América Brasileira*. Rio de Janeiro, a. 3, n. 30, jun. 1924, p. 173-176.

_____. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: comentários e notas à correspondência entre estes dois escritores*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.

ARQUIVO ETNOGRÁFICO. *Revista do Arquivo Municipal*. Prefeitura de São Paulo, Departamento de Cultura, a. 3, v. 30, dez. 1936, p. 25-30.

ATHAYDE, Heitor Martins de. *História do menino da Floresta* [s.d.] [s.l.].

AZAMBUJA, Darcy. *No galpão* (contos gauchescos). 2 ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925.

AZEVEDO, Aluizio de. *O cortiço*. Rio de Janeiro; Paris: Livraria Garnier, 1925.

BAGNO, Marcos. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 50 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

BARROS, Leandro Gomes de. *Bento, o milagroso de Beberibe; Peleja de Antonio Baptista e Manoel Cabeceira*. Recife: Typ. do Jornal do Recife [s.d.].

- BRITO, Severino de Sá. *Trabalhos e costumes dos gaúchos*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1928.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Comentado por Augusto Epiphano da Silva Dias. Porto: Magalhães e Moniz, 1910.
- CARDOSO, Lúcio. *Maleita*: romance. Rio de Janeiro: Schmidt, 1934.
- CARVALHO, Ronald de. *Estudos brasileiros*: 1ª série. Rio de Janeiro: Edição do Anuario do Brasil, 1924.
- _____. *Estudos brasileiros*: 2ª série. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. – Editores, 1931.
- CORRÊA, Pio Lourenço. *Monografia da palavra Araraquara*. São Paulo: Tipografia Camargo, 1940.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1914.
- DARMESTETER, Arsène. *La vie des mots: étudiée dans leurs significations*. Paris: Librairie Delagrave, 1932.
- DIAS, Gonçalves. *Poesias*. Organizado por J. Norberto de Souza Silva, Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro: Garnier, 1919.
- DAUZAT, Albert. *La philosophie du langage*. Paris: Ernest Flammarion Éditeur, 1924.
- DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Todavia, 2022.
- FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- _____. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- _____. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- GAMA, F. A. Nogueira da. *Matizes*. São Paulo: Typ. Lousada e Comp., 1887.
- GOIAZ, João. Trovas luzianas. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, a. 24, v. 41, n. 134, Rio de Janeiro: Est. Gr. Canton & Reile, fev. 1933.

GOMES, Antonio Carlos. *Fosca*: melodrama in quatro atti di Antonio Ghislanzoni. Opera completa per canto e pianoforte. Riduzione di N. Celega. Nuova edizione riveduta dall' autore. Milano: G. Ricordi [s.d.].

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

IMPRESA CANTADA. [Compositor e intérprete]: Tom Zé. São Paulo: Trama, 2003. 1 CD (55 min).

IRMÃO, F. C. Baptista (editor proprietário). *Poesias populares* “Conselhos de Padre Cícero a Lampião”. Parayba do Norte: [s.n.] [s.d.].

JUCÁ FILHO, Cândido. *A pronúncia brasileira*. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1939.

LIMA, Gervásio. *Festas do Espírito Santo*: cantores e cantares. Angra do Heroísmo (Açores): Livraria Editora Andrade, 1932.

MACHADO, Antonio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda*: notícias de São Paulo. São Paulo: Editorial Helios, 1927.

MACHADO DE ASSIS. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro; Paris: Livraria Garnier, 1908.

MACHADO, Brasília. *Madressilvas*. Porto: Typografia Central, 1876.

MARDRUS, J.C Docteur. *Historie douce-amie*: contes de mille et une nuits, illustrations en couleurs de Cb. Picart le Doux. Paris: Éditions René Kieffer, 1922.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste* (Alagoas e Pernambuco). São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1934.

MARTINEZ, César. *Sertões do Iguazu*. São Paulo: Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

MATTOS, Gregório. *Obras*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930, vol. I-II.

MAURICEA, Christovam de. *Nomes geográficos aborígenes*. Rio de Janeiro: Fran de Souza-Pinto, 1939.

MILLIET, Sergio. Coluna últimos livros. *O Estado de S. Paulo*, 18 nov. 1944, p. 4.

- MISCELÂNEA DE ESTUDOS em honra de Manuel Said Ali. Rio de Janeiro: [s.n.] 1939.
- MONSARAZ, Conde Antonio de Macedo Papança. Benvinda. In: _____. *Musa alentejana*. Lisboa: Livraria Clássica, 1908.
- MOTTA, Leonardo. *Sertão alegre* (Poesia e linguagem do sertão nordestino). Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1928.
- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, 1900.
- NASCENTES, Antenor. *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.
- NEIVA, Artur. *Estudos da língua nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa* (fonética – morfologia). Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1919.
- PINHEIRO, Noslen Nascimento. *A expressividade dos neologismos sintagmáticos de Mário de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. Orientadora: Elis de Almeida Cardoso Caretta, 2008.
- PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- _____. *Gramatiquinha – texto e contexto*. Tese (Livre-docência) – FFLCH-USP, 1982.
- _____. (Org.). *O português do Brasil: textos críticos e teóricos, 1: 1920-1930: fontes para a teoria e a história*. São Paulo: Edusp, 1978.
- _____. (Org.). *O português do Brasil: textos críticos e teóricos, 2: 1920-1945: fontes para a teoria e a história*. São Paulo: Edusp, 1981.
- RAMOS, Alberto. *Poemas*. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.
- RAMOS, Silva. Em ar de conversa. *Revista de Cultura*. Rio de Janeiro, a. I, v. 1, jan.-jul. 1927, p. 12-17.
- RIBEIRO, João. *A língua nacional* (notas aproveitáveis). São Paulo: Edição da *Revista do Brasil* Monteiro Lobato & Cia., 1921.

SÃ, Marina Dasmasceno de. *O empalhador de passarinho, de Mário de Andrade*: edição de texto fiel e anotado. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – FFLCH-USP, Orientadora: Telê Ancona Lopez, 2013.

SANTOS, Marciano dos. A dansa de São Gonçalo. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, ano III, nº XXXIII, março, São Paulo, 1937, p. 85-116.

SENNA, Homero (Org.). Cartas de Mário de Andrade a Sousa da Silveira. *Revista do Livro*. Ministério da Educação e Cultura, a. VII, n. 26, set. 1964, p. 113-133 (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional).

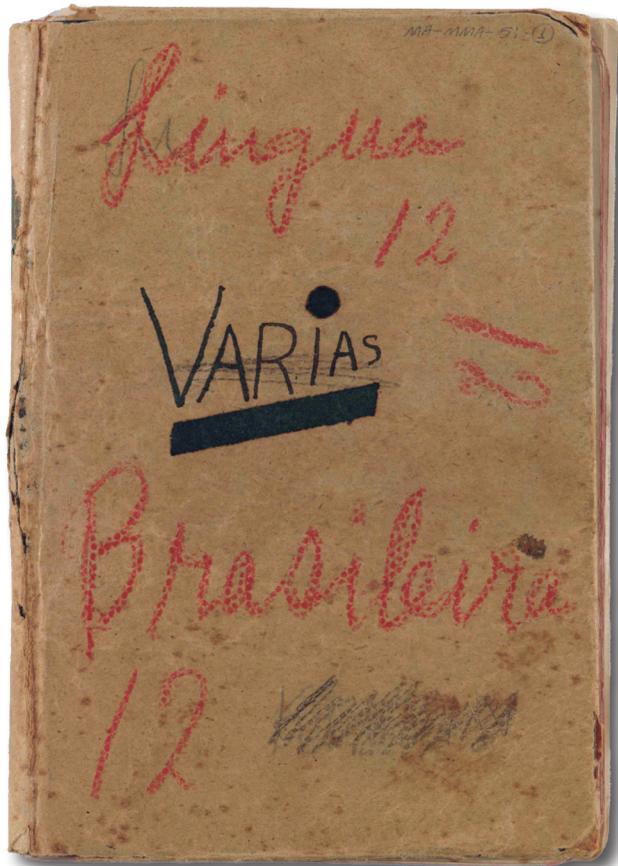
RODRIGUES, Angela Cecília de Souza. Mário de Andrade: um precursor dos estudos sociolinguísticos no Brasil. *Revista Itinerários*. Araraquara, n. 7, 1994, 137-153.

VALENTINI, Luísa. *Um laboratório de antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – FFLCH-USP. Orientadora: Fernanda Arêas Peixoto, 2011.

VARELA, Fagundes. Evangelho nas selvas. In: *Obras completas*. Edição organizada e revista, precedida de uma noticia biographica por Visconti Coaracy e de um estudo critico pelo Dr. Franklin Tavora. Rio de Janeiro; Paris: Livraria Garnier, 1919, volume III.

VEJO LÁGRIMAS. [Compositor Osvaldo Vasques e Ventura; intérprete Moreira da Silva]. [s.l.] Columbia n. 22165 – B, 1933, 1 Disco.

DOSSIÊ DE IMAGENS



Capa da caderneta “Língua Brasileira 12” com planos, prefácios e notas (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-1).

mg-mma-51-2

Gramatiquinha
Índice

| | |
|---------------------------------------------------|-----------|
| Introdução | Cap. I |
| <u>Fonologia</u> | |
| Fonética num. no capítulo | Cap. II |
| Prosódia | Cap. III |
| Ortografia & melhora tudo num. no capítulo | Cap. IV |
| <u>Lexicologia</u> | |
| * Palavras: Palavras | Cap. V |
| Substantivos (Substantivos propriamente ditos) | Cap. VI |
| Verbo (Substantivos verbais) | Cap. VII |
| Adjetivos (Substantivos qualificativos) | Cap. VIII |
| Adverbia | Cap. IX |
| Interjeições | Cap. X |
| Partículas sentenças | Cap. XI |

Página inicial da caderneta com o primeiro plano ("Índice") d'A gramatiquinha (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-2).

Início | Gramatiquinha
MA-MMA-51-22

Brasil corpo espadado, mal conturado que não tem o direito de se apresentar como pátria porque não representa nenhuma entidade real, de qualquer carácter que seja, nem racial, nem nacional, nem sequer sociológica e é um aborto desumano e antihumano. Nesse monstruoso político existe uma língua oficial emprestada e que não representa nem a psicologia, nem as tendências, nem a índole nem as necessidades nem os ideais do acumulado de povo que se chama o povo brasileiro. Essa língua oficial

Esboço de texto sob o título "Início" (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-22).

MA-MMA-051-36
36
37

São Paulo 8 de Fevereiro de 1937

Exmo. Sres. - da comissão julgadora do Carnaval Paulista de 1937

Saudações

A Diretoria do Bloco dos Caprichosos vem por esta carta ao reconhecimento de V.S., a Organização do seu conjunto:

Alto Moço, Guarany e Poty:

Balisa: representando - O Mundo:

Comissão:

Capitão:

Guarda de honra:

Rainha do Bloco:

Guarnição:

Balisa representando - o Estado:

Guarnição:

Balisa: representando - O Clap de Brasil

Guarnição:

Balisa: representando - A Estrela Ocidental

Meute Sala - e Batu Estandarte:

(Enredo de Ruyguardes)

(Distico) Tema do Noxo 15 de S. Paulo

(Futibol Brasileiro)

| | | | |
|----|------|------------|-------------|
| 1º | Alq. | Nome saque | A Imprensa |
| 2º | " | " | A Lavoura |
| 3º | " | " | A Industria |
| 4º | " | " | Do Comercio |

{ o Brasil Tema de tudo }

{ Salve Avocação Brasileira }

{ Aestintias da Foração }

{ Salve E di Chave }

Ofício da Diretoria do Bloco dos Caprichosos à Comissão Julgadora do Carnaval Paulista (1937), item no envelope 12-A – Documentos Populares (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-36).

VIDA LITERARIA

A LINGUA BRASILEIRA

8-IV-28

Tristão de ATHAYDE

(Para O JORNAL)

O problema capital de nossa literatura é o problema da língua. Escrevemos, por isso mesmo, em um momento crucial de nossa história literária. Só agora é que elle se apresentou em toda a sua plenitude. E isso mesmo apenas em alguns espiritos da nova geração, os mais originaes e os mais corajosos de se affirmarem contra os preconceitos correntes. E desde logo manda a justiça mencionar o nome do sr. Mário de Andrade, como sendo aquelle que mais de presso viu o problema em toda a sua nitidez. E procurou dar-lhe uma solução que tem despertado contra elle a opposição de velhos e de novos, mas que é a unica solução justa, necessaria, natural e, — accentuo nitidamente o termo, — scientifica.

Ainda agora tendo as palavras, repossadas de sympathia, de uma das intelligencias mais nobres da nova gente portugueza sobre nossas letras, verifiquei como a comprehensão do nosso ponto de vista ainda está muito longe de se ter disseminado.

José Osorio de Oliveira
— Literatura Brasileira, 73
pags. Ed. Lumen. Lis-
boa, 1926.

E' preciso, aliás, dizer, desde logo, que essa incomprehensão não é apenas de portuguezes, o que ainda seria explicavel. E' de nossos patriotas tambem, e não apenas dos das gerações passadas. De alguns novos igualmente. Deses mesmos que mais deveriam comprehender o alcance da verdadeira revolução que se está operando, subterraneamente, em nossa linguagem. E que corresponde, aliás, a uma revolução semelhante que se processa em toda a linguistica moderna.

Menciono a opinião do sr. José Osorio de Oliveira, por ser a opinião de um portuguez amigo nosso, rapaz cheio de vida e de independencia e cujo estudo sobre nossa

letras revela por vezes muita penetracão e sempre muita sympathia espontanea. E' um estudo, oñisto de idéas novas e exprimido-as com uma sinceridade e uma precisão que revelam uma intelligencia sadia e solida.

Pois bem, falando da diferenciação da lingua brasileira, eis como elle se exprime:

— "Essa tendencia, ou melhor, essa opinião (sic) consiste em affirmar que a linguagem brasileira, pela conservacão de termos cahidos em desuso em Portugal; pela creação de termos novos necessarios á expressão de uma natureza diversa; pela assimilacão de termos para o Brasil levados pelos varios elementos colonizadores; pela maneira de pronunciar diferente da nossa e por uma ainda mais diferente construcção syntactica deve e ha de libertar-se dos dicionarios, das grammaticas e dos classicos portuguezes e constituir uma verdadeira lingua, uma lingua à parte, a lingua brasileira. Qual a origem desse facto? Corresponderá elle a uma necessidade ou a um desejo natural nos paises novos e commum a todos os paises da America? Depois vos falarei das primeiras interrogacões; ás segundas respondo desde já: Não. E não, porque, se assim fosse, para admirar seria que a America hespanhola não seguisse as pisadas dos que no Brasil pensam assim e tão fiel permanecesse á lingua castelhana... Não falo-mos da sua origem. Esse phenomeno é tão absurdo (sic) no Brasil que difficil se torna determiná-la."

E termina a sua demonstracão resumindo o seu ponto de vista nas seguintes palavras: — "A differença entre duas literaturas taes como são a portugueza e a brasileira não está, não pode nem deve estar na lingua que é commum (sic), mas no espirito e na ençiação que são diversos (sic)."

Essa ultima phrase é a synthese das suas idéas... e do seu grande

erro tambem. Começou aliás errando do "facto" quando disse que na America hespanhola não existia a tendencia á emancipacão da lingua. Existe tanto como aqui. E se quer uma prova recente pode encontrar-a no debate entre o grupo argentino do "Martin Fierro", que é a gente moderna mais viva de lá, e o grupo madrilheño da "Gaceta Literaria", tambem empenhado em renovar a literatura hespanhola, mas ainda embrenhado no mesmo erro de "immobilismo" linguistico do sr. Osorio de Oliveira. Nos Estados Unidos o movimento é tão patente que já permittiu a H. L. Menckin escrever a sua obra consideravel, em mais de 700 paginas, sobre "The American Language".

Mas o erro doutrinario do sr. Osorio de Oliveira está em escrever que a differença, entre as literaturas brasileira e portugueza "não deve estar na lingua que é commum mas no espirito e na ençiação que são diversos".

Nesse como o sr. Osorio de Oliveira não acompanhou todo o movimento da renovação da linguistica moderna e ficou ainda na theza, cada dia mais abandonada, da linguagem dissociada do homem.

Se o "espirito" e a "ençiação" do homem brasileiro são diversos, como reconhece, a "lingua" em que elle se exprime tendo tambem necessariamente a diversificar-se. Hoje, nos seculos passados, uma tendencia accentuada a considerar as linguas "em si", sem ligacão com a sua forte e as condiçoes da sua existencia. E dessa tendencia resultou uma crystallisacão progressiva das linguas em fórmulas e regrammas grammaticas cada vez mais rigidas e immutaveis. As linguas passaram a ser "instrumentos" de utilizacão, como a penna com que escrevo ou o garfo com que como. Simples utensilios de fórma invariavel, como a roda para um automovel, ou como a helice para um navio. Qualquer coisa de estranho, de independente do homem e, sobretudo, de "livresco".

Ora, a linguistica moderna, ha 20 ou 30 annos que vem solapando todo esse edificio de preconceitos. E quem não quizer comprehender a açáo incessante desse movimento philologico reformador, não pode de fórma alguma chegar a comprehender o que são as fórmulas modernas de arte.

Estou convencido de que a opposição systemática que o chamado modernismo tem encontrado junto ao publico protem, em grande parte, dessa incomprehensão das novas

idéas sobre linguistica moderna. E quando digo "moderna", não quero restringir essas idéas ao momento actual, subordinando-as a qualquer conceito de tempo. São idéas que nada tem a ver com isso. E que nasceram antes de estudos experimentaes, de uma observacão rigorosamente objectiva e scientifica (no mais amplo sentido do termo, que é o opposto de scientificista) dos phenomenos da linguagem.

Ainda ha, no resto, o grande philologo scandinavo Otto Jespersen, autor de uma profunda "Philosophia da Grammatica", mostrava como hoje em dia alastrava-se de mais em mais a tendencia para abandonar os methodos etylogicos e procurar a essencia das linguas nos individuos. Já não devemos empregar terminos proprios como "a vida das palavras", disdicie, e reconhecer que... "o que é vivo é o homem que fala. A linguagem e os seus elementos, palavras, fórmulas grammaticas, etc. são simplesmente accões do individuo vivo, que fazem parte de sua vida, mas que não são por si mesmo vivos" (in "Journal de Psychologie", julho de 1922).

E esse é o ensinamento de toda a linguistica moderna, de Vendryes, de Daurat, de Bally, de Brunot, de tantos mais e, acima de todos, desse profundo e originalissimo jornalista Marcel Joussé, discipulo de Pierre Janet e do famoso abbé Rousselot, e que ao cabo de vinte annos de pesquisas experimentaes, servindo-se dos methodos scientificos mais modernos e da immense contribuiçáo que a ethologia dos ultimios deconitos tem trazido ao estudo das populações primitivas do globo, — começa agora a publicar a sua obra.

Dessa obra já appareceu o primeiro volume "Etudes de Psychologie Linguistique", no numero 4 da revista "Archives de Philosophie" e creio que acaba de ser editado em separado (Beauchêne ed.). E já tem outro volume inedito "La Psychologie du Geste", imprimindo-se (ed. Spes). Sobre ella fez Frédéric Lefebvre tres conferencias de divulgacão, aliás muito superficiaes e rêspectas, que reuniu no vol. 10 dos "Cahiers de l'Oréident", uma das quaes já apparecida no ultimo volume das "Chroniques du Rouveau d'Or".

Apraz-me a dar todas essas indicações porque para não defraudar da formacão da lingua brasileira independente da lingua portugueza, a obra de Marcel Joussé é providencial. Ella vem trazer

Recorte de jornal: Athayde, Tristão de. A língua brasileira I. O *Journal*. Rio de Janeiro, 8 abr. 1928. Documento no envelope 12-B – Artigos Alheios (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-39).

nos a confirmação científica da existência que empiricamente vinhamos observando e racionalmente defendendo.

Não se trata mais de uma questão de patriotismo: o Brasil é uma nação livre, logo deve ter uma língua própria.

Não se trata mais de uma questão de dedução lógica: da mesma forma que o balco jazim, transportado para Portugal e em combinação com elementos de outras origens, formou a língua portuguesa; esta, por sua vez, transportada para a América, e recebendo numerosos influxos da terra, da gente e das outras línguas, deve necessariamente criar uma nova língua.

Não se trata mais da observação quotidiana e letra, que nos mostra a nova língua se formando a cada momento e já revelando uma fisionomia própria.

Trata-se agora de resultados rigorosamente científicos. Trata-se não mais de opiniões individuais, momento ou menos arbitrárias, mas de todo um movimento que revelou a ciência da linguagem e que vale confirmar o que o nosso sentimento nos sugeria.

Não me cabe a mim, naturalmente, que nenhuma competência técnica possuo no assunto, estudar em detalhe os novos rumos de uma ciência que exige hoje em dia uma especialização difícilíssima de se alcançar.

Desejo apenas indicar as linhas gerais das idéias de Jousse, que apesar de sua grande originalidade, está, repito, na mesma corrente de toda a linguística contemporânea, e que já receberam a adesão de homens como Mallette e Bergson.

O sentido principal do pensamento de Marcel Jousse é aproximar a linguagem da vida, repondo-a no posto de que um isolamento artificial e puramente erudito a tinha arrancado. Elle desgrammatizou a linguagem.

Arrancou-lhe o que tinha de superfluo, de adorno artificial, de crystallizações puramente formosas para estudá-la em seus elementos realmente puros, originaes, essenciais.

Em essa busca de elementos primários, elle foi encontrar a origem da linguagem no "gesto". A linguagem é uma forma especial de gestualidade. Ella não é uma expressão apenas lógica, apenas da inteligência, e sim de todo o corpo. E não apenas do corpo, — da alma

tambem. E não apenas do corpo e da alma, — do objecto também.

A linguagem se repõe assim como expressão imediata do homem todo. E não pode ser compreendida sem esse fúcio com a sua fonte, sem essa disseminação em todo o "composto humano", como diz Jousse. A linguagem participa, portanto, da vida íntima do indivíduo, é uma expressão imediata dessa vida e segue as vicissitudes della.

A medida, portanto, que se aproxima da sua fonte vai a linguagem se depurando de elementos puramente secundários e reduzindo-se apenas aos elementos mais simples e irreductíveis.

Ha, portanto, tres formas de estylo — o "estilo escripto" ou "estilo oral" e o "estilo manual". (Não se se é bem expressivo esse termo com que Jousse exprime a ultima individualidade da linguagem no ser humano, quando ella se confunde com "o gesto". O gesto das mãos é apenas "um" dos gestos possíveis, e por que excluir o movimento dos olhos, por exemplo, tão expressivo, tão ligado a todos os movimentos mais íntimos?) A linguagem parte do "gesto" (estilo manual), para concentrar-se no "som" (estilo oral) e afinal reduzir-se a "formas" fixas (estilo escripto).

Esse é o caminho da lingua, na especie, como no individuo. E elle explica a importancia essencial que tem para renovar as forças vivas de uma lingua, o estudo de suas origens, não de estylo-escripto ao estylo-escripto, subindo por assim dizer uma escala chronologica, immessaal ou puramente historica, — e sim de estylo-escripto a estylo-oral, e de estylo-oral a estylo-gestual, isto é, seguindo uma escala psychologica e pessoal, da linguagem para o homem.

Estou, muito de proposito, evitando toda a linguagem tecnica empregada por Marcel Jousse e todos os vocabulos ou mesmo as precisões mais geraes e que chego, como, por exemplo, a lei do parallelismo espontaneo. Tudo isso de-verá ser estudado na obra do grande philologo directamente, e aqui menciono apenas as seus resultados mais geraes e que nos interessam mais de perto.

Um desses resultados é a supremacia que decididamente Jousse attribue á lingua falada sobre a lingua escripta, e que nos vai ser de grande auxilio para comprehendermos o processo de desmembramento da lingua brasileira do tronco portuguez.

Elle como se exprime o mesmo linguista:

— "Au fur et à mesure du développement et de la diffusion de l'écriture, et surtout de son emploi dans la composition même, il s'est formé une espèce de langue particulière. Cette langue écrite est parvenue à se constituer en variante bâtarde de la langue première. Le coupé originelle après chaque geste oral propositionnel se déforme et se fausse. Les incidents intercalés et subintercalés se multiplient en raison de la tension croissante de l'esprit et de son pouvoir de dominer un plus grand réseau d'idées en dépendance réciproque... Par une singulière erreur il est admis, comme étant de vérité banale que la langue écrite est la vraie et bonne langue. Elle n'est en réalité que l'image, la copie, la figuration de la langue parlée. Mais ici l'original est discrédité et le copie fait foi: c'est le modèle que l'on bâime lorsqu'il n'est pas exactement ressemblant au portrait que traceit de lui de fort mauvais peintres. Le maître d'école dit et répète cette absurdité à l'enfant et le détourne, souvent pour la vie, des sources jaillissantes de la langue réelle."

Para Marcel Jousse, portanto, o com elle "toda" a linguística científica moderna, a linguagem "real" é a linguagem "falada". E sobre ella é que a linguagem escripta se deve modelar.

Perdõe o leitor, um livro parthenoso para uma exploração pessoal, como dizem os paes da patria. Quando ha tempos publicou um livrozinho, diferentes criticos censuraram fortemente a minha pontuação arbitraria, o meu "estilo picadinho", etc. E entre elles se distinguu por sua acidez um sr. Homero Pires (a meu ver muito mais pires que Homero), bahnhando palavras e grammaticaleiro, que disse, em outras palavras, que eu não tinha a menor idea do que fosse estylo, e as minhas phrases pululavam de solecismos ou mais infantis, etc., etc.

Oh, no que diz respeito á pontuação, sobretudo, eu não fazia mais do que adoptar a pontuação psychologica contra a pontuação grammatical, que a meu ver fazeia de certo modo o pensamento. Que importa que se collogue uma palavra isolada, seguida de um ponto, se é necessario á idea que ella assim se distinga, se isole do resto, logo? O essencial é não procurar alterações arbitrárias, apenas para chamar a attenção. Isso nunca. Fala-

seria cair exactamente no mesmo posto. Mas a pontuação psychologica tem, tuez vantagens para adoptar a lingua escripta á lingua falada e sobretudo "pensada", que não trépido em adaptá-la, contra as encyclicas de todos os pires deste mundo.

Voltando agora ao ponto de partida, isto é, á affirmacão do sr. Osorio de Oliveira, tratando de "absurda" a separação das duas línguas (portuguesa e brasileira), pois que as almas podem ser divergas mais a lingua deve ser comum, temos agora elementos para contarmos categoricamente essa these da inferioridade da crystallização.

"Absurdo", é considerar a lingua como sendo uma especie de "vaso", em que depositamos idéas e sentimentos, como quem guarda perfumes em um frasco, ou quem engraxa um bom vinho. A lingua não é depósito da idea, do sentimento, do gesto. A lingua é a propria idea, o proprio sentimento, o proprio gesto. A lingua é o homem todo. Não uma estrutura grammatical e sim um organismo vivo, o proprio composto humano. E sendo assim a synthese de nossa lingua, bem como de outras já formadas, ha de modificar-se e ampliar-se consideravelmente para poder acompanhar o enriquecimento consideravel do seu dominio. Da mesma forma que se geographia de hoje não é mais a nomenclatura inerte de out'ora, a grammatica já não pode ser mais aquelle formalismo rigido de out'ora.

Vitalizou-se. Humanizou-se. Aproximou-se de suas fontes vivas, de suas raizes, de sua seiva original.

Pois bem, esse trabalho da linguística mais sãbia de nossos dias está sendo feito tambem em nossa lingua, na lingua brasileira. Está começando a ser feito.

Mas como o espaço não me permite proseguir, deixo para a proxima semana o estudo da obra de um moço bahiano, que nos traz as maiores esperanças nesse sentido: o sr. Herbert Parentes Fortes.

RECEBIDOS:

Alípio Rama — Verbo Humilde. Pedro Juan Vignale — Sentimento de Germana.

Mattos Pimenta — Pelo Brasil. Pedro J. Vignale e Cesar Tiempo — Excepção de la actual poesia argentina.

M. Carlos — O comunismo científico: a luz do Novo Testamento. De N. S. Jesus Christo.

MA-MMA-51-87
(4)

DANCING NEPTUNO

O mais confortável e mais airoso salão de danças de São Paulo
RUA DA CONCEIÇÃO, 5
Proximo ao Cinema Paratodos - Largo Sta. Efigenia

Todas as noites das 21 às 2 horas da manhã
LINDAS BAILARINAS - OPTIMO JAZZ - RESERVADOS
ESMERADO SERVIÇO DE BAR EXECUTADO POR AMAVEIS GARÇONETES

DIA 22 — Sexta feira — às 24 hs. — DIA 22

Grande Campeonato de Tango de Salão Interno, neste
conhecido Dancing

1.º PREMIO - UMA TAÇA DE PRATA
2.º PREMIO - UMA TAÇA DE METAL

Podem intervir os pares que desejarem. Se recebem as inscrições na Gerencia
Unico juiz exclusivo o campeão sul-americano de Danças Modernas JOSÉ SCUDIN

Concorra com seus amigos ao NEPTUNO

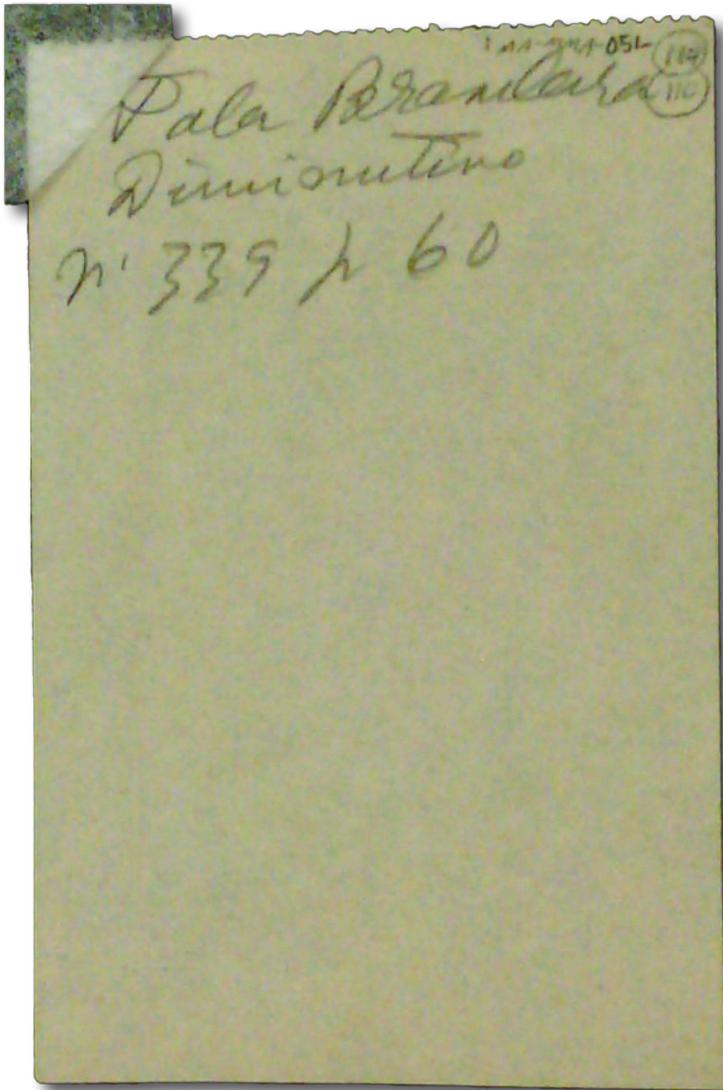
Nota de trabalho: anúncio impresso do salão de dança paulistano Dancing Neptuno; sobre o anúncio, marcas autógrafas de Mário. Documento no envelope 12-C – Me parece e outras sintaxes (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-86).

MA-MMA-51- (111)
 (110)
 Língua
 Particípio Passado
 como substantivo
 "As moça me oiava,
 Me dava um piscado"
 escutei em Sta
 Izabel, estado de
 S. Paulo, da boca
 dum caipira can-
 tando modas.

Nota de trabalho: registro de oitiva sob a rubrica "Língua - Particípio passado como substantivo". Documento no envelope 12-F - Brasileirismos vocabulares (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP - Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-111).

MA-MMA-51-113
110
Lingua Brasileira
Loverter
em Gonc. Dias
m 199-I-261

Nota de trabalho: recolha de brasileirismo na poesia de Gonçalves Dias. Documento no envelope 12-F – Brasileirismos vocabulares (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-113).



Nota de trabalho: referência bibliográfica sob o código “n. 339”, disposta na *Bibliografia de leituras iniciada para a Pancada do Ganzá*. Documento no envelope 12-F – Brasileirismos vocabulares (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-114).

MA-MMA-51-216
181

Psicologia da Fala Brasileira Cap. XXX

Nota 2
Nota 3
Nota 4 — Nota 17 — Nota 25 — Nota 29 — Nota 23

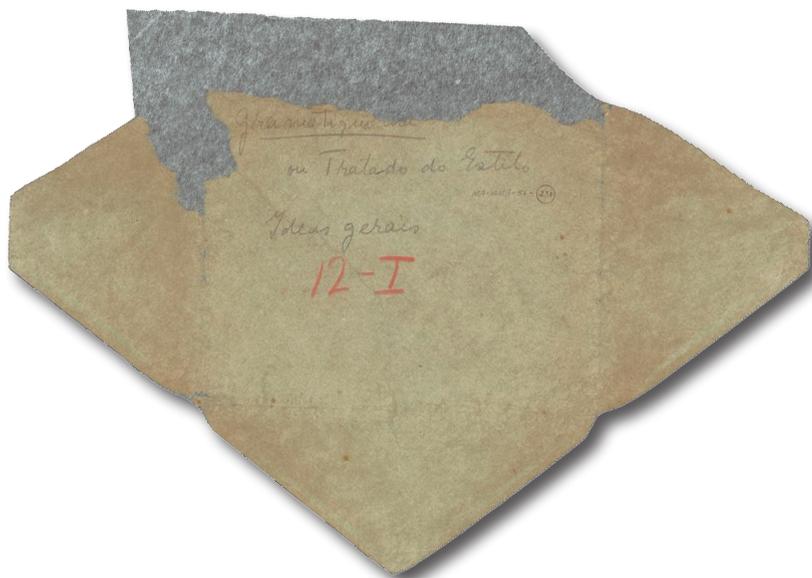
Esboço de texto: reunião de notas prévias para o preparo do “Capítulo XXX – Psicologia da fala brasileira”. Documento no envelope 12-G – Ideias para capítulos particulares (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-216).

MA-MMA-51-209
217

1907

Leia, quando vier do Amazonas, para seu
escarmento e escarmento das próximas gerações de
futuristas, o parecer insuspeito do desabusado es-
critor e criterioso crítico José Veríssimo, sobre a
"língua brasileira" in
Scenas da vida amazônica, p. 32 (Lisboa, 1886)
parágrafo Li é acertado etc.

Nota de trabalho: bilhete de Pio Lourenço Corrêa a Mário de Andrade [Araraquara, ant. 7 de maio de 1927?]. Documento no envelope 12-H – Ideias gerais sobre língua (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-229).



Envelope 12-I – Ideias gerais: recurso para armazenar conjunto documental (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-231).

MA-MMA-51-255
231

Gramatinha

Não falar nem uma
 vez em regras, nem tão
 pouco em normas si
 possível. Falar só em
 "constâncias"

Ver Euclides da Cunha
 sobre língua Brasi-
 leira no Prefácio
 ao "Inferno Verde"
 do Godofredo Paugel

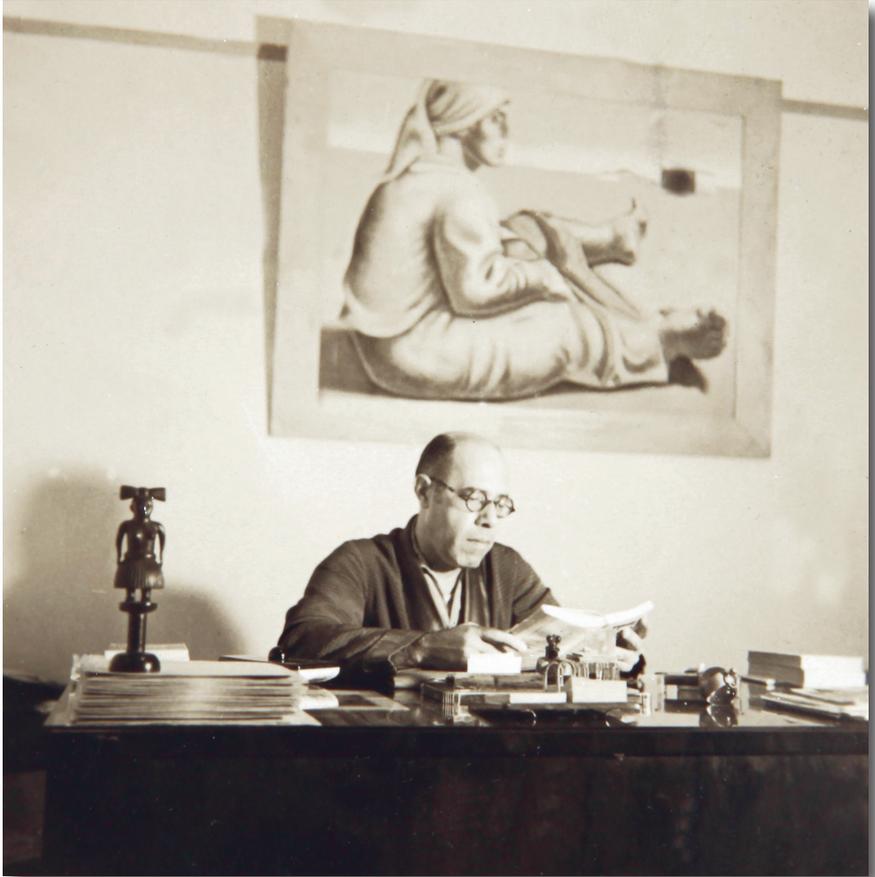
Nota de trabalho: recomendações para si sob o título "Gramatinha". Documento no envelope 12-I - Ideias gerais (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP - Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-MMA-051-255).



Mário e a escuta das ruas: primeira viagem etnográfica ao Norte do Brasil – Mercado de Belém, 23 mai. 1927 (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP –Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-F-0185).



Mário, homem público: instalação solene do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, realizado de 7 a 14 de julho de 1937 no Theatro Municipal de São Paulo. Mário enquanto lia a “Exposição de motivos” ao lado de intelectuais e autoridades políticas (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-F-1564).



Redoma da criação: Mário em sua escrivaninha [1938]. Compõem o registro fotográfico a tela A colona, de Cândido Portinari, e a escultura Oxê de Xangô, do interno Augusto, do Hospital Juliano Moreira, estado da Paraíba. (Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros USP – Fundo Mário de Andrade, código de referência: MA-F-1873).

Sobre a organizadora

Aline Novais de Almeida, que realizou a pesquisa, organizou o volume, estabeleceu texto e notas e assina a apresentação, é bacharel e licenciada em Letras pela FFLCH-USP, onde defendeu mestrado sobre Mário de Andrade (2013) e doutorado sobre Murilo Mendes (2019). Especialista em Tecnologias, Comunicação e Técnicas de Ensino (2018) pela UTFPR. Membro do Conselho Científico e da equipe editorial da *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*. Atua como professora e pesquisadora cujo principal campo de interesse gravita em torno da literatura brasileira, com particular ênfase no modernismo, tema de seus artigos e palestras.

Sobre os colaboradores

Lígia Rivello Baranda Kimori, que contribuiu com o estabelecimento de texto e as notas de pesquisa, é bacharel e licenciada em Letras pela FFLCH-USP, onde se especializou em língua francesa (2007). Defendeu mestrado (2014) e doutorado (2020) sobre Mário de Andrade na mesma instituição. Atua como professora, tradutora de francês e pesquisadora de temáticas concernentes à crítica genética, à literatura brasileira e ao modernismo, conteúdo de seus artigos.

Ataliba T. de Castilho, que escreveu o prefácio, é bacharel e licenciado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (1956-1959), curso de especialização em Filologia Românica (1960), doutor em Linguística (1966) e livre-docente pela mesma universidade (1993). Desenvolveu pesquisas de pós-doutoramento nas Universidades de Coimbra, Texas em Austin, Cornell, Aix-en-Provence, San Diego na Califórnia, Padova, Georgetown University. Lecionou Linguística Portuguesa nas Universidades do Texas em Austin (1970), UNESP, então denominada CESESP (1961-1975), UNICAMP (1975-1991), USP (1992-2017). Escreveu seis livros, organizou 17, resultantes dos dois projetos coletivos que coordenou (Projeto de Gramática do Português Falado, Projeto de História do Português Brasileiro), publicou 92 artigos e muitas resenhas. Professor Emérito da Universidade de São Paulo.

Sérgio Rodrigues, que preparou o posfácio, é escritor e jornalista, autor, entre outros livros, do romance *O dribble*, livro do ano de 2013 no prêmio Portugal Telecom (atual Oceanos), e do almanaque linguístico *Viva a língua brasileira!* (2016), ambos lançados pela Companhia das Letras. Mantém uma coluna semanal sobre língua e linguagem na *Folha de S. Paulo*.

Copyright © Fundação Alexandre de Gusmão



Acompanhe nossas redes sociais

@funagbrasil



Impressão: Gráfica e Editora Qualytá Ltda.

Papel da capa: cartão duplex 250g/m²

Papel do miolo: pólen similar 80g/m²



A Portaria nº 365 do Ministério das Relações Exteriores, de 11 de novembro de 2021, dispõe sobre o Grupo de Trabalho do Bicentenário da Independência, incumbido de, entre outras atividades, promover a publicação de obras alusivas ao tema.

No contexto do planejamento da efeméride, a FUNAG criou a coleção “Bicentenário: Brasil 200 anos – 1822-2022”, abrangendo publicações inéditas e versões fac-similares. O objetivo é recuperar, preservar e tornar acessível a memória diplomática sobre os duzentos anos da história do país, principalmente volumes que se encontram esgotados ou são de difícil acesso. Com essa iniciativa, busca-se também incentivar a comunidade acadêmica a aprofundar estudos e diversificar as interpretações historiográficas, promovendo o conhecimento da história diplomática junto à sociedade civil.

